LIE TZU

TRATADO DA PLENITUDE DO VAZIO

O Caminho sem Caminhos

Tradúcão: Amadeu António

(SUTRA OF FULNESS AND EMPTINESS)

(Com base no original das traduções de Eva Wong e Lionel Giles)

INTRODUÇÃO

As palavras do taoista Lie-Tzu, nascido por volta de 400 AC, dois séculos após Confúcio e Lao-Tzu, foram registadas (e talvez mesmo alteradas e incrementadas) por altura das dinastias Han e Chin (200- 400 dc). Ele viveu no período primaveril e outonal da dinastia ocidental de Chou (770-476). A maioria dos historiadores concorda agora que ele tenha vivido por volta de 400 AC, cerca de duzentos anos após Lao-Tzu e Chuang-Tzu. Teve a posição de cidadão do reino feudal de Cheng, e à semelhança de muita gente do seu tempo que se via cansada das lutas e intrigas políticas, ele jamais ocupou um cargo governamental. Tinha a reputação de ter estudado sob a alçada de Wen-Tzu, que foi um estudante de Lao-Tzu, e de vários outros personagens obscuros e lendários tal como Hu-tzu e Old Shang, o Imortal.

Aquilo que nos chega através dos textos que prevalecem, que foi escrito ao longo de um período de seiscentos anos, não se assemelha às palavras de um mestre que se encontrava acima dos outros, mas à voz de alguém que se ri de si mesmo e de todos os esforços por permanecer atento, sábio e íntegro. Contudo, durante os cem anos mais ou menos em que foi compilado, o Lie-Tzu não recebeu o tipo de atenção que fora dado ao Lao-Tzu e ao Chuang-Tzu. Além disso, por o Lie-Tzu conter mais histórias do que debate filosófico formal, mais rejeitado foi como um trabalho menor.

Quando o Taoismo alcançou o topo do seu desenvolvimento na dinastia Tang (entre o século sete e dez), porém, o Lie-Tzu, o Lao-Tzu e o Chuang-Tzu foram reconhecidos como os três clássicos do Taoismo. A partir daí, o lugar que teve nos clássicos Taoistas foi firmemente estabelecido.

O Lie-Tzu constitui uma colecção de histórias e de reflexões de carácter filosófico. Embora as histórias tenham sido estabelecidas no período primaveril e outonal e nos primeiros anos dos Estados em Guerra, os seus ensinamentos reflectem o tipo de Taoismo que prevaleceu nos anos posteriores dos Estados em Guerra, as dinastias Chin, o Han, e mesmo a Wei e a Chin, ou seja, até cerca de 420DC. Durante esses anos, a China encontrava-se num estado de caos político e social. Já antes por volta de 600AC na dinastia Chou Ocidental, os governantes dos estados feudais disputavam o poder, primeiro por vias encobertas e diplomáticas durante o período primaveril e outonal, e mais tarde em guerra aberta durante o período dos Estados em Guerra. O forte prevalecia enquanto o fraco perecia. Foi a era dos "estadistas mercenários", conselheiros políticos e militares que ofereciam as suas aptidões a quem pagasse mais.

A política era coisa suja, os membros da família espiavam uns os outros e os assassinatos eram coisa comum. A traição e a intriga achavam-se disseminadas por entre os funcionários do governo, e uma pessoa podia facilmente perder a vida no jogo perigoso da política, por a virtude e a lealdade não garantirem segurança. Sob tais circunstâncias, que coisa poderiam as pessoas fazer? Muitos optavam por entrar no jogo da política e assumir os riscos, mas outros, como Lie-Tzu, preferiam permanecer afastados.

Já tinham existido eremitas mesmo antes dos Estados em Guerra, só que eram indivíduos que tinham as suas razões para abandonarem a sociedade. Apenas no Lie-Tzu ser eremita ou recluso foi apresentado como uma forma de vida alternativa. Aqueles que se retraiam do mundo político e social podem ter sido capazes de sobreviver e ainda assim de preservar a sua integridade pessoal.

Como se as coisas não fossem suficientemente más, os Estados em Guerra terminaram no governo tirânico da dinastia Chin (221-207AC). Numa tentativa de esmagar a oposição, o imperador Chin mandou executar os académicos e queimar livros. Os primeiros anos da dinastia Han Ocidental (206-8AC) providenciaram uma breve pausa no reino de terror, mas após uns cem anos de paz, surgiram de novo intrigas na corte, e eventualmente Wang Meng, um poderoso ministro, afastou o fraco imperador, dissolveu o Han Ocidental e fundou a sua própria dinastia (9-42DC).

Durante a dinastia Han Ocidental o Confucionismo foi favorecido pelos imperadores, que tinham esperado uma filosofia que promovesse a propriedade, a virtude, e uma responsabilidade que criassem uma estrutura social estável. Que um ministro pudesse depor um monarca provocou não só um golpe à continuidade política da dinastia Han como também pôs em questão a efectividade do Confucionismo no estabelecimento da estrutura social. Desiludidos com o Confucionismo, muitos intelectuais abandonaram-no em favor do Taoismo, que na altura advogava o não envolvimento na política e se focava no cultivo da pessoa.

Embora a dinastia Han tenha sido reavivada após Wang Meng ter sido derrotado e morto, a paz teve vida curta. Em menos de quarenta anos, apareceram de novo intrigas na corte, dessa vez mais viciosas do que nunca, e os eunucos tornaram-se intervenientes importantes na política da corte. Facções nas elevadas posições do governo digladiaram-se umas às outras por controlo de imperadores jovens e fracos, e assassinatos e traições uma vez mais se tornaram no modo de tratar os rivais.

Numa tentativa de eliminar os eunucos, um dos generais, Yuan-shao, recrutou o auxílio de um chefe de clã bárbaro, mas o plano foi descoberto e o próprio Yuan-shao foi morto. Quando os exércitos bárbaros chegaram à capital, eliminaram os eunucos, saquearam e pegaram fogo à zona interior,

e recusaram-se a ir embora. Desse caos surgiu Tsao-tsao, um ministro ambicioso que depôs os bárbaros, se tornou regente, e tomou o controlo do imperador. Isso foi seguido de uns cinquenta anos de guerra-civil em que os três reinos de Wei, Shu e Wu se combateram pelo controlo da região.

Durante esse período a vida era, quando muito, precária. Nos Estados em Guerra podia-se sobreviver permanecendo longo da política. Nos últimos anos das dinastias Han e Wei, permanecer afastado não era opção. Para o clã Ssu-ma, permanecer afastado significava que não os suportavam. E não os suportar significava oposição manifesta, e ao se oporem a eles, tinham que ser eliminados. Foi um período em que ser virtuoso e leal não os podia salvar, armar esquemas e ser inescrupuloso lhes podia custar a vida e evidenciar vontade de se afastar da situação os podia conduzir à morte. Sob tais circunstâncias, que poderiam fazer? Se a vossa vida estivesse em perigo a cada instante, de que serviria fazer planos para o amanhã? Por que não reconhecer a brevidade da vida, que não têm controlo sobre o destino, e que renome fortuna, e reputação social não valiam o sacrifício de um só dos vossos cabelos? Foram estas condições sociais e política que deram início à filosofia discutida no capítulo Yang-shu do Lie-tzu.

Talvez as vidas de um grupo de pessoas conhecidas como os Sete Sábios do Bosque do Bambu melhor ilustrem esta perspectiva da vida. Esses sete amigos encontravam-se amiúde na floresta de bambus e passavam o seu tempo a cantar, a tocar música, e improvisar poesia, e a beber. A sua poesia e cantigas versavam sobre a natureza transitória da vida e da vaidade (vazio) que constituíam a fama e a fortuna. Para eles, as convenções sociais e as regras da propriedade eram piores do que a prisão política. Essas regras sociais sufocavam a liberdade de pensamento, de acção, e do sentir.

A vida de Lui Ning, (Lui-I-Ming?) um desses sete amigos, representou em si mesma uma rebelião contra todas as convenções sociais do seu tempo. Ele permaneceu afastado da política e evitou a vida social. Andava despenteado, de pés descalços, e passava o tempo a beber e a escrever poesia. Num dos seus poemas escreveu: "Se eu morrer à beira do caminho, abram simplesmente uma cova e enterrem-me nela." Numa outra das cantigas da bebida ele gracejou que era melhor e mais seguro passar a vida num torpor alcoólico do que estar ao corrente do que se passava no mundo. Embora a via alternativa que o Lie-Tzu advoga não atinja atais extremos, possui a mesma coragem de se rir das pessoas ocas que perseguem objectivos vazios na vida.

Que propósito terá a vida? Para alguns, o objectivo do viver reside em tornar-se um cidadão útil e servir a sociedade e a nação, obter renome e contribuir para as artes e as ciências. Contudo quando os tempos são de opressão e as pressões sociais e políticas ameaçam ditar as ideias e as acções das pessoas, o homem sensato que muitas coisas na vida excedem o seu controlo e não se dispõe a trocar a liberdade e a paz de espírito por uma vida

de ansiedade que acompanha a fortuna e o renome. Foi uma perspectiva de vida dessas que incitou o grandioso poeta chinês Tu Fu a clamar: Não importa o quão famosos sejais, um dia destes deveis morrer," e o filósofo Yang Chu a dizer: " Na vida podemos ser todos diferentes, mas na morte todos iguais." Esta voz ecoa por todo o Lie-Tzu, e adverte-nos de que nome, título, e reputação social não valem o sacrifício da saúde física e do bem-estar mental.

Muita gente pensa que todos os Taoistas tenham sido eremitas que se tenham retirado das questões mundanas. Isso não corresponde à verdade dos factos. Na história da China, nem todos os Taoistas eram reclusos. Alguns achavam-se activos nas instituições políticas, trabalhavam de perto com o governo e recebiam apoio imperial. Durante a dinastia Yuan (1271-1368DC) sob a liderança de Chiu Chang-Chun, a Escola Taoista da Completa Perfeição, ou Quanzhen, apoiou o imperador e serviu a região na qualidade de conselheiros espirituais.

Também havia taoistas que não se satisfaziam com o status quo mas que acreditavam que poderiam ser feitas alterações por meio de reformas na política existente e no sistema social. O grande sábio taoista e erudito da dinastia Sung, Chen Hi-yi, era uma pessoa assim. Ele não serviu como conselheiro espiritual por forma nenhuma oficial, mas as propostas que elaborou com vista à reforma política e social foram adoptadas pelo imperador. A proposta mais famoso que fez ao imperador Sung envolveu preservar Hua-shan como um santuário Taoista.

Depois existiam taoistas que não aceitavam o estado das coisas mas que não acreditavam na reforma. Em vez disso, procuraram substituir o sistema estabelecido por meio da rebelião e da revolução. Chan-tao-liang, o homem que ganhou reputação de ter tornado o Taoismo de uma filosofia que era numa religião – constituiu um exemplo disso. Um exemplo mais recente foi a revolta Boxer do virar deste século 20, que envolveu Taoistas Maoshan (uma seita que advogava práticas mágicas).

Por fim, existiam Taoistas que nem apoiavam o status quo nem acreditavam que a reforma e a revolução pudessem representar opções viáveis. Não queriam, fazer parte de nenhum grupo, quer fosse pro ou contra ao sistema estabelecido. Esses eram os eremitas ou reclusos, e o seu modo de vida é apresentado no Lie-Tzu.

Até mesmo os eremitas têm diferentes razões para uma vida de ausência de envolvimento, e eram aqueles que se tornavam eremitas em protesto contra um governo estabelecido, como Po-yi e Shu.chi, que prefeririam morrer de fome nas regiões selvagens do que servir um senhor inimigo. Havia quem decidisse tornar-se eremita devido ao cansaço e à desilusão que sentiam em relação ao mundo, como o Taoista Lao-Tzu, e Lu Tung-pin. Depois havia aqueles que, á semelhança de Lie-Tzu, se tornavam

eremitas não por questões de desapontamento ou de protesto contra o sistema mas antes por inclinação natural de reclusos.

Lie-Tzu era um eremita natural. A partir da escassa informação que nos chega acerca dele, ficamos a saber que, ao contrário de Lao-Tzu, ele jamais ocupou uma função. Ao contrário de Lu Tung-pin, ele jamais aspirou a ter um cargo ou a obter êxito na política. Tinha por disposição natural viver uma vida simples e tranquila, afastado dos assuntos turvos do mundo.

Os textos taoistas contêm uma filosofia destinada a ser vivida. Quando lemos livros sobre Taoismo, esperamos que os ensinamentos nos despertem e nos iluminem, e nos guiem nas nossas vidas. Mais do que qualquer outro texto, o Lie-Tzu apresenta uma filosofia prática de vida cuja mensagem é melhor entendida se escutarmos ao texto do que se o lermos. Este livro constitui uma tentativa de deixar que Lie-Tzu nos fale como se estivesse presente. Tem a esperança de comunicar a intenção do texto ao permitir que o texto fale por si próprio. Esse método de apresentar um texto é chamado de "expor" o texto, e não é de forma nenhuma novo. Faz parte da disciplina da hermenêutica, uma técnica que tem sido utilizada primordialmente na interpretação do sentido dos textos religiosos.

As ideias principais da hermenêutica são as seguintes:

- Um texto possui muitos níveis de significado. O sentido que a semântica do texto carrega constitui o sentido superficial.

- Um nível mais profundo de sentido é expressado na forma como as palavras são expressadas, e não só no que é pronunciado no texto.

- Níveis ainda mais profundos de sentido acham-se contidos na "intenção" de um texto, que constitui a sua "voz".

- Os níveis ainda mais profundos do significado podem ser captados pela escuta.

- Textos religiosos e espirituais tendem a conter vários níveis de significado. O objectivo da hermenêutica consiste em "expor" o texto de forma que os níveis do sentido possam ser revelados.

A sabedoria é intemporal e transcende a linguagem. Ao mesmo tempo, a linguagem pode ser utilizada para expor o sentido de um texto. Se pudéssemos ver-nos livres das restrições linguísticas, eliminar o processo da tradução de uma língua para outra, e ir directamente dos ensinamentos do Lie-Tzu para dar expressão à sua voz na língua Portuguesa, isso havia de requerer que nos posicionássemos no estado de espírito em que o Lie-Tzu deva ter vivido, ou pelo menos pudéssemos ter afinidade pelo Lie-Tzu. Para isso precisamos tornar-nos unicamente num canal do Lie-Tzu, e deixar que ele flua naturalmente após nos termos imerso por completo nos seus

ensinamentos. Quando mais vazia tivermos a mente, mais clara será a voz do texto. Assim, expor um texto e revelar o sentido que tenha requer espírito tranquilo, bem ao contrário de um estado de espírito analítico exigido pelo trabalho de tradução.

Qual será, pois, a voz do Lie-Tzu? Para mim é uma voz amiga, informal, e não a voz de um sábio omnisciente ou mestre. É a voz de alguém que dá conselho não porque seja um perito, mas por ter cometido erros e aprendido com eles. Procede de uma pessoa que nos permite dar atenção. Ele fala, pausa, e quando respondemos, ele volta a falar.

Não obtenho a mesma sensação da leitura do Lao-Tzu. O Lao-Tzu fala como um sábio que apresenta as suas ideias de uma maneira organizada. Além disso, quando terminamos a leitura, não resta nenhum período de interrogação. Cabe a nós inteiramente compreendê-lo.

O Chuang-Tzu transmite uma sensação diferente. O Chuang-Tzu é um excêntrico que se ri de si mesmo e não se interessa por se fazer compreender. Chuang-Tzu vagueia por um mundo diferente do nosso, completamente afastado dos assuntos do quotidiano. Ele vive num mundo em que as coisas vêm e vão em instantes fugazes, e em que o solo da realidade se encontra em constante mudança. Vez por outra conseguimos captar-lhe um vislumbre, mas teria sido impossível permanecer a seu lado e conversar com ele.

O Lie-Tzu é diferente. Lie-Tzu vive no nosso mundo e fala de experiências que conseguimos compreender. Fala sobre a vida e a morte, a fortuna e o infortúnio, o ganho e a perda, coisas por que nos interessamos, e problemas que queremos resolver na nossa própria vida. Ele fala da corrida alucinada pela fortuna e pelo renome e os infortúnios da busca do reconhecimento social. Desdenha das pressões sociais e das ocupações ocas dos ricos e famosos. Fala sobre a amizade, a comunicação humana, os sonhos, a realidade, e aprendizagem. Fala de coisas que não nos atrevemos a falar, mas quando lhe damos ouvidos, podemos sorrir, rir, ou acenar com a cabeça em concordância. O despertar da ignorância não é rude mas suave. É como se alguém suavemente nos abanasse e acordasse de um sono profundo. Assim, enquanto Lao-Tzu nos fala e o Chuang-Tzu fala dele próprio, o Lie-tzu conversa connosco.

Lie-Tzu formula interrogações que nós colocamos a nós próprios regularmente: Que será a vida e a morte? Porque correrão as coisas sem problemas para alguns e não para outros? Como poderemos lidar com a ansiedade e a frustração no nosso quotidiano? De que forma poderemos aprender de uma forma mais efectiva? Que coisa será a felicidade na vida? Porque existirão tantos problemas no mundo? Os bens materiais e os ganhos sociais valerão a pena? Ele guia-nos numa direcção onde poderemos encontrar as respostas. E somente quando tivermos encontrado as nossas respostas para essas questões que fará sentido pensarmos na natureza do

yin e do yang, em como essas energias interagem no universo e nos nossos corpos, como a energia circula no corpo e a que se assemelha a união com o Tao. Por outras palavras, o Lie-Tzu ajuda-nos a erguer as fundações necessárias para os elevados níveis do treino Taoista.

O lao-Tzu e o Chang-Tzu falam-nos do estado de iluminação. Descrevem a que se assemelha unir-se ao Tao e ficar repleto do sopro indiferenciado da origem. Não nos é dito coo esses sábios atingiram a iluminação nem do caminho que tiveram que seguir. Por outro lado, o Lie-Tzu mostra-nos as lutas que uma pessoa que tenta alcançar o esclarecimento enfrenta. Vemos o Lie-Tzu às apalpadelas nas tentativas que empreendeu; vemo-lo rir-se de si próprio. Vemos o tipo de treino a que teve que sujeitar-se e os obstáculos que teve que suplantar. É-nos mostrado a que se assemelha o caminho da iluminação ao invés do seu alcance.

Enquanto Lao-Tzu e Chuang-Tzu não mais se importam com o mundo por o terem transcendido, o Lie-Tzu precisa lidar com problemas bem concretos, o mesmo tipo de problemas com que teríamos de lidar caso pretendêssemos embarcar num caminho espiritual. Ele tem que competir com pressões sociais, problemas financeiros, a política do seu tempo, e a dúvida-própria e egocentrismo. Nem Lao-Tzu nem Chuang-Tzu nos narram os problemas que tiveram que enfrentar pelo caminho até atingirem a iluminação.

Quando os defrontamos, eles já são esclarecidos, e falam do estado pós-iluminação. Por outro lado, o Lie-Tzu fala do processo para a alcançar. O conhecimento do estado final do treino espiritual é certamente importante, mas o conhecimento dos passos necessários ao processo é inestimável. Além disso, por nos podermos relacionar com os problemas que Lie-Tzu encontrou, descobrimos que o seu esclarecimento é muito mais efectivo e fiável.

O Lao-Tzu descreve o estado de realidade que o sábio experimenta; o Chuang-Tzu descreve o estado de espírito em que o sábio vive. Quantos sábios taoistas estarão na disposição de revelar experiências inerentes às suas vidas pessoais a título de exemplo para os outros? O Lie-Tzu não receia dizer-nos que passou imenso tempo a aprender sob a instrução do Velho Imortal Shang. Nem teme admitir que foi tolo ao pensar que tenha dominado a arte do tiro ao arco quando não o conseguiu. Mesmo quando se tornou num mestre autêntico, admitiu que desfrutava da atenção e da lisonja.

A sua esposa não tinha medo de o repreender, nem ele ficava frustrado com os ataques de fúria dela. Todas estas coisas nos revelam que ele era uma pessoa acessível e humilde. Quantos sábios, após terem ficado iluminados, conseguiram voltar para os seus lares, ajudar na lida da casa e na cozinha, sem querer a atenção de discípulos ou admiradores?

Muita gente não admite as histórias do Lie-Tzu seriamente e narra-as como contos de fadas. Mas é precisamente por algumas histórias se acharem tão afastadas da realidade do nosso quotidiano que conseguem dar-nos conta de coisas que de outro modo acharíamos difíceis de aceitar. Se o Lao-Tzu é poesia e o Chuang-Tzu é prosa, então o Lie-Tzu constitui uma série de histórias em quadrinhos. Exagerando os aspectos ridículos das acções humanas, ele retracta a condição humana com bom humor e zomba dos tabus sociais. Quando rimos do humor retractado nas histórias de quadrinhos, em essência estamos a rir de nós próprios. Desse modo, enquanto o Lao-Tzu constitui a voz da sabedoria sincera e o Chuang-Tzu representa a voz da sabedoria tresloucada, o Lie-Tzu constitui a voz da sabedoria bem-humorada.

A filosofia do Lao-Tzu é iminente, e procede de cima; podemos admirá-la e esperar conseguir segui-la, mas é de difícil alcance. A filosofia do Chuang-Tzu procede de um mundo bastante diferente do nosso; podemos tentar captá-lo, mas revela-se demasiado esquivo de captar. A filosofia do lie-Tzu vem da posição em que nos encontramos. Fala-nos ao nosso nível e fala de experiências relacionadas connosco e que conseguimos compreender. Finalmente, o Lie-Tzu representa a voz que podemos ouvir seja onde for que estejamos ou o estado de espírito em que nos encontrarmos.

Alguns textos falam apenas nas salas de aula; outros apresentam-se melhor num retiro de montanha. Certos textos falam-nos quando nos sentimos em baixo e outros quando nos sentimos calmos e em paz. Seja qual for o que estado de espírito em que nos encontrarmos, o Lie-Tzu sempre tem algo a dizer. Podemos ouvi-lo falar nas ruas apinhadas das horas de ponta; podemos ouvi-o quando trabalhamos sossegadamente nos nossos jardins, ou enquanto damos um passeio à tarde, ou mesmo em meio a uma festa apinhada de gente. Sentimos reverência pelo Lao-Tzu, perplexidade perante o Chuang-Tzu, mas nunca temor do Lie-Tzu.

Da Introdução de Eva Wong

SINOPSE

PARTE 1 – AS DÁDIVAS DO CÉU: ACERCA DA NATUREZA DO TAO E DA ORIGEM DAS COISAS

Todas as coisas têm origem no Tao, o vapor primordial indiferenciado que concede vida a todas as coisas. A criação tem quatro estágios: a Unidade Primordial, em que todas as coisas eram indiferentes umas das outras; o Emergente Primordial, quando o Vapor Primordial assumiu forma e tudo abrangeu no seu abraço; o Começo Primordial, quando as energias yin e yang interagiram a fim de produzirem as formas e os contornos das coisas; e a Substância Primordial, em que as formas assumiram qualidades e características definitivas.

A humanidade constitui um produto da interacção das energias yin e yang, e, à semelhança de todas as coisas vivas, percorremos um ciclo de nascimento, crescimento, e de morte. Desse modo, nascimento e morte constituem ocorrências naturais e não deveriam ser combatidas.

Por devermos a nossa existência ao Tao, não somos senhores dos nossos corpos, nem tampouco temos controlo sobre o nosso destino. Todas as coisas vêem e vão naturalmente. O que tiver que vir virá sem que o ajudemos, e o que tiver que ir irá independentemente do quanto arduamente tentemos impedi-lo. Este é o caminho do Tao. Somente aqueles que entenderem isso poderão ser livres da ansiedade do nascimento, do crescimento, e da morte.

(NT: Toda esta última a noção de destino aqui apontada assenta numa enorme distorção, e a impossibilidade de dirigirmos o rumo das nossas vidas é próprio das abordagens indulgentes para com o "poder superior" implícito às noções ancestrais da fatalidade, pelo que se apela à compreensão do leitor para os múltiplos factores que terão contribuído para tal, como limitação de crença da época e mesmo vagas as sucessivas de interpretação e de tradução baseadas na inclinação natural do tradutor)

PARTE 2 - O IMPERADOR AMARELO: SOBRE A NATUREZA DA CEDÊNCIA OU NÃO RESISTÊNCIA

Na segunda parte o Lie-Tzu fala sobre a arte da cedência. O rígido ramo de uma árvore quebrará diante de uma forte ventania, enquanto um ramo brando e flexível sobrevive à tempestade. O conhecimento da reacção à força com cedência e de como absorver a força com a suavidade constitui a chave da sobrevivência.

No tempo do Lie-Tzu, as nações pequenas podiam somente sobreviver ao deixarem de opor resistência à força, e uma pessoa só conseguia permanecer viva se não marrasse com as potências mais fortes. Conforme

o Lao-Tzu tinha ensinado: "De todas as coisas, nada é mais brando do que a água, e no entanto ela consegue desgastar as rochas." É igualmente isso que o Lie-Tzu recomenda. Enquanto a água pode fluir através das fendas das rochas, ramos e troncos de árvores são rachados por penedos.

A cedência também constitui o segredo da transcendência dos limites do corpo e da mente. Apenas aqueles que não combatem os elementos podem fundir-se neles; ao faze-lo, podem permanecer debaixo de água sem se afogarem e caminhar sobre fogo sem se queimar.

Por fim, a cedência para com a ocorrência natural da vida e da morte e do ganho e da perda preparar-nos-á para o que acontecer. Não nos excitaremos com o ganho nem entristeceremos com a perda. Desimpedidos pelo medo, pela ansiedade, ou pelo entusiasmo, teremos liberdade para proclamar o que nos acometer, para pensar o que nos vier naturalmente à ideia, e para fazer o que naturalmente nos brotar do coração.

PARTE 3 – O REI MU DE CH'OU: ACERCA DA NATUREZA DA REALIDADE

Aqui, Lie-Tzu questiona as perspectivas convencionais da realidade e pergunta: "Que coisa será o real?" Com isso faz eco ao Chuang-Tzu, quando este dizia: "Estarei a sonhar que sou uma borboleta, ou serei uma borboleta que sonha que é um homem?"

Para o Lie-Tzu, a realidade não é permanente conforme pensamos que seja. As fronteiras entre o real e o irreal, o despertar e o sonhar, são difusas. Por conseguinte, porquê dar tanta importância às coisas impermanentes tais como fama e fortuna? Porquê forçar-nos a nós próprios a limites desnecessários e padecer de ansiedade e de infelicidade em nome da virtude e da honra? Para além disso, a adopção de uma abordagem alegre e despreocupada para com o que é real poderá ajudar-nos a ter menos apego e a envolver-nos menos. Em resultado, tal como o homem que sente saudades que percebe que se aborrece por nada, poderemos compreender que a forma como nos sentimos depende daquilo em que acreditamos.

PARTE 4 – CONFÚCIO: SOBRE A NATUREZA DA ILUMINAÇÃO

De acordo com o Lie-Tzu, a diferença entre a pessoa esclarecida e o não esclarecido tem lugar na relação existente entre mente e corpo e o próprio e os demais. O sábio Kang-Sen-Tzu conseguia ver e perceber sem olhos e ouvidos por ter a mente em sintonia com tudo o que o rodeava. Por vezes as pessoas esclarecidas ocultam a proficiência de que gozam, como o Conde de Kung-Yi. Por vezes, à semelhança de Nan-Kuo-Tzu, e de Kung-Sun-Lung, portam-se de modo contrário, ao apresentarem estranho argumentos e ao falarem por paradoxos para despertar os outros da ignorância. Mas em todos os casos, o sábio nem critica nem faz troça dos outros. E acima de tudo, para a pessoa iluminada, o esclarecimento espiritual constitui uma experiência comum e vulgar alcançável por qualquer um.

PARE 5 – AS INTERROGAÇÕES DE T'ANG: ACERCA DA NATUREZA DA ATITUDE

Nesta secção, Lie-Tzu fala acerca das atitudes e do quão elas nos afectam. Atitudes há que nos destruirão, como o orgulho, a competitividade, e a vingança. Existem atitudes que nos libertam da ansiedade e do estrese, como o desapego, a tranquilidade, e a paz interior.

O facto de uma dada coisa poder ser chocante ou não depende da atitude com que a abordamos. A compreensão e a comunicação dependem igualmente da atitude. Se escutarmos com uma mente serena e não deixarmos que as nossas ideias nos distraiam, entenderemos os outros mesmo antes de pronunciarem as palavras. As pessoas que insistem deliberadamente em esclarecer a semântica destruirão tal atitude e limitarão a comunicação ao discurso e à palavra, e nenhuma compreensão espontânea ou intuitiva será possível.

A aprendizagem também requer uma atitude certa. Quer estejamos a cultivar a arte ou a ciência ou a dominar uma habilidade física ou a destreza mental, precisamos dissolver a barreira existente entre nós e o que é cultivado. A prática requer a capacidade de traduzir a intenção pela acção, o que por sua vez requer que o corpo tenha espontaneidade e capacidade de resposta e a mente permaneça imóvel e clara. Por conseguinte, em toda a matéria de aprendizagem, o treino de mente e de corpo são igualmente importantes. Se a mente estiver imóvel mas o corpo não tiver capacidade de reacção, nenhuma intenção conseguirá ser comunicada ao corpo. Se o corpo tiver capacidade de reacção e a mente se encontrar confusa, as acções resultarão confusas.

Por fim, o ensino requer igualmente uma certa atitude. O verdadeiro professor é aquele que reconhece as suas limitações. Quantos professores ou peritos hoje poderão assemelhar-se a Confúcio, que era capaz de admitir às crianças não saber as respostas para as suas perguntas?

PARTE 6 - ESFORÇO E DESTINO: ACERCA DA NATUREZA DOS ACONTECIMENTOS

De acordo com Lie-Tzu, sorte e o infortúnio, a vida e a morte, sucedem por si próprias sem qualquer direcção ou controlo da nossa parte ou da parte de um ser supremo. (NT: O que constitui claramente um mito, conforme o conhecimento que nos chega actualmente, recordemos, embora esta passagem encerre um sentido nuclear algo diferente) Posto isso, porque preocupar-se com coisas em relação às quais não podemos fazer muito? Por que razão procurar predizer o que pode suceder e antecipá-lo com a ansiedade?

Lie-Tzu não sugere que devamos ser mórbidos e abraçar o destino. Ele sente que devíamos ser gentis connosco próprios se não quisermos matar-nos procurando fazer com que as coisas sucedam ou impedindo a sua ocorrência. Muitas vezes, sentimo-nos seguros quando pensamos ter

considerado uma situação de todas as perspectivas ou sentimos que todas as contingências tenham sido previstas. Porém, tal sentido de segurança é falso, por ninguém poder garantir o que ocorrerá e o que deixará de ocorrer.

O imperador de Chin ergueu uma enorme muralha e silenciou a oposição numa tentativa de fazer com que o império perdurasse, mas a sua dinastia caiu após a sua morte. Podemos procurar tomar precauções e assegurar-nos das coisas em prole dos nossos filhos e sucessores, mas nada garante que as coisas saiam da forma que pretendemos.

Por fim, o Lie-Tzu adverte-nos de que, como não exercemos controlo sobre as circunstâncias externas, a única coisa que podemos fazer é controlar as reacções que lhes movemos. Por conseguinte, quando menos apegados formos para com os acontecimentos que nos rodeiam, menos conduzidos a eles seremos, emocionalmente. Para Lie-Tzu a aceitação do destino não significa submissão à fatalidade. Trata-se de reconhecer que muitas são as coisas que se acham além do nosso controlo e que nós não somos impulsionadores dos acontecimentos. (NT: Ora, cá está o conceito inamovível que parece ser o mais difícil de destronar – o que que não criamos TODA a nossa realidade! Característico.) O mundo não revolve ao nosso redor. À semelhança de tudo o mais, somos apenas uma parte do desenrolar dos acontecimentos.

PARTE 7 – YANG CHU: ACERCA DA LIBERDADE PESSOAL E DA CAUSALIDADE

A mensagem da sétima parte é muito simples e directa. A vida é curta e transitória; fama e renome são vazios, e as regras sociais e as convenções sufocam a liberdade pessoal.

O capítulo subordinado ao Yang Chu é muitas vezes considerado uma anomalia no Lie-Tzu. Contudo, se examinarmos os ensinamentos de Yang Chu de perto, perceberemos que estendem as ideias taoistas da não-acção e da simplicidade à questão da liberdade pessoal. Para ele, regras, regulamentos, normas e conquistas sociais tais como fama, respeito, renome e reputação são tudo obstáculos à liberdade de pensamento, de acção, de expressão, e do sentir. A abordagem que faz da vida é muito inequívoca e simples – vive a tua vida e não deixes que os outros te mandem em ti. Vive de acordo com os teus princípios e não pelos dos outros.

Contudo, a filosofia de Yang Chu não representa uma forma irresponsável de hedonismo em que muita gente a torna. Os conselhos que Yang Chu nos dá são de fazermos apenas o suficiente para levarmos uma vida de satisfação. Sabermos quando devemos parar, ou perderemos tudo.

Por fim, o Yang Chu tem algumas ideias perspicazes sobre tornar o mundo melhor, ou a "salvação do mundo". Ele pensa que se as pessoas não fossem

tão ansiosas por representar o herói ou o salvador e deixassem as coisas em paz, o mundo sair-se-ia muito melhor. Certa gente pensa que este tipo de não envolvimento seja egoísta e indiferente. Contudo, muitas foram as atrocidades que foram cometidas em nome do "tornar as coisas melhores". Se nos interrogarmos sobre quem tornarás as coisas melhores para quem", e "porque padrões," começaremos a entender o ponto de vista de Yang Chu. Culturas nativas foram destruídas por algumas pessoas pensarem que as coisas seriam melhores se os indígenas se tornassem "civilizados". Foram cometidos genocídios por alguém ter pensado que o mundo seria um lugar melhor se certos grupos étnicos fossem exterminados. Quando consideramos o imenso número de coisas que foram perpetradas em nome do tornar o mundo num lugar melhor, a asserção que Yang Chu faz de não sacrificar um cabelo em benefício do mundo provavelmente não seria a atitude egoísta e indiferente que é interpretada.

PARTE 8 – EXPLICANDO COINCIDÊNCIAS: ACERCA DA RELAÇÃO EXISTENTE ENTRE AS COISAS

Quer entendamos os acontecimentos como causa e efeito, uma resposta a uma situação, recompensa ou retribuição (punição), uma mera coincidência, ou um acidente, depende da forma como interpretamos os relacionamentos entre as coisas e os acontecimentos.

Acontecimentos há que não podem ser explicados, de forma que os atribuímos à sorte, a um posicionamento no lugar certo à hora certa. Enquanto muita gente não considera a sorte como um factor sério, Lie-Tzu pensa ao contrário. Se estivermos dispostos a admitir que a sorte desempenha um papel nas nossas vidas, seremos menos pretensiosos em relação ao êxito e menos deprimiremos em relação ao infortúnio. De modo similar, se aceitarmos que essas coisas simplesmente não podem ser explicadas, o mais provável é que as deixemos em paz e as não tentemos forçar ou tentemos impedir que ocorram.

LIVRO UM
COSMOGONIA
OU AS DÁDIVAS DO CÉU

INTRODUÇÃO

Os antigos diziam que o gigante Pan-ku tinha criado o mundo ao separar o céu e a terra com um enorme machado. As montanhas e os mares encaixaram nos seus devidos lugares; relva e arvoredo brotaram do solo, e os animais começaram a vaguear pela terra. Mas não existiam seres humanos. Então, a deusa Nu pegou numa terra amarelada, misturou-a com água das nascentes e formou uma pequena figura. Assim que a colocou no solo, esta pequena coisa saltou e correu e fez ruídos estranhos com a boca. O seu nome é "humanidade."

Os antigos chineses viam a vida como uma dádiva dos céus e reconheciam sermos feitos da mesma matérias das montanhas, da terra, das plantas e dos animais. Lie-Tzu, que compreendeu isso, disse: "O vosso corpo não é pertença vossa; a forma que o compõe foi-vos emprestada pelo céu e pela terra. A vossa vida não vos pertence; chegou a existir pela interacção das energias de céu e terra. A vossa mente e espírito não vos cabe controlar; elas seguem os modos naturais da terra e do céu. Os vossos filhos e netos não são posse vossa; eles não passam de flocos da vossa pele, por a procriação vos ter sido garantida pela terra e pelo céu.

Como a vida constitui um fenómeno natural, o melhor é deixar que assim seja. Não há necessidade de gastar tempo nem esforço a tentar moldá-la ou a restringi-la com regras e regulamentos. Ao contrário, devíamos utilizar o nosso tempo no nosso próprio cultivo, de modo a podermos vaguear e saber para onde nos dirigimos, contentar-nos e saber o que nos impede, e comer e saber a forma como obtemos nutrição." A isso se chama "esquecer-se de si," e alcançar esse estado de espírito é atingir o Tao.

1- AQUILO QUE É INCRIADO DÁ VIDA A TODAS AS COISAS

O nosso mestre Lieh-Tzu era pessoa humilde e sincera que vivia numa pequena porção de terra cultivada, no Estado de Ching havia quarenta anos e ninguém sabia apreciá-lo por aquilo que ele era. Os seus pensamentos e acções dizem-nos que ele era invulgarmente comum; era despretensioso e jamais exibia os conhecimentos que possuía. Ele levava uma vida simples e tranquila e não competia com os demais por reconhecimento. Por isso, tanto o Príncipe como os ministros e os demais oficiais do governo o tinham apenas na conta de mais um dos seus súbditos.

Sem os encargos e problemas associados à fama e à fortuna, Lie-Tzu podia levar uma vida de lazer e ser livre para fazer o que quisesse e para ir onde

quisesse. Para ele, ser um cidadão desconhecido era melhor do que ser uma pessoa detentora de poder e de responsabilidade. Numa altura em que os políticos faziam jogos de intriga, Lie-Tzu achava melhor permanecer em silêncio e ser sincero consigo próprio. Claro está que há coisas a que mesmo um sábio não pode escapar. Mas ao não se achar vinculado aos costumes e às convenções sociais, Lie-Tzu era capaz de lidar com a adversidade muito melhor que qualquer outra pessoa.

Mas, numa altura em que no Estado grassou a fome e ele deliberara emigrar para Wei, por pensar que para além do mais isso lhe daria a oportunidade de viajar para uma terra desconhecida e de alargar os horizontes do conhecimento que possuía, os seus discípulos perguntaram-lhe: "Agora que partis, sem que possamos prever data certa para o vosso regresso, ousamos finalmente interpelar-vos, mestre, em busca de instrução. Não terá o vosso mestre Hu Tzu proferido nada que possais repartir connosco?" Eles tanto insistiram que por fim ele lá disse: "Pensem nisto. Um homem experimentado jamais profere uma palavra, mas podemos constatar que tudo tem o seu lugar no universo. A natureza tem muito a ensinar-nos. Tudo quanto precisais é abrir os olhos e olhar. As mudanças que vêem na natureza seguem um curso; as quatro estações comportam-se de uma forma ordenada. Na verdade todas as questões humanas seguem os mesmos princípios dos trabalhos do céu e da terra. Que mais poderei dizer?"

Mas como os estudantes não se deram por satisfeitos e o continuaram a importuná-lo com perguntas, e um deles perguntou: "Senhor, apesar de sentires não teres nada a dizer, poderás pelo menos dizer-nos o que o vosso mestre Hu-tzu vos ensinou?"

Lieh Tzu sorriu e disse: "Supondes que Hu Tzu era homem de conversar? De qualquer forma procurarei repetir aquilo que ele transmitiu a Pohun Maoren, um condiscípulo meu. Eu encontrava-me por perto e consegui apurar o seguinte:

"Há muitas coisas no universo que não compreendemos. Por exemplo, certas plantas e animais requerem auxílio dos outros para crescerem e sobreviverem, ao passo que outras não. Nós, humanos, dependemos das plantas e dos animais para sobrevivermos. Também precisamos que parte da nossa comunidade cultive a terra e crie gado para sustentarem o resto de nós. Por outro lado, os cactos conseguem crescer nas condições mais hostis sem grande apoio para sobreviver. Em geral, aqueles que não dependem do ambiente externo para sobreviverem acharão a sobrevivência mais fácil do que aqueles que dependem. Quando o ambiente de apoio se extingue eles não perecem.

"Contudo, não devíamos desprezar aqueles que dependem dos outros para a sobrevivência e devíamos deixá-los crescer à sua própria maneira, por o seu modo de vida ter o seu lugar na manutenção do equilíbrio do universo.

Se tentarmos alterar o seu modo de vida, perturbaremos o equilíbrio das coisas, e a ordem do universo sairá perturbada.

"Todas as coisas têm o seu lugar no universo, quer sejam activas ou passivas, quer se movam ou não. Satisfazem a função que têm no mundo simplesmente pelo facto de existirem da forma que existem. Tudo desempenha a sua parte no processo da criação, da nutrição, da transformação e da destruição. A criação de uma coisa constitui a destruição de outra. Sempre que alguma coisa cresce e se desenvolve, alguma outra entra em decadência. A cada instante há nascimento e morte, vinda e ida. Quando algo desaparece, alguma outra coisa emerge. Isso constitui a lei do equilíbrio natural de todas as coisas. Se subsistisse apenas crescimento isento de decadência, então o mundo ficaria sobrepovoado com pessoas, animais ou vegetação. Se subsistisse apenas decadência sem crescimento, então a vida deveria desaparecer. Para que o mundo possa ter continuidade tem de existir equilíbrio entre todo o crescimento e decadência. Dessa forma a vida tem continuidade no universo. Tal processo jamais se detém.

"Portanto, existe um Princípio Criativo que, em si mesmo, é incriado, e um Princípio de Mudança que, em si mesmo, permanece inalterável. O Incriado é capaz de originar toda a vida e o Inalterável capaz de conduzir toda a mudança. Toda a produção de mudança está sujeita à continuidade. Do mesmo modo aquilo que se desenvolve está igualmente sujeito à evolução. Assim resulta um fluxo permanente de mudança e de evolução que, sob a forma de Lei, jamais cessa de operar. Assim aconteceu com os contrários de Yin e Yang, da mesma forma que com as quatro estações. Yin e Yang formam os Princípios positivo e negativo da Natureza, predominando de forma alternada sob o aspecto de dia e noite. Mas acerca do Incriado, podemos conjecturar apenas que permanece só em si mesmo. A realidade do Supremo Incriado não pode ser comprovada. Podemos unicamente supor que seja misteriosamente uno, isento de princípio e fim. O Incriado vai e vem e o seu alcance é ilimitado. Dele só podemos supor que seja único e que os seus caminhos sejam inexauríveis.

"Se conseguirem apreender o significado da ausência de esforço, então não haverá nada que não possam empreender. Podem tornar-se rígidos ou flexíveis, altos ou baixos, polivalentes ou ambivalentes.

"Se obtiverem conhecimento de como não empreender nada (para além do circunscrito pela totalidade implícita...) poderão ter acesso a qualquer conhecimento e obter qualquer coisa.

"Todavia, se não souberem manter-se serenos, em meio a todo este mundo tumultuoso, serão arrastados para toda a sorte de problemas desnecessários. Perderão o Caminho de vista, e, alcançá-lo de novo deverá já tornar-se demasiado tarde, porquanto pela sua perda também se deverão perder.

"A vida é tão só a junção das energias do céu e da terra, e a sua fonte é infinita e incriada; não possui começo nem fim. Como poderemos alguma vez chegar a alcançar o Caminho do céu ou da terra?

"Sem pompa nem ostentação, os indivíduos esclarecidos preservam o seu modo de vida ordinário até ao fim, dotados de simplicidade e contentamento, anónimos e sem sofrerem afectação alguma por parte das suas convenções.

"No livro do Imperador Amarelo vem escrito que o Espírito do Vale jamais perece, razão porque pode ser chamado de "Misterioso Princípio Feminino". A questão apresentada por tal princípio deve ser tida em conta de representar a Raiz do Universo que subsiste por toda a eternidade e utiliza o seu poder sem qualquer esforço. Por ser oco, é capaz de suportar, abraçar e nutrir o espírito.

"É por isso que aquilo que, por ser vazio e representa o Princípio Feminino engendra as diferentes coisas é, em si mesmo, imutável, do mesmo modo que aquilo, a partir do que todas as coisas evoluem, permanece intocado por toda a evolução. Sendo auto-gerado e tendo evoluído de si próprio, contém todos os elementos da aparência, da substância, da força, da sabedoria, dispersão e repouso. Contudo errado seria que o tratássemos por qualquer dessas qualidades.

2- TODAS AS COISAS SE ACHAM LIGADAS E PROCEDEM DA MESMA FONTE

O mestre Lie-Tzu sentiu que os estudantes não compreendiam bem o que ele queria dizer, e prosseguiu: "Ele dizia que os inspirados de outrora empregavam o Yin e o Yang ao se referirem à natureza das coisas (Princípios do Céu e da Terra, Masculino e Feminino) e descreviam as mudanças verificadas entre Céu e Terra como a interacção dessas energias. Uma vez, porém, que aquilo que é incorpóreo brota do incorpóreo, a partir do que, então terão sido originados o Céu e a Terra? Foi a partir do Nada do domínio da indiferenciação, em que não existe nem nascimento nem morte, tendo passado a existir por mote próprio. Por jamais perecer, dura para sempre. Acha-se na terra e no céu mas nem céu nem terra o reconhecem. É todas as coisas, mas ainda assim nenhuma o reconhece.

"Por isso diziam existir um Grande Princípio de Unidade, de Começo Primordial, e de Substância Primordial. Nesse Grande Princípio de Origem reside o começo de toda a substância. No Grande Começo reside o Princípio da forma material.

"No Sublime Princípio da Unidade reside o começo das qualidades indiferenciadas. Não comporta sujeito nem objecto, forma nem contornos. Numa altura em que a substância, a forma e as qualidades essenciais ainda se encontravam no estado indistinto de associação, existia o Caos que incorporava todas as coisas numa mistura ainda indissociável. Os elementos mais refinados e depurados que tendem a elevar-se constituíram os Céus,

enquanto os mais grosseiros e pesados, que tendem a permanecer em baixo constituíram a Terra. A substância, uma vez proporcionada de forma harmoniosa, tornou-se o Homem.

"Todas as coisas se originaram e desenvolveram do elemento espiritual de Céu e Terra e são inseparáveis Acham-se ligadas à origem indiferenciada. Apesar de todas as diferenças aparentes, todas as coisas se encontram ligadas umas às outras e à sua origem, o Tao."

3- CÉU E TERRA TÊM AS SUAS FORÇAS E FRAQUEZAS

"O mestre dizia: Embora devamos a nossa existência ao Céu e à Terra, os poderes dos sábios e a utilidade da miríade de coisas existentes na criação em nenhum sentido são omnipotentes nem autónomas, por Céu e Terra não poderem fazer tudo. Do mesmo modo, embora os sábios possam contar-nos acerca do passado e mostrar-nos o futuro, eles não conhecem todas as coisas.

"A função do Céu reside em produzir vida e regê-la, mas não conseguem suportá-la nem mantê-la; a função da Terra está em dar forma aos corpos materiais e sustentá-los, mas não lhes confere vida nem lhes providencia abrigo. É função dos sábios instruir os demais e influenciá-los para o bem. É função de todas as coisas criadas conformar-se à sua própria natureza, e não ir contra ela. Assim sendo, coisas há em que a Terra se torna excelente, ainda que se achem fora do alcance do Céu.

"Daí podermos concluir que aquilo que gera vida não é capaz de a suportar; aquilo que confere um corpo e sustenta a forma é incapaz de instruir ou de influenciar para o bem; aquele que tal coisa opera não pode ir contra o seu instinto natural. Aquilo que permanece no seu âmbito adequado não se atreve a aventurar-se para fora do seu domínio, e pode ser resumido como virtude e justiça. Por isso a actuação de Céu e Terra tanto pode assumir um como o outro tipo de manifestação: As qualidades de duro ou brando, leve ou pesado, macias ou ásperas. Tudo isso se conforma à sua natureza apropriada e não se coíbe de se demarcar do que lhes está consignado.

"Por um lado existe a vida, do mesmo modo que aquilo que a produz; existe a forma e existe também aquilo que a cria; existe o som e existe igualmente aquilo que o cria; existe a cor, e aquilo que a provoca; existe o paladar, bem como aquilo que o motiva.

"Tudo o que é dotado de vida se acha sujeito á morte; porém, aquilo que em si mesmo lhe deu vida jamais perecerá. A matéria é a origem de toda a forma, porém, aquilo que cria a forma não possui existência material. O Princípio sonoro reside no sentido da audição, porém, aquilo que se torna causa desse efeito, não pode ser escutado com o ouvido. A fonte da cor reside na visão, todavia, aquilo que a produz jamais se manifesta à vista. A origem do paladar reside no sabor; contudo, aquilo que faculta o sabor jamais poderá

ser percebido através do sentido do paladar. Todos esses fenómenos constituem função do Princípio de Inacção, ou ausência de esforço. (Wu Wei; o Todo Inalterável)

"Se compreenderem o significado da ausência de esforço, então não existirá nada que não consigais ser, por mote próprio da vontade: claro ou obscuro, duro ou brando, curto ou comprido, redondo ou quadrado, morto ou vivo, quente ou frio, que flutua ou afunda, agudo ou baixo, presente ou ausente, branco ou preto, doce ou amargo, fragrante ou fétido - isso é ser destituído de saber e, no entanto, conhecedor de todas as coisas; destituído de poder, contudo detentor de toda a força. Isso é Tao."

4 – VIDA E MORTE

De partida para Wei, Lieh Tzu parou à beira da estrada a fim de tomar uma refeição. Os seus discípulos deram com um velho crânio e afastaram a vegetação para melhor o expor ao mestre. Lie-Tzu viu o crânio de um ser humano que tinha mais de cem anos. Ele pegou nele, sacudiu a terra que o envolvia e contemplou-o por um instante. Por fim, pousando o crânio no solo, suspirando, voltando-se para Bo Feng, seu discípulo, Lieh Tzu disse:

"Somente eu e esse crânio compreendemos a vida e a morte, absolutamente. Serás tu afortunado por estares morto e seremos nós felizes por estar vivos? Talvez sejas tu o sortudo e nós os infelizes! Se nos considerarmos como seres que percorrem o ciclo da evolução, então nesse caso eu devo estar vivo e ele morto. Porém, contemplado do ponto de vista do Absoluto - desde que não existe princípio nenhum de vida assente em si mesma - segue-se naturalmente que não pode existir coisa tal como morte.

"Muita gente sua e labuta e sente-se satisfeita por ter obtido muitas coisas. Todavia, no final não somos tão diferentes quanto isso deste pedaço de osso polido. Daqui a cem anos, todos quanto conhecemos não passarão de uma pilha de ossos. Que haverá que teremos a ganhar na vida e a perder com a morte?

"Os antigos sabiam que a vida não pode prolongar-se para todo o sempre, e que a morte não representa o término de todas as coisas. Por isso não se entusiasmavam com o evento da vida nem se deprimiam com a ocorrência da morte. Nascimento e morte fazem parte do ciclo natural das coisas.

"Este conhecimento é mais exacto do que todos os vossos métodos para prolongar a vida, e fonte de felicidade mais promissora que qualquer outra. Somente aqueles que conseguem ver por entre as ilusões da vida e da morte se poderão renovar com o céu e a terra e envelhecer com o sol, com a lua, e as estrelas.

5 – SOMBRAS, SONS E FANTASMAS

"A acção de uma coisa produz um efeito noutras. Num universo em que todas as coisas se acham interligadas, isso é apenas natural. Assim, uma forma e a sua sombra, um som e o eco que produz, sempre permanecem ligados. Quando há acção, dá-se um efeito. Quando se produz um efeito, gera-se uma resposta em termos de acção.

"Vem descrito no livro do Imperador Amarelo o seguinte: "Quando a forma se move não produz forma mas sim sombra; quando o som se propaga, não emite som mas apenas eco. A imobilidade não gera imobilidade mas movimento."

Embora as coisas sejam diferentes na aparência, todas brotam da mesma origem e regressarão à mesma fonte. Certas coisas poderão perdurar mais do que outras, mas todas as coisas eventualmente retornarão àquilo que eram antes que chegarem a existir. As pessoas empregam termos como "início" e "fim" para descreverem o começo e o término das coisas. Contudo, "início" não passa da reunião resultante de um aglomerado da energia, e o "fim" consiste simplesmente na dissolução ou dispersão dessa energia. Aquilo que se reuniu pode facilmente dissolver-se caso as condições tornem isso favorável. Aquilo que sofreu dissolução pode voltar a reunir-se caso as circunstâncias sejam apropriadas. Isso é o que nós mortais entendemos por princípio e fim. Por isso, quem poderá dizer que existe um começo ou um fim?

Se bem que para nós esta condensação da forma no estado de aglomeração constitua um começo - do mesmo modo que a sua dispersão um fim - do ponto de vista da dispersão são o vazio e o sereno que constituem o começo e a condensação na forma que formam verdadeiramente um fim. Por isso existe uma alternância contínua em que os constituintes são o momento e o fim, e a verdade subjacente é a de que não existe nenhum começo nem fim, absolutamente.

A vida e a morte seguem o seu curso natural, e nós devíamos deixar que ocorresse e se dispersasse do mesmo modo. O problema para muitos é que quando é hora de partir, ainda se agarram à vida, e quando é tempo de alguma coisa vir ao mundo, impedem-na. Isso atenta contra a ordem natural das coisas. É por isso que os antigos diziam que o que tiver que suceder sucederá, e que o que tiver que ceder, cederá. As pessoas esforçam-se por fazer com que as coisas aconteçam ou com que deixem de acontecer, por não compreenderem a ordem natural das coisas. Acreditam que podem controlar o resultado das coisas, e no final, após imenso esforço, descobrem que o trabalho árduo produz o efeito oposto.

O curso da evolução termina onde começou, sem existência de nenhum princípio; onde teve início, é aí exactamente que acaba - no Inexistente. Eis um modo paradoxal de declarar que não existe nenhum começo nem fim.

Tudo aquilo que possui vida retorna à condição "destituída de vida"; aquilo que possui forma, de novo regressa à ausência de forma. Isso que chamo "isento de forma" não constitui o estado Informe original. Aquilo que aqui é cognominado "destituído de vida", possuiu anteriormente vida e, subsequentemente passou á extinção da morte, enquanto o Inanimado original não conhece - desde o princípio - nem vida nem extinção.

Uma vez mais se faz aqui presente uma distinção entre o imutável princípio criador de vida (Tao- ele próprio destituído de vida), e todas as coisas viventes que se acham num fluxo constante entre a vida e a morte. Aquilo que possui vida, deve- pelas próprias leis da sua existência- ter um fim. Tal fim não deverá ser evitável, do mesmo modo que toda a criatura vivente não poderá evitar ter nascido. Por isso, aquele que procura perpetuar a sua vida ou impedir o próprio fim, permanece enganado quanto ao seu destino.

O elemento espiritual existente no homem faz parte do princípio do Céu, assim como o corpo é moldado pela Terra. O que pertence ao Céu é etéreo e esparso; o que pertence á Terra é denso e aglomerável. Quando o espírito abandona o corpo, cada um desses elementos retoma a sua natureza real. Aquilo que é puro e leve erguer-se-á e subirá aos céus, e aquilo que é denso e pesado afundar-se-á e será absorvido pela terra. É por isso que os espíritos desencarnados são chamados fantasmas - o que prenuncia aquilo que retorna à sua verdadeira morada - a região do Supremo Vazio (Céu e terra). A nossa vida neste mundo constitui uma jornada ao longo do ciclo a que chamamos de "Vida".

À semelhança de convidados, demoramo-nos algum tempo neste reino antes de partirmos para outro. Mas quem poderá dizer quanto tempo este viajante permanecerá no reino seguinte antes de embarcar numa outra visita ao reino dos vivos?

O Imperador Amarelo disse: "Se o meu espírito retorna pelos portais por onde veio, e os meus ossos voltam para a fonte da sua proveniência, onde poderá o "eu" continuar a existir?"

6 ESTÁGIOS DA VIDA

Entre o nascimento e o seu fim, o homem atravessa quatro grandes estágios: a infância, a adolescência, a maturidade e a velhice. Na infância a força vital acha-se concentrada, a vontade coesa e a harmonia generalizada do corpo em perfeito estado e de acordo com a natural ordem das coisas. Os objectos externos não produzem nenhuma impressão de injúria nem afectam a criança e quanto à sua natureza moral, nem a virtude nem a ética lhe

poderão restringir a vontade. Despida e livre de convenções, ela segue a senda natural do seu coração.

Na adolescência, as paixões carnais tornam-se exuberantes e violentas e o coração deixa-se assaltar por desejos e preocupações volitivas. O homem expõe-se ao ataque dos objectos dos sentidos e dessa forma as circunstâncias externas dirigem-lhe o surgimento e o desaparecimento das emoções. A vontade e a intenção são restringidas pelas convenções sociais. A competição, o conflito e a intriga passam a constituir a norma nas interacções com as pessoas. A aprovação ou reprovação dos outros ganha importância, e a sincera e honesta expressão do pensamento e do sentimento perdem-se.

Na idade avançada, o poder dos desejos e inquietações perde a intensidade e a sua moldura corporal busca o repouso. Em comparação com os anos da juventude, sentimo-nos mais em paz e à vontade connosco próprios. As convenções sociais e as influências externas têm menos impacto em nós e desinteressamo-nos pelos heróis e pela competição. Esse estágio, apesar de não ser equivalente à plenitude da infância, em que a pessoa está em harmonia com a ordem natural das coisas, é mais sincera consigo próprio do que o da adolescência.

Ao morrer, penetra no repouso, e retorna ao Absoluto. Por esta altura nada sabemos, nada fazemos, e nada sentimos. A nossa energia volta a unir-se à sua fonte

Confúcio também falou sobre os estágios da vida. Ele dividia a vida em três períodos, e dizia: "Na juventude, o nosso sangue e energia permanecem instáveis. Por isso, nesse período precisamos domar o desejo sexual. Na maturidade, o nosso sangue e energia são fortes e agressivos. Por isso, nesse estágio da vida precisamos domar a nossa natureza competitiva. Na velhice, o nosso sangue e energia acham-se enfraquecidos. Por isso, precisamos dissolver o apego que sentimos pelas coisas."

> (Tanto os Taoistas como os Confucionistas deixaram valiosas informações acerca da natureza humana e das mudanças que se dão durante o nosso tempo de vida. Para os Confucionistas o que era importante era compreender o que precisa ser feito em cada período da vida de forma a podermos ser úteis à sociedade, vier de uma forma honrada, e interagir de uma forma harmoniosa com os demais. Para os Taoistas, o que era importante era compreender que a infância, a juventude, a idade avançada e a morte constituem estágios da vida que precisamos atravessar. Compreendendo isso, poderemos aceitar as mudanças por que passamos e encará-las como uma sequência natural dos acontecimentos num ciclo de nascimento e morte.)

7 A VIDA É ÁRDUA, A MORTE É REPOUSO

Viajava Confúcio certa vez com seus discípulos pelo monte Tai quando vislumbrou um velho que perambulava pela pradaria. Seguia envolto numa pele de veado, presa à cintura por uma corda, a cantar à medida que ia tocando um alaúde. Confúcio dirigindo-se-lhe, indagou-o: "Meu amigo, que é que o torna tão satisfeito?" O velho respondeu-lhe: "Tenho muitas razões por que me alegrar. Deus criou tudo o que existe, mas por entre todas as coisas da Sua criação, o Homem é a mais sábia. E como me calhou, por sorte, tornar-me num; essa é a primeira razão para a satisfação que sinto.

Além disso existe a distinção entre homem e mulher- sendo certo que o homem é mais respeitado e gozar de mais privilégios do que a mulher. Assim, preferível ser homem, e, devido a que eu seja homem, eis aí a segunda razão para me sentir satisfeito. Depois, algumas pessoas nascem e jamais contemplam o sol e a lua, nem jamais chegar a abandonar as fraldas. Mas eu já vagueio por aqui há uns noventa anos; essa é a terceira razão para a minha satisfação. Finalmente, não me importo em saber se sou rico ou pobre, e sei que nascimento e a morte constituem o destino final de todos os seres humanos e a ordem natural das coisas. Enquanto muitos se preocupam por serem pobres e temem a morte, eu não me deixo incomodar por essas coisas. Por isso, que coisa me deverá tornar infeliz?"

Após ter escutado isso, Confúcio ficou impressionado. "Que excelente exemplo de descoberta de autocontentamento, o teu," e virando-se para os discípulos, disse: "Eis aqui um homem que sabe como enfrentar a vida!"

Numa outra ocasião, quando Confúcio estava a caminho do reino de Wei, encontrou um eremita que tinha pelo menos cem anos. No calor da Primavera, esse homem usava um casaco de pele e juntava grãos que os agricultores tinham deixado para trás nos campos. Enquanto trabalhava, o homem cantarolava.

Confúcio observou-o durante algum tempo, e a seguir comentou com os seus estudantes: "Este velho é um homem e tanto, e bem que deve valer a pena conversar com ele. Quem gostaria de ir ao seu encontro e descobrir o que terá a dizer?"

Tzu Kung ofereceu-se como voluntário e caminhou para junto to aterro dos campos. Esperou que o velho se aproximasse, e quando se encontravam à distância da conversa, Tzu Kung disse-lhe: "Senhor, estais velho e cansado, e ainda assim ainda precisais de labutar para ganhar o sustento? Estendo-vos toda a minha simpatia!" O velho ignorou a observação de Tzu Kung e prosseguiu ao longo do campo, a apanhar grãos e a cantarolar.

Tzu Kung percebeu que algo devia estar errado, de modo que foi ao encontro do velho e desculpou-se. Aí, o velho homem olhou pata Tzu Kung e disse: "Porque razão serei tão patético que devas sentir pena de mim?" Tzu Kung

ainda se aventurou a dizer: "Bom, senhor, Pensei que não trabalhásseis tão duro quando éreis jovem, e durante a vossa vida de adulto não tenhais querido alcançar renome. E em resultado, não tenhais tido esposa nem filhos que olhassem por vós, agora que vos encontrais envelhecido e que a morte se aproxima. Cantais e ris, e nem sequer percebeis ter perdido os melhores anos da vossa vida."

O velho sorriu e responder a Tzu Kung: " Eu rio e canto por me sentir feliz Pensa nisso. Se tivesse passado os meus anos de juventude a esforçar corpo e mente, e se tivesse despendido todas as minhas energias a competir com os outros durante os meus anos de vida adulta, não teria chegado aos cem e não seria tão saudável quanto sou. Em relação ao facto de não ter família, tanto melhor. Dessa forma, não precisarei preocupar-me com o seu sustento quando morrer. Poderás dizer-me por que razão não deveria estar satisfeito?"

Tzu Kung respondeu de imediato: "Querer viver e temer a morte fazem parte da natureza humana Tu pareces sentir-te feliz por teres de morrer, coisa que não consigo entender."

O velho disse-lhe em resposta: "A morte e a vida constituem ciclos da ida e do regresso. Quando abandonamos um mundo, talvez nasçamos num outro mundo. Qual será melhor, a vida ou a morte? Difícil deverá ser dizê-lo. Agora, então por que razão deveremos tornar a vida árdua para nós próprios neste mundo quando nem sequer sabemos se estaríamos melhor vivos ou mortos?"

Após Tzu Kun ter escutado essas palavras, sentiu-se amplamente confuso, e foi confiar o que sentia a Confúcio. Mas Confúcio apenas assentiu. "Tal como eu pensava. Valeu a pena descobrir o que este velho tinha a dizer. Pelas observações que fez, parece que terá encontrado as respostas que procurava na vida, mas não descobriu tudo." Foi por essa altura que Tzu Kung se cansou dos estudos e pensou que tudo quanto fizera teria sido fútil. Voltou junto de Confúcio e disse-lhe que queria descansar."

Confúcio disse-lhe: "Enquanto viveres, a vida não te dará descanso."

"Então, não haverá sítio onde possa descobrir um descaso do meu trabalho?"

Confúcio exibiu um misterioso sorriso e disse:" Existe, na verdade existem muitos lugares onde poderás encontrar repouso. Olha bem para as sepulturas, as tumbas, os valos profundos, e os cumes elevados. Isso são tudo lugares de repouso."

Tzu Kung então exclamou: "Ah, agora sei por que aqueles de nós, vivos, não conseguimos saber o que significa repouso, por o repouso ser unicamente para os mortos. A morte deve, na verdade, ser verdadeiramente sublime! É a morte que traz repouso aos nobres de coração e resignação aos homens vulgares! A pessoa satisfeita encontra repouso na morte, e para o ganancioso, a morte coloca um término na sua longa lista de desejos."

Confúcio a seguir disse ao seu estudante: "Parece que por fim percebeste o que significa "Os homens conhecem as alegrias da vida mas não possuem noção das suas amarguras. Sofrem com o peso da decrepitude mas ignoram a paz que encerra; conhecem a angústia da morte, mas nada sabem do descanso que proporciona. A vida é trabalho árduo e a morte é repouso. A maioria pensa que a vida seja uma coisa feliz sem perceber que por vezes a vida é mais difícil do que a morte. A vida não nos dá descanso.

Labutar, na planificação ansiosa do futuro, escravizar-se a acolchoar a armação do corpo - tais são as ocupações que nos preenchem a vida. Do mesmo modo, a maioria das pessoas acredita que a idade avançada nos traga a solidão e o desespero, só que não percebem que por vezes na velhice conseguem recuperar a vida despreocupada e feliz da sua mocidade. Sabem unicamente que a morte deva ser algo terrível, sem perceber que a morte constitui um repouso da nossa árdua labuta."

O sábio Yen Tzu, que também compreendera o sentido da morte, disse: "Como era excelente a perspectiva da morte que os antigos tinham! Por ser capaz de trazer descanso aos generosos e aos que cultivaram mente e espírito, aos honrados e aos virtuosos, para quem representava uma experiência de libertação, um descanso tão esperado de uma vida de labores. A morte ajudava aqueles sem escrúpulos a pôr um termo à infelicidade do desejo. A morte é a acção da eficácia da Virtude! Ou seja, a morte faz abolir todas as distinções artificiais e temporárias do mal e do bem, que só neste mundo de relatividade encontram suporte! Os antigos falavam dos falecidos como aqueles que estavam de regresso.

Porém, se os falecidos são os que regressaram, então os viventes acham-se em meio a uma viagem. Por outro lado, se aqueles que viajam fracassam na descoberta do "lar" quando a sua viajem termina, separam-se da sua morada. No entanto, muita gente vagueia sem retornar à sua morada, e ainda assim, ninguém percebe tal erro. Que homem abandonará a sua aldeia e se separará dos seus parentes e amigos, alienará o seu património e vagabundará pelos quatro cantos da Terra sem regressar mais a casa? Por certo que o mundo o terá na conta de libertino e de insensato.

Por outro lado, tomemos o exemplo daquele que se atém à respeitabilidade bem como aos assuntos da sua vida, e sente apreço pela sagacidade e pela estima e desse modo cria reputação e se faz valer entre os amigos, sem se deixar deter? Uma vez mais, de que tipo de pessoa se tratará? Certamente, o mundo deverá olhá-lo como um cavalheiro possuidor de um grande saber, e um bom conselheiro.

Ambos, constituem exemplos de indivíduos que perderam a orientação; conquanto o mundo seja indulgente com um ao invés do outro, só o homem sensato (sábio) sabe a quem terá perdido a sua natureza original, e quem a possui. Associa-se àqueles que encaram a vida e a morte meramente como

caminhar e dormir, e afasta-se de quantos se deixam permear pelo esquecimento do retorno."

8 **O VALOR DO VAZIO**

Alguém perguntou a Lie-tzu: "Porque valorizas o vazio?

Lie-tzu respondeu:

"Eu não aprecio o vazio; na verdade nada há que suplante o calmo e o vazio a fim de permanecer incógnito. A maioria das pessoas adora ser enaltecida e quando vê as suas realizações reconhecidas sente-se bem. Todavia, creio que estaríamos melhor se fôssemos livre de apegos e não nos deixássemos aprisionar pelo reconhecimento, pela aprovação e pela desaprovação. A longo prazo, teríamos poucas coisas com que nos preocupar. É por isso que valorizo o vazio."

Lie-tzu fez uma pausa e de seguida prosseguiu: "Se vos fosse dado crédito por fazer alguma coisa, devíeis compreender que não se deveria por completo à vossa própria iniciativa. Os acontecimentos dão-se por as condições serem apropriadas, e a vossa acção apenas contribuirá para uma de várias condições. Estamos acostumados a pensar que quando as coisas sucedem, elas sejam realização nossa; não compreendemos que não existe realmente nada a realizar. Por isso, em vez de aceitarmos um crédito que não pertence a ninguém, porque não aquietar-nos e pensar nas maquinações do céu e da terra?

Percebendo o vazio implícito às coisas pode ajudar-nos a cultivar a tranquilidade e a paz mental. Se não souberem como manter-se serenos neste mundo louco, sereis conduzidos a todo o tipo de apuros desnecessários. Perderão a noção do Caminho, e quando o perceberem, será demasiado tarde, por ao perderem o Caminho, ter-vos-eis igualmente perdido."

> (Chuang-tzu contou certa vez uma história acerca de duas pessoas que tinham perdido uma ovelha. Uma delas ficou bastante deprimida e mergulhou na depressão e na bebida, no sexo e no jogo a fim de procurar esquecer a sua desgraça. A outra decidiu que essa seria uma excelente oportunidade de estudar os clássicos e serenamente observar as subtilezas da natureza. Ambos os homens passaram pela experiência de desgraça mas um deitou-se a perder pelo apego em demasia que sentiu na experiência da perda, ao passo que o outro descobriu-se a ele mesmo, por ter sido capaz de abrir mão do ganho e da perda.)

9 ESTÃO AS COISAS EM CRESCIMENTO OU EM DECADÊNCIA?

Yu Hsing disse: "A evolução jamais se detém. Mas quem será capaz de perceber os processos ocultos do Céu e da Terra (Unidade)? Desse modo, as coisas que são diminuídas aqui, aumentam além; aquilo que se torna inteiro e completo numa determinada situação, sofre perda numa outra. Diminuição e acúmulo, desenvolvimento e declínio são factores intrínsecos à vida e à morte, e alternam-se numa sucessão ininterrupta de uma transição imperceptível. Esse é o equilíbrio das coisas. Para que o mundo continue a existir, precisa haver existir equilíbrio entre o crescimento e a decadência.

A nossa alma progride de forma ininterrupta, enquanto o corpo muda de aspecto e aparência, tornando-se decadente a cada dia que passa. Todavia, não nos é possível perceber nem o desenvolvimento nem a decadência. Desde que nascemos e até que morremos, tornámo-nos diferentes a cada dia que passa - tanto pelo aspecto como pela conduta e pelo saber. As unhas, a pele, os cabelos, tudo sofre um crescimento e um decréscimo contínuo. Tanto na infância como no crescimento decorrente, a mudança não sofre interrupção. Apesar de imperceptível no seu processo, sempre nos damos conta dele depois de concretizado.

10 RECEIO DE QUE O CÉU CAIA

Certo homem do Estado de Chi, sentia tanto receio com o possível colapso e o despedaçar do universo que perdeu o apetite e a falta de descanso. Um outro, movido por um sentimento de compaixão pelo primeiro, foi ao encontro dele a fim de o esclarecer:

"O céu não passa de um acúmulo do etéreo; não há lugar onde esse etéreo não se faça presente. No etéreo decorrem ininterruptamente processos de contracção e distensão, inspiração e expiração. Por isso, por que temer qualquer colapso?"

Mas o homem perguntou: "Será isso verdade? Então, se o céu é composto pelo etéreo, o sol, a lua e as estrelas não poderão cair sobre nós?" O seu interlocutor respondeu: "Sol, lua e estrelas são, do mesmo modo, apenas claridades no interior desta massa etérea. A única diferença está em que apresentam uma luz diferente. Mas mesmo supondo que pudessem despedaçar-se, certamente que o seu impacto não nos poderia causar dano."

"Mas", perguntou o primeiro, " e se a Terra vier a despedaçar-se?"

"A Terra", replicou o segundo, "não passa de um aglomerado de matéria que preenche todos os quatro cantos do espaço; não existe lugar onde não se faça presente. Todo o dia nós pisamos e repisamos o chão; porque razão, então, deveremos amedrontar-nos que possa ceder?"

A partir de então o homem ficou aliviado dos seus temores e pode rejubilar. O seu instrutor sentiu uma enorme alegria e contentamento.

Porém, quando o eremita Chang Lu Tzu tomou conhecimento desse diálogo, riu-se de ambos e disse: "Arco-íris, nuvens, nevoeiro, vento e chuva, as mudanças das quatro estações - tudo isso não passa de uma forma perfeita de acúmulo do éter que compõe os céus. Montanhas e rochedos, rios e mares, metal e rocha, fogo e madeira - tudo isso não passa de formas de perfeita aglomeração da matéria que constitui a terra. Conhecendo tais factos, quem poderá afirmar que jamais possa sofrer destruição? Decerto que o Céu é vasto e a Terra imensa, mas não são permanentes.

Contudo, são a coisa mais significativa de tudo o que existe. É bem certo, porém, que, conquanto a sua natureza seja insondável e de difícil compreensão, ainda assim é difícil que deixem de ser o que são. Aquele que possui menor temor de que o céu se desmorone ou a terra se despedace está certamente bastante longe da verdade. Por outro lado, aquele que afiança que não possa ocorrer tal dano, também não alcançou a solução do dilema. Céu e Terra devem necessariamente passar, porém, nenhum deles estará destinado sozinho à destruição. Quem, em face de tal transtorno não se sentirá alarmado?

Quando o mestre Lieh Tzu escutou o debate, sorriu e disse: "Aquele que sustenta que o céu e a Terra estão destinados à destruição, e aquele que sustenta o contrário, estão, ambos, errados. Se se acham ou não destinados à destruição, isso é algo que jamais saberemos, apesar de, em ambas as posições valer o mesmo. Os vivos nada sabem da morte; os mortos desconhecem o que estar vivo seja; o que passou e o que virá nada sabem um do outro. De que adianta preocupar-nos com a destruição do mundo?

11 VIDA QUE É EMPRESTADA, RIQUEZA QUE É ROUBADA

King Shun perguntou ao ministro dele: "Poderei possuir a senda do Céu e da Terra e fazer com que torná-la de acordo com os meus desejos?"

Ó ministro dele respondeu: "Nem mesmo o teu corpo te pertence; como poderás pensar em fazer curvar a senda do Céu e da terra à tua vontade?"

"Se o corpo que tenho não me pertence, então a quem pertencerá?"

"O teu corpo não te pertence; a sua forma foi-te emprestada pelo céu e pela terra. A vida que levas não te pertence; chegou a existir pela interacção das energias do céu e da terra. A tua mente e o teu espírito não te pertencem para que os controles; eles seguem o caminho natural do céu e da terra. Os teus filhos e netos não te pertencem para que os possuas; eles assemelham-se a flocos da tua pele, por a procriação te ter sido garantida pelo céu e pela terra.

"Uma pessoa que compreenda esta verdade será alguém que não se verá atado por ideias do que a mente ou o corpo sejam. Esquecendo o corpo, é capaz de viajar para qualquer parte no mundo sem saber para onde se dirige. Esquecendo a sua mente, ele poderá ser bem-sucedido em tudo quanto faça por não pensar naquilo que faz. Segue os caminhos do céu, indo onde precisa ir, e fica sem saber o que o tenha levado a ficar, e alimenta-se sem saber que está a ser nutrido.

"A vida não passa do agregar das energias do céu e da terra, e a fonte dessas energias não tem começo nem fim. Como poderá alguém alguma vez possuir a senda do céu e da terra?

Um tal senhor Kuo, do Estado de Chi, era muito rico, enquanto que Hsiang, do Estado de Sung levava uma vida paupérrima. Certa vez este deslocou-se ao Estado do outro a fim de o interrogar acerca do segredo da sua prosperidade. E o senhor Kuo respondeu-lhe: "Isso fica a dever-se a que eu conheça o bom exercício de furtar. Logo no primeiro ano em que comecei a apropriar-me, fui capaz de amealhar o quanto bastasse. No segundo, arrecadei com fartura. No terceiro, repeti os mesmos resultados. No devido curso acabei por me tornar proprietário de todas estas vilas e distritos, e sendo capaz de ajudar quem está em necessidade."

Entusiasmado, o senhor Hsiang tinha interpretado de modo literal o significado do termo *apropriar-se*, mas não lograra obter o conhecimento quanto ao modo correcto de o fazer. Desse modo, começou a trepar a muros e cercas e a assaltar casas a fim de se apropriar de tudo aquilo a que pudesse deitar mão. Mas, antes que muito tempo tivesse decorrido, tal acção acabou por lhe trazer complicações e ele viu-se privado até mesmo daquele pouco que antes possuía. Pensando que o tal senhor Kuo o tinha basicamente enganado, saiu novamente à sua procura para o censurar. Mas aquele perguntou-lhe:

"Diga-me, de que modo actua ao furtar?"

Hsiang contou como tinha seguido o exemplo de Kuo de roubar e isso tinha terminado no desastre.

Ao tomar conhecimento do sucedido, aquele exclamou: "Oh, sorte desgraçada! Isso aconteceu-lhe devido a que me tenha trabalhado mal. Jamais me questionou qdo que eu tenha roubado que me tenha tornado rico. Ouviu-me mencionar a palavra "furtar", tirou as suas próprias conclusões, e acabou por o fazer à sua maneira. Deixe-me dizer-lhe de que forma actuei.

Todos sabem que o Céu produz as estações e a Terra os seus frutos. Pois bem, aquilo a que deito mão são as riquezas do Céu e da Terra, a cada qual na devida estação: os benefícios das nuvens e da chuva, os produtos dos terrenos montanhosos e dos prados. Desse modo faço crescer as minhas sementes e amadurecer os meus cereais, erguer paredes e construir casas.

Dos terrenos secos roubo os animais de penas e pêlo, e dos rios e lagos roubo os peixes e as tartarugas. Não há nada que não furte. Sei que a terra muito tem a dar, de modo que furtei alguma da terra para construir abrigos para mim e para o meu gado. Sei que os bosques têm imensas riquezas, de modo que vez por outra furto um veado para comer. Porque, as sementes e as colheitas, o barro e a madeira, os pássaros e os quadrúpedes, os peixes e as tartarugas são tudo produto da natureza.

Como poderei declará-los pertença minha? No entanto, aproximando-me deste modo da natureza, não incorro em pena nenhuma, por ninguém possuir essas coisas. Já ouro, jade e pedras preciosas, estoques de cereais, vestimentas de seda, isso são coisas que pertencem às pessoas ao invés de dádivas da natureza. Quem poderá queixar-se de não se meter em sarilhos por os furtar?"

Perplexo, o senhor Hsiang, pensando que o outro o enganava, foi interrogar uma segunda vez Tung Kuo, o letrado, que por sua vez lhe respondeu: "Não será o senhor já um ladrão com relação ao seu próprio corpo? Você não se apropria da harmonia de Yin e Yang (contrários) a fim de preservar e sustentar a aparência? Quanto mais não o fará com relação às posses externas! Na verdade a Terra e o Céu não podem ser dissociadas de todas as coisas. Clamor pela sua posse pressagia confusão.

Os furtos do senhor Kuo são cometidos com espírito de justiça, forma essa que não lhe acarreta retribuição alguma. Já os seus, foram cometidos num espírito de egoísmo e por isso acarretam-lhe punição. Todos aqueles que se apossam da propriedade alheia, seja pública ou privada, são ladrões. Do mesmo modo, aqueles que se abstêm de se apropriar- seja do que é público ou privado- são igualmente ladrões. Porquanto ninguém pode furtar-se a possuir um corpo, do mesmo modo que ninguém pode evitar adquirir posse sobre uma coisa qualquer de que se não livre, ainda que com a maior vontade do mundo. Tal apropriação, contudo, é inconsciente.

O princípio sublime do Céu e da Terra consiste em considerar como tais a propriedade pública e a privada. Tendo consciência desse princípio, qual de nós será ladrão e, simultaneamente, qual de nós deixará de o ser?

> (Esta anedota tem por objecto causar-nos uma impressão de irrealidade com relação às distinções mundanas. Lieh Tzu não se interessa demasiado pelos aspectos social da questão, e não advoga o comunismo nem tampouco se revolta contra o senso comum de que o roubo seja um crime punível. Com ele tudo é entendido como capaz de conduzir a uma perspectiva metafísica)

LIVRO DOIS
O IMPERADOR AMARELO

INTRODUÇÃO

Se a vida correr de acordo com os nossos desejos, sentimo-nos satisfeitos. Assim que a coisa não correr de feição, sentimo-nos aborrecidos. É por isso que apenas aqueles que não são afectados pelas circunstâncias externas sempre permanecerão calmos. Eles seguem a senda natural e não se deixam controlar pelas reacções para com os acontecimentos que se dão ao seu redor.

O Imperador Amarelo visitou uma terra mítica que não possuía nem líder nem governo. As pessoas viviam de acordo com a natureza e não se entusiasmavam com o nascimento nem se deixavam ansiar com a morte Todos possuíam incríveis capacidades e eram capazes de permanecer debaixo de água sem se afogarem ou de caminhar sobre o fogo sem se queimarem. Tendo alcançado o ponto em que conseguiam esquecer-se por completo deles próprios, viam-se livres das limitações do corpo e da mente e conseguiam cavalgar o vento e flutuar juntamente com as nuvens.

A transcendência de mente e corpo produz capacidades que teriam parecido estranhas às pessoas vulgares. Na verdade, alguém que conseguisse caminhar sobre o fogo ou permanecer debaixo de água poderia ter sido considerado mago, e muitos dariam ou fariam qualquer coisa para adquirir esses poderes. Eles não sabem que tais aptidões representam o produto do abandono do corpo e da mente e de uma fusão com as leis da natureza.

Esse abandono tem início com a visão através da ilusão das formas externas e das convenções sociais. Aqueles que não se deixam atar pelas questões mundanas do mundo não serão afectados pela pressão social, pelas emoções, nem pelo desejo. Conhecem a senda do Céu e não se limitam com ideias de certo nem de errado, beleza e fealdade.

Por fim, transcender mente e corpo requer disciplina e paciência, e quando isso é alcançado, somente o iluminado saberá que ele ou ela tenham alcançado a iluminação. Sem publicidade nem fanfarra, os seres iluminados prosseguem as suas vidas como gente vulgar e vivem o resto dos seus dias na simplicidade e no contentamento, desconhecidas para o mundo e não influenciados pelas suas convenções.

12 **O IMPERADOR AMARELO VISITA AS REGIÕES IMORTAIS**

Após ter reinado por quinze anos, o imperador amarelo, regozijava-se por os seus súbditos o olharem como seu soberano. Retirando-se dos deveres do governo, tornou-se zeloso do seu bem-estar, prezava a beleza e a música e

cultivava elevado apreço por aromas e paladares. Apesar disso foi tornando-se melancólico e a sua fisionomia foi adquirindo uma tez amarelada, os sentidos adquiriram traços de confusão e foi-se tornando vago, e as suas emoções estavam à flor da pele.

Nos quinze anos seguintes deixou-se afligir com a desordem reinante no império, exauriu todos os recursos do seu saber e tratou de concentrar toda a inteligência e esforço de que foi capaz a procurar governar o povo. A despeito de tudo isso, porém, o rosto manteve-se macilento e pálido e os sentidos conservaram o estado de torpor e confusão, o espírito vago, e as emoções voláteis.

> (A prática da virtude iluminada não conseguirá implantar o governo justo, mas tão só desorganizar as faculdades espirituais)

Então, o Imperador Amarelo suspirou num gemido e exclamou: "Errei na condução por falta de moderação. A infelicidade de que padeço provém da concentração de atenção que dedico a mim próprio e aos problemas do Império, devido a demasia na intervenção. Não admira que tenha perdido a saúde e a paz interior."

A partir de então ele abandonou todos os planos e o seu palácio ancestral, despediu os criados, abandonou os artifícios, cortou com todas as iguarias da cozinha e retirou-se para uma dependência privada, anexa ao edifício da Corte, a fim de ter tempo para pensar, e cultivar o espírito. Aí observou o jejum do coração e procurou controlar o organismo.

> (Jejum do coração significa libertar-se da ganga composta pelos desejos terrenos, segundo o que, na óptica do comentador, o corpo será naturalmente capaz de se controlar de modo natural. Tal jejum não significa a abstenção de alimentos nem outras formas de mortificação corporal.)

Durante um período de três meses, ele absteve-se de toda a intervenção pessoal nos assuntos do governo. A certa altura adormeceu e sonhou que tinha viajado para o reino de Hua-hsu, situado não sei a quantas dezenas de milhar de milhas de distância do Estado de Chi, para lá do alcance de qualquer veículo, navio ou ida a pé. Somente o espírito podia viajar para tão longe.

> (Os chineses acreditam que durante o sono a alma abandona o corpo)

Esse reino era destituído de chefe ou governante, por ninguém ser mais sábio do que os demais, e lá a natureza seguia o seu curso. A população não nutria desejos nem ânsias e seguia apenas o seu instinto natural. Não sentia alegria pela vida nem aborrecimento com a morte; desse modo jamais morria de forma prematura. Não sentia simpatia nem indiferença pelos demais e desse modo estavam isentos tanto de sentimentos de amor como de ódio.

Não conheciam aversão por nenhuma actuação nem indignação ou qualquer pretensão; desse modo desconheciam todo o proveito e perda. Todos estavam ao abrigo de sentimentos de amor e simpatia, ciúme e temor. A água não tinha o poder de os afogar e tampouco o fogo os queimava; acidentes e ferimentos que pudessem sofrer não lhes causavam afectação e tampouco dor. Pois não podiam causar ardência nem comichão. Andavam com o mesmo à-vontade no ar como se pisassem chão firme, e sentiam-se de tal forma cómodos como se descansassem no leito. Nem o nevoeiro nem as nuvens lhes obstruíam a visão, tampouco o silvo dos trovões conseguia aturdir-lhes os ouvidos. A visão da beleza física não lhes acelerava o bater do coração e as montanhas e os vales não lhes impediam os passos. Eles moviam-se como deuses.

Quando por fim despertou do seu sonho convocou os seus três ministros e contou-lhes o que vira: "Tenho vindo a levar uma vida de ócio, há já três meses a observar o jejum do coração, a subjugar o corpo e à procura por um ou outro caminho ou um método verdadeiramente eficaz de me animar e de regular a vida dos outros. Todavia, não consegui encontrar tal segredo. Contudo, não me tornei esclarecido por pensar conscientemente nas coisas."

> (É errado seguir métodos a fim de nutrir a própria vida ou reger a vida dos outros. Nenhuma tentativa para empreender tal coisa por parte da luz da inteligência poderá ser bem-sucedida)

"Cansado, adormeci e sonhei o que acabei de relatar. Agora, sei que o Caminho da Perfeição não pode ser obtido pela via do pensar consciente. Disso estou bem certo mas guardo essa certeza comigo, incapaz de a transmitir a vós, porque se a Via não pode ser descoberta pela acção dos sentidos também não pode ser transmitida por via deles."

Nos vinte e oito anos subsequentes o Império conseguiu fazer prevalecer a ordem e chegou quase a assemelhar-se ao reino mítico de Hua-Hsu-Shi. Quando o imperador se alçou às alturas, o povo chorou a sua perda por dois séculos sem interrupção.

> (Nas ilhas das ilhas do leste existem seres imortais que vivem nas gotas de orvalho e nas pinhas. Não se alimentam de grãos, mas do vento e do éter, e as suas mentes permanecem tão claras e imóveis quanto um lago de montanha. Possuem bochechas rosadas e todos se assemelham a crianças saudáveis. Mostram-se abertos, amistosos, e não têm inibições. Todos procedem às próprias tarefas e revelam-se auxiliares para com os outros. Não sentem medo, nem raiva, nem tensão, nem insatisfação. Ninguém é superior nem inferior a quem quer que seja. Tudo é generoso e todos desfrutam da providência de céu e de terra. O sol e a lua emitem uma luz suave, as estações jamais são ásperas, o solo é rico, e os

habitantes amáveis. Esta é a terra que o Imperador Amarelo visitou em sonhos)

13 **CAVALGANDO O VENTO, FLUTUANDO COM AS NUVENS**

Lieh Tzu tinha Lao-Shan por seu mestre e Po-Kao-Tzu como seu amigo. Quando conseguiu dominar ambos os sistemas de filosofia que preconizavam, regressou à sua morada cavalgando os ventos e flutuando nas nuvens.

Tendo tomado conhecimento disso, Yin-Sheng tornou-se seu discípulo e permaneceu junto dele durante algum tempo sem regressar a casa. Durante esse período em vão suplicou para ser iniciado nas artes secretas do seu mestre. Dez vezes apresentou o pedido e por dez vezes ficou sem obter qualquer resposta. Como, em resultado se tenha tornado impaciente Yin-Sheng pediu autorização para partir, mas nem assim Lieh-Tzu lhe respondeu. Finalmente dispôs-se a partir. Passados alguns meses, no entanto, sentiu-se insatisfeito com a impulsividade que o impelira a partir e resolveu retornar e procurar tornar-se novamente seu seguidor.

Aí Lieh-Tzu disse-lhe: "Qual será a razão para todas essas idas e voltas?"

Yin-Sheng respondeu-lhe: "Há algum tempo atrás pedi-lhe que me dispensasse alguma instrução, senhor, mas vós não me respondestes. Isso deixou-me irritado convosco, mas agora que me livrei desse sentimento de impaciência e dessa negligência resolvi regressar."

Lieh-Tzu retrucou: "Eu costumava ter-te na conta de um indivíduo capaz e talentoso, e tu agora permites-te descer tão baixo? Senta-te que vou transmitir-te o que aprendi com o meu mestre. Três anos após ter começado a servi-lo e a gozar a amizade de Po-Kao, a minha mente não se aventurava a avaliar o bem do mal, e a minha boca não ousava discorrer sobre o lucro ou a perda. Só então, pela primeira vez, o meu mestre lançou o olhar na minha direcção. Isso foi tudo."

(Abrigar noções de ganho e perda, apesar de na realidade não se fazer uso da sua enunciação, é como ocultar ressentimentos ou dar guarida a secretos desejos; daí que um mero olhar de relance lhe tenha sido concedido)

"Ao fim desses cinco anos iniciais tinha ocorrido uma mudança: a minha mente reflectia sobre livremente o certo e o errado e a minha boca pronunciava livremente termos como ganho e perda. Então, pela primeira vez, o meu mestre aliviou o semblante e sorriu-me."

(Certo e errado, ganho e perda são princípios fixos predominantes na esfera dos sentidos. Permitir que a mente reflicta seja no que for, ou a boca pronuncie o que lhe apraz, sem abrigar qualquer ressentimento no íntimo, de modo que o "interno" e o "externo" se

tornem um só, ainda não se compara a exceder os limites do "eu", abstendo-se de toda a manifestação. No entanto, este primeiro passo agradou ao mestre e provocou-lhe um sorriso)

"Ao fim de sete anos ocorreu uma outra mudança: Já permitia que a minha mente divagasse à vontade, mas agora sem se ocupar com pensamentos de certo e de errado, e as palavras acudiam a mim sem qualquer intenção de agradar nem de ofender. Permitia-me proferir o que quer que fosse; porém, já não falava em proveito nem perda. Então por fim o meu mestre permitiu que me sentasse a seu lado na esteira."

(A questão reside em saber como levar a mente a um estado de serenidade isento de pensamento ou actividade mental. De que modo preservar a boca fechada limitando-nos à simples inalação e exalação. Se deixarmos de exercer controlo pessoal votando-nos desse modo à perfeição, certo e errado deixarão de existir; se os lábios seguirem a via natural, deixarão de conhecer proveito ou perda. Em concordância de vistas, mestre e amigo sentam-se lado a lado junto um ao outro, no mesmo lugar, tal como não poderia deixar de ser)

"Ao fim de nove anos a minha mente dava livre curso à reflexão e ao livre discurso, porém, não abrigava qualquer noção de certo nem de errado, ganho ou perda, quer no tocante a mim próprio quer aos demais. Não sabia se o meu mestre era meu instrutor nem se o outro era meu amigo; foi então que tomei consciência de não existir barreira algum entre "interno" e "externo", por se terem misturado numa unidade. Após esse período não havia distinção alguma entre o olho e o ouvido, o ouvido e o nariz, o nariz e a boca; todos eles eram idênticos. A minha mente tornou-se gélida, o meu corpo aparentava dissolução, a carne e os ossos numa mistura. Não tinha qualquer noção dos pés nem do solo que pisava. Deixava-me levar pela corrente como palha seca ou folhas mortas. Na realidade não sabia se o vento me levava ou se era eu que cavalgava o vento.

E tu, agora, que ainda não passaste uma estação completa junto do teu mestre, já te deixas conduzir pela impaciência, uma e outra vez. Com que razão, quando a atmosfera e a terra mal suportam um só dos átomos do teu corpo e o peso dos teus membros? De que modo assim poderás esperar mover-te no vazio ou cavalgar o vento?"

Ao escutar isto Yin-Sheng ficou profundamente embaraçado e incapaz de tomar fôlego, não mais ousou proferir palavra nesse sentido.

14 A ARTE DE PERMANECER DEBAIXO DE AGUA E DE CAMINHAR SOBRE O FOGO

Lie-Tzu questionou o sábio Wen-tzu: por que razão conseguirá o iluminado permanecer debaixo de água sem se afogar, caminhar sobre o fogo sem se queimar, e flutuar no ar sem cair?"

Wen-tzu disse: "Ele não sabe por meio da destreza nem da coragem mas pela congregação da energia e focalização do espírito.

"Pensamos que algo que possua forma, cor e som consista numa coisa. Mas que diferenciará uma coisa de outra? A forma que tem, a cor e o som que emite. E em que consistirão as formas, as cores e os sons? São simples aspectos externos de coisas. Se conseguires ver por entre essas qualidades externas das coisas, então perceberás que todas possuem a mesma estrutura subjacente, por procederem todas as mesma origem. Assim que transcenderem as diferenças externas, qualquer coisa poderá misturar-se com qualquer outra coisa. Ao se tornar um com a água, não vos afogareis; ao vos tornardes um com o fogo, não vos queimareis.

"Para o iluminado, o mundo não apresenta limites. Ele oculta-se no domínio que não contém começo nem fim, e vagueia vagarosamente onde a miríade de coisas surgem e se desvanecem. Ele purifica a sua natureza original, cultiva a sua energia e mantém a sua virtude. Unido às leis da natureza, funde-se com a ordem natural das coisas. Desse modo o seu espírito sai ileso, e as coias externas não conseguem penetrá-lo nem prejudicá-lo.

"Quando um bêbado cai de uma carroça, ele não se magoa com gravidade. Por que será? Os ossos e a carne do homem embriagado são idênticos aos de toda a gente, mas enquanto o indivíduo com consciência pode matar-se numa queda, o bêbado pode escapar sem um arranhão. Isso deve-se ao facto de o embriagado não ter consciência do medo da morte. Para ele não existe diferença entre permanecer na carroça ou cair dela. Por outro lado, o indivíduo consciente encrespa-se de medo ao cair devido a que se veja afectado pelo que se dá só seu redor. Se conseguirdes abrandar o sentido de vós e dos outros por intermédio do álcool, pensai no que na verdade o que esquecendo-vos de vós podereis conseguir. O iluminado funde-se com tudo o que o rodeia. Por isso, nada em torno dele poderá afectá-lo.

14 A ARTE DO TIRO AO ARCO

Lie-tzu estava ansioso por mostrar a perícia que tinha atingido na arte do tiro ao arco a um amigo. Ele puxou do arco e colocou uma taça de água no antebraço esquerdo dele. A seguir introduziu uma flecha e após ter retesado o arco, libertou-a. Antes da primeira flecha atingir o alvo, já ele tinha soltado uma segunda e uma terceira. Quando viu que todas as três tinham atingido o centro do alvo, Lie-tzu sentiu-se amplamente satisfeito consigo próprio. Tão firme era a sua mão e focada a sua concentração que a água da taça não foi se entornou.

O seu amigo, contudo, não se deixou impressionar. Ele disse a Lie-tzu: "Aquilo que me mostraste não passa da destreza do olho e da mão, e não o estado de espírito de um verdadeiro arqueiro. Vamos até ao monte e ficar à beira de um penhasco. Se conseguires disparar com precisão sob tais

condições, então ter-me-ás conseguido convencer da tua mestria de arqueiro."

Os dois subiram até os montes, e assim que chegaram ao todo de um penhasco, o amigo de Lie-Tzu caminharam até à beira do precipício que descia um milhar de pés até baixo. Ao permanecer de pé com as costas para a encosta, e com metade do pé sobre a borda, ele convidou Lie-tzu a juntar-se a ele.

Lie-tzu, claro está, tremia já quando viu o amigo caminhar até à beira do precipício. Agora, só de pensar que permanecer ali com as costas voltadas para o precipício, caiu de cara e foi invadido por suores frios.

Então, o seu amigo disse: "O mestre arqueiro consegue disparar o arco seja em que condições for. Quer consiga ver num céu claro ou em face de um abismo e da morte, por nada conseguir perturbar-lhe a imobilidade da mente. Olha para ti. Encontras-te de tal modo assustado que nem de pé consegues manter-te ou olhar a direito. Como poderás sequer começar a demonstrar a arte do tiro ao arco?"

16 **FAÇANHAS DE PODER**

Na região de Chin, o Sr. Fan Shi teve um filho chamado Tzu Hua que, não obstante não ter um cargo oficial de posição, possuía um poder que se equiparava ao dos ministros. Obteve um grande sucesso alcançando fama como exponente da magia negra. O reino inteiro prestava-lhe vassalagem. O Príncipe de Chin concedia-lhe alto favor, e muito embora não lhe confiasse qualquer cargo elevou-o ao nível de Conselheiro de Estado.

A quem quer que Tzu Hua lançasse o olhar interesseiro era promovido; enquanto aqueles de quem ele falava desfavoravelmente ou desprezava eram em seguida destituídos. As pessoas amontoavam-se no seu corredor com um fervor tal como se estivessem na Corte. Tzu Hua costumava encorajar os seus seguidores a criar polémicas e disputas entre si, de forma que os espertos sempre tiranizavam os detentores de um espírito obtuso, e os fortes espezinhavam os fracos. Embora isto resultasse invariavelmente em ferimentos, mesmo diante de si, ele não tinha muito por hábito deixar-se aborrecer com isso. Dia e noite, este tipo de conduta servia como diversão, acabando por se tornar praticamente um costume no Estado.

Um dia, Ho Shêng e Tzu Po, dois dos principais partidários de Tzu Hua, partiram em missão, e depois de terem atravessado uma extensão de território selvagem, pela noite resolveram recolher-se à choupana dum velho camponês chamado Shang Chiu Wai. Durante a noite, os dois viajantes conversaram entre si sobre a reputação e a influência de Tzu Hua, sobre o poder que ele detinha sobre a vida e a morte, e como ele poderia tornar um homem rico pobre, e um pobre rico. Contudo, Shang Chiu Wai achando-se no estado de indigência e à beira de morrer de inanição, rastejou até à janela e

escondendo-se sob o parapeito desta escutou a conversa deles. Posteriormente, mostrando-se de acordo com eles, tomou algumas provisões, pegou na sua cesta e partiu para a mansão de Tzu Hua.

Os partidários deste último constituíam um grupo de pessoas profundamente mundanas que usava vestes de seda pura e se passeavam em carruagens sumptuosas puxadas por excelentes cavalos pelas redondezas, cheios de pompa e de nariz empertigado e a lançar olhares altivos. Vendo que aquele Shang Chiu Wai era um homem velho e fraco, com a face emaciada e roupas sem qualquer costura cuidada, eles menosprezaram-no. Cedo se tornou um alvo habitual para os seus insultos e ridicularização, sendo empurrado, levando palmadas nas costas e sabe-se lá o que mais.

Porém, Shang Chiu Kai nunca mostrou o menor aborrecimento, e por fim, os partidários, tendo deste modo esgotado os seus ânimos com ele cansaram-se da diversão. Assim, por via de um gracejo, eles levaram o velho com eles para o topo de um precipício, e fizeram passar a palavra ao redor de que aquele que fosse mais ousado e se lançasse dali abaixo seria recompensado com cem onças de prata. Isso suscitou uma resposta calorosa, e Shang Chiu Kai, em perfeita boa-fé, quis logo ser o primeiro a saltar para o precipício. Ele planou até ao chão, lá em baixo, como que levado pelas asas de um pássaro, e nem um osso ou músculo sequer do seu corpo recebeu qualquer ferimento. Os partidários do Sr. Fan Shi, encarando o sucedido como um acto afortunado da sorte, não se mostraram surpreendidos e muito menos maravilhados.

Conduziram Shang Ch'iu K'ai a um rio onde as águas eram profundas e rápidas e disseram-lhe: "Algures por entre essas águas acha-se uma pérola. Aquele que for suficientemente bravo para mergulhar nelas e encontrá-la ficará com ela." Não muito depois voltou à superfície com uma pérola brilhante na mão.

Depois disso, Shang começou a angariar o respeito de toda a companhia de partidários de Tzu-Hua, e deixaram de se meter com ele. Até mesmo Tzu-Hua ouviu falar das habilidades dele e começou a dar-lhe uma remuneração em ouro e tecido como os demais recebiam. Uma noite acenderam uma enorme fogueira perto do armazém em que os tecidos eram guardados. Tzu-Hua chegou à cena junto com os partidários, e ao ver que estava prestes a perder uma enorme fortuna, o mestre disse aos seus correligionários: "Se forem capaz de retirar as minhas sedas do edifício em chamas, recompensar-vos-ei," disse, " e podereis de bom grado ficar com aquilo que conseguires obter de todas estas matérias-primas bordadas como recompensa, seja muito ou pouco."

Sem revelar a menor comoção, Shang Chiu Kai atirou-se directamente e atravessou o fogo, para voltar a sair de novo com as sedas e os brocados intocados e o corpo livre de queimaduras.

Após tal façanha, Shang não só passou a ser respeitado como foi admirado. Tzu Hua e os partidários perceberam então que ele tinha realizado o Tao, e todos começaram a apresentar desculpas, dizendo: " Nós não sabíamos, mestre, que tinha realizado o Tao, e estávamos somente a pregar-lhe uma partida. Insultamo-lo e ofendemo-lo no total desconhecimento de ser um inspirado. Você acabou de expor a nossa estupidez, surdez e cegueira. Permitirá que nos aventuremos a perguntar qual é o seu grande segredo ou método?

Outros se se juntaram igualmente ao redor de Shang a congratulá-lo, e a rogar-lhe que lhes revelasse os segredos de conseguir voar pelos ares, permanecer sob a água, e de caminhar sobre o fogo. Então Shang respondeu-lhes:

"Eu não tenho qualquer segredo nem método, " respondeu Shang Chiu Kai. "Não tenho mesmo a menor ideia sobre a causa real de agir assim. Não obstante a minha ignorância, subsiste em tudo isto uma questão que tentarei explicar-lhe. Pouco tempo atrás, senhor, dois discípulos seus vieram dispostos a passar a noite na minha cabana. Eu ouvi como exaltavam os poderes do Sr. Tzu Hua - como ele era capaz de dispor à vontade da vida e morte, e como ele foi capaz de tornar o homem rico pobre, e o homem pobre rico.

Eu acreditei nisso com toda a sinceridade, e como não me achava muito distanciado deles cheguei-me ainda para mais perto. Tendo escutado, aceitei sem quaisquer reservas todas as declarações feitas por seus discípulos como verdadeiras, e só receei não vir a ter oportunidade de as pôr à prova de modo triunfante. Desconhecia até que ponto o meu corpo se achava em segurança, nem tampouco se o perigo espreitava em algum lugar e da impossibilidade da tarefa. A minha mente residia simplesmente na Unidade, e desse modo os objectos materiais não ofereceriam a menor resistência. Isso é tudo.

Mas, tendo descoberto que os seus discípulos estavam a enganar-me, o meu espírito vê-se alçado a um estado de dúvida e de perplexidade, enquanto os meus sentidos exteriores como as sensações de visão e do ouvido deixam-me relutante em face da natureza do desafio com que me deparo. Quando reflicto como escapei, há pouco, de forma providencial, de me submergir no fogo e morrer queimado, o coração dentro de mim vê-se petrificado pelo horror, e as minhas pernas tremem de medo. Eu jamais terei novamente a coragem para me chegar perto da água ou do fogo."

Daí em adiante, quando os seguidores do filho de Fan Shi se deparavam com um mendigo na estrada, ao invés de zombarem dele, eles haveriam de descer da montada e saudá-lo com um cumprimento humilde.

Tendo Tsai Wo escutado esta história, foi conta-la a Confúcio:

" Parecer-te-á isso demasiado estranho?" respondeu-lhe este. " Ignoras que quem quer que tenha uma confiança absoluta possa estender a sua influência às coisas inanimadas e a espíritos desencarnados; ele é capaz de mover céu e terra, e de voar até aos seis pontos cardeais sem encontrar qualquer impedimento.

Os poderes dele não se limitam a entrar em lugares perigosos nem a atravessar a água e o fogo. Se Shang Chiu Kai, que depôs a sua fé em falsidades, não encontrava nenhum obstáculo nos assuntos externos, quanto mais certo isso não será quando formos sinceros! "Pensa nisso meu filho! "

Em Shang, enquanto o caso de Chiu Kai era um caso sincero, o mestre dele Fan Tzu Hua não passava de um impostor.

17 **A ARTE DE DOMAR TIGRES**

O guardião do parque zoológico do Rei Hsüan, chamava-se Liang, e pertencia à dinastia de Chou, era assistente do rei e era bastante hábil no trato com os pássaros selvagens e as feras. Quando lhes dava de comer nas jaulas existentes no parque, todos os animais se mostraram dóceis e afáveis, embora incluíssem entre si tigres, lobos e águias. Os animais mostravam-se tão mansos que ele podia deixá-los passear pelo pátio. Machos e fêmeas propagavam-se livremente diante dele, e o seu número multiplicava-se.

A dificuldade de adquirir animais selvagens para criação em cativeiro é amplamente conhecida por parte dos naturalistas. As diferentes espécies, contudo, reproduziam-se em cativeiro e coabitavam de forma livre, sem jamais se agredirem entre si.

O Rei, com medo que o segredo deste homem pudesse morrer com ele, ordenou-lhe que o revelasse ao guardião.

Assim, o rei enviou um dos seus servos para junto de Liang Yang para servir de aprendiz. Mas quando ele chegou o guardião disse-lhe:

" Eu não passo dum humilde criado e realmente não tenho nada a transmitir quanto à arte de domar estes animais. Receio que sua majestade pense que eu esteja a esconder algum conhecimento.

"Mas presta atenção. Com relação ao método que uso na alimentação dos tigres, tudo o que eu tenho a dizer é o seguinte: Os animais possuem uma natureza singular. Eles não se enfurecem nem acalmam sem uma razão aparente. O segredo da domesticação dos animais selvagens está em compreender a sua natureza. Conformar-se ao seu temperamento agrada-lhes; contrariá-los irrita-os. Tal é a disposição natural de todas as criaturas vivas. Se não lhes despertarmos a ferocidade, eles andarão calmos;

todavia, se fizermos algo que vá contra a sua natureza, eles enfurecer-se-ão. Nem o seu contentamento nem o seu enfurecimento se manifestam sem uma causa; ambas procedem naturalmente do exagero. A irritação manifesta-se de forma directa; a satisfação de forma indirecta, devido à reacção natural gerada pela superação da oposição.

"Desse modo, ao alimentar os tigres evito dar-lhes presas ainda com vida ou carcaças inteiras, para que com o acto de retalhar as carcaças, não se lhes excite a sede de matança. De seguida, dou de comer ao tigre antes de ele começar a sentir-se esfomeado, controlando desse modo o tempo exacto em que devo dar-lhe de comer, e a importância de o fazer de modo regular, obtendo assim a plena compreensão das causas da sua raiva, e assim controlando-a. Assim, quando tiverem sido alimentados os animais sentir-se-ão satisfeitos. O tigre é duma espécie diferente da do homem, mas, de modo semelhante, reage bem para com aqueles que lhe dispensa um bom tratamento e lhe entende os instintos; mas em caso contrário tende a atacar.

"Sendo assim, cuido de não lhes provocar qualquer oposição que lhes possa provocar fúria nem lhes espevito qualquer contentamento que lhes cause prazer, porque esse sentimento de satisfação a seu tempo deve ceder lugar à fúria, da mesma maneira que a fúria, invariavelmente, deve ser sucedida pela satisfação; qualquer justa medida provar-se-á meramente impossível de conseguir. E nenhum destes estados alcançam o devido objectivo.

Consequentemente, é meu propósito não me revelar antagónico nem complacente, nem lisonjear nem contrariar de modo que os animais me considerem como mais um, idêntico a eles. Mantendo o justo equilíbrio não me atrevo a agir de outro modo, por isso levar os animais a sentir que sou um deles. Desse modo chegamos a ver que eles se passeiam pelo parque sem lamentar a perda do habitat natural, nas florestas altas e nos vastos pântanos, e descansam nas jaulas sem ansiar pelas montanhas desertas nem pelas selvas impenetráveis. Tal são os princípios que conduziram aos resultados que presencias."

18 A ARTE DE CONDUZIR UM BARCO

Um estudante perguntou a Confúcio:

"Certa vez, quando estava a cruzar um rio, notei que o barqueiro conduzia o barco com tal graciosidade que lhe perguntei se a perícia que demonstrava poderia ser objecto de aprendizagem. Ele respondeu-me que qualquer um poderia aprender aquilo, mas que se soubesse nadar, então a acharia especialmente fácil. De seguida perguntei-lhe se uma pessoa que saiba nadar debaixo de água mas que não tenha visto um barco antes também

acharia fácil manobrar o barco. O homem não me respondeu a essa pergunta. Poderás dizer-me porquê?"

Confúcio respondeu:

Torna-se fácil para um nadador conduzir um barco por tal pessoa já compreender a natureza da água. Para ele é natural mover-se através da água. De facto, os movimentos que o nadador empreende na água são tão naturais que ele se esquece de que se encontra na água. O mergulhador que jamais tenha visto um barco também não deveria ter problema em aprender a habilidade da náutica. Para ele, as profundezas do oceano assemelham-se à terra seca. Está tão acostumado a andar debaixo de água que para ele um barco à sua superfície nada representa. Por não temer o que possa acontecer ao barco, e se sentir tão descontraído no barco quanto em terra seca. Por isso, aprenderá rapidamente."

Quando Confúcio viu que o seu estudante ainda se encontrava perplexo, prosseguiu:

"Se jogares a contas de vidro, jogá-lo-ás habilmente. Se o que estiver em jogo for a fivela cara do teu cinto, começarás a sentir-te desajeitado. Se jogares a dinheiro, sentir-te-ás inepto. Portanto, não é que tenhas perdido a perícia, mas por te sentires nervoso pelo que sucede externamente que perdes a compostura interna. Perde a calma e fracassarás em tudo o que fizeres."

19 A ARTE DE NADAR

Confúcio e os seus aprendizes encontravam-se junto a uma cascata. A água corria sobre a borda e caía abaixo de uma altura de sessenta metros, onde o ri prosseguia veloz por um desfiladeiro de trinta léguas de extensão. Nem mesmo os peixes, as tartarugas, nem os jacarés, se atreveriam a aproximar-se dessas águas traiçoeiras.

De súbito assistiram a um indivíduo a saltar do cume da queda de água para as águas espumantes do rio. Confúcio pensou que aquele homem devesse estar a tentar cometer suicídio, de modo que disse aos aprendizes para se dirigirem para a margem do rio e para se prepararem para o salvar. Mas quando acorreram apressados para a borda do rio, viram que alguém vinha a nadar vagarosamente para a margem. Para sua surpresa, o homem ergueu-se nos baixios, sacudiu a águas dos seus longos cabelos, e começou a cantar.

Confúcio não conseguia acreditar naquilo que via, razão por que se acercou do estranho homem e lhe disse: "Quando vi que se lançou do topo da queda de água, pensei que se queria matar. Mas assim que o vi a nadar nessas águas traiçoeiras enquanto se deleitava, pensei que fosse um fantasma.

Mas ao me aproximar, posso constatar que é um homem." Com é que consegue nadar por entre águas tão perigosas?"

O homem de cabeleira longa respondeu-lhe:

"Não tenho nenhum método particular de natação, excepto que, quando me encontro na água, não luto com ela. Deixo-me flutuar nela e afundar-me nela em vez de tentar forçar um caminho através dela. Poderás dizer que tenha iniciado a minha aprendizagem com o que me foi dado à nascença, que a tenha continuado o que me era natural fazer, e a tenha completado ao confiar no que deveria tornar-me."

Confúcio disse: "Diz-me o que queres dizer com isso."

O homem respondeu: Significa seguir o curso natural das coisas. Se tivesse nascido nas montanhas, ter-me-ia sido natural sentir-me confortável no alto dos montes. Isso significa começar com o que me foi dado ao nascer. Se tivesse nascido no mar, teria sido natural eu brincar na água. Isso seria prosseguir com o que seria natural fazer. Quando faço qualquer coisa, jamais me ocorre pensar no modo como a faço. Isso é confiar no que está destinado a ser."

20 O HOMEM QUE CONSEGUIA CAMINHAR SOBRE O FOGO

Um caçador seguido de vasta facção de seguidores perambulavam pelos maciços centrais à procura de veados. Quando não conseguiam encontrar animais na área, chegavam fogo à erva alta na esperança de que os animais fugissem dos abrigos. De súbito contemplaram um vulto emergir das pedras. Quando o caçador e os amigos viram o vulto passar por entre as labaredas e o fumo pensaram ter visto um fantasma.

Todavia, assim que o fogo esmoreceu, voltaram a ver o vulto, que desta vez caminhava vagarosamente como se nada se tivesse passado. O caçador ficou curioso, de modo que se encaminhou na direcção do vulto, para o ver de perto. Assim que percebeu que o vulto tinha aspecto e forma humana, ficou ainda mais fascinado. Assim, dirigiu-se ao homem e perguntou-lhe: "Porque é que vives nos rochedos e passas por entre as labaredas?"

O homem respondeu-lhe: "Que coisa é "rochedos," e que coisa será "labaredas" Não sei de que falas."

Tal façanha foi motivada pela inconsciência que permitiu desempenhasse aquele feito.

Quando o Marquês de Wei veio posteriormente a ter conhecimento disso, perguntou a Tzu Hsia, um estudante de Confúcio: "Já terás ouvido falar de gente que consegue caminhar por entre o fogo? Que homem extraordinário não deve ser!"

Tzu Hsia respondeu: "O meu mestre Confúcio certa vez disse que se nos encontrássemos em harmonia com os elementos que nos rodeiam, não nos veríamos prejudicados por eles. Um fulano assim seria capaz de se "fundir" com as rochas e de caminhar sobre o fogo."

"Serás tu capaz de tal façanha?"

"Não consigo, por ainda me ver incapaz de esvaziar a mente e de descartar o conhecimento que obtive. Sei somente o suficiente para falar acerca disso."

"Conseguirá o teu mestre uma façanha dessas?"

"O meu mestre é capaz de tanto, mas não o quererá."

Assim que o marquês escutou aquilo, ficou encantado e não fez mais perguntas.

21 **LIE TZU E O FEITICEIRO**

Havia um certo feiticeiro que era capaz de prever o futuro. Um olhar para as características faciais de alguém era tudo quanto precisava para ser capaz de predizer se a pessoa viria a vier ou a morrer, se viria a ter sorte ou azar. Era mesmo capaz de dizer a idade do indivíduo, o dia do nascimento e o dia em que faleceria.

Toda a gente o evitava, com receio que lhes indicasse coisas que preferiam não saber. Apenas Lie-tzu se deixou impressionar com as capacidades do feiticeiro e o acolhia na sua companhia. Tão impressionado se encontrava com o seu poder que foi até junto do seu mestre, Hu-tzu e disse: "No passado cheguei a pensar que dominavas os mistérios do Céu e da Terra, mas agora encontrei alguém que possui poder mais vasto."

Hu-tzu respondeu: "Apenas tocaste ao de leve nos ensinamentos que dispenso. Ainda nem sequer comecei a mostrar-te a natureza subjacente das coisas, e acreditas ter compreendido os mistérios do universo. Se interagires com gente dotada de conhecimento superficial, tornar-te-ás plenamente previsível. Traz-me esse feiticeiro e vejamos o que sucede."

No dia seguinte, Lieh-tzu levou o feiticeiro a visitar Hu-tzu, e ficou respeitosamente a aguardar no exterior. Quando o feiticeiro saiu, disse a Lieh-tzu: "Tenho más notícias para te dar. O teu mestre está às portas da morte. Restam-lhe, quando muito, uns dez dias de vida. Tem o rosto branco como cinzas e encontra-se de tal modo imóvel que mais parece um cadáver."

Aflito e num pranto, Lieh-tzu acorreu junto ao mestre e relatou-lhe o que o feiticeiro lhe tinha revelado.

Hu-tzu respondeu-lhe: " Mostrei-lhe apenas o domínio que o Yin exerce sobre o Yang, Apresentava um corpo enrijecido e uma respiração inactiva. Foi isso que o levou a concluir que me encontrava às portas da morte. Pede-lhe que venha visitar-me uma segunda vez."

No dia seguinte, lá conseguiu Lieh-tzu levar o feiticeiro numa nova visita a Hu-tzu. Desta vez, ao sair, o feiticeiro disse-lhe: "Parabéns! O teu mestre está a melhorar. Ele teve sorte em me ter conhecido. Agora posso ver sinais de vida nele."

Assim que Lieh-tzu contou o sucedido Hu-tzu sorriu: "Foi por lhe mostrar o domínio do Yang sobre o Yin. O sopro primordial tinha acabado de despertar em mim. Não posso nomeá-lo nem descrevê-lo. Foi como erguer-me nos meus calcanhares e encher todo o meu corpo. Foi por isso que ele percebeu que eu regressava à vida. Vê se o trazes de novo."

Quando feiticeiro viu Hu-tzu de novo, disse a Lie-tzu: "O teu mestre está sempre a mudar. Não consigo ver nada nele. Terei que regressar quando se encontrar mais estável."

Mais tarde Hu-tzu disse a Lieh-tzu: "Tinha acabado de lhe mostrar a cópula do yin e do yang. Provavelmente ele terá contemplado o processo da criação e da dissolução e o fluxo da mudança as coisas.

Ribeiros, riso, quedas de água, nascentes, lagos, rápidos, redemoinhos e vórtices são tudo diferentes manifestações da água, mas eventualmente tudo corre para as profundezas. Existem nove dessas profundezas, e só lhe mostrei três. Diz-lhe para cá vir de novo."

Desta vez, mal tinha o feiticeiro posto pé na habitação de Hu-tzu quando saiu a correr desenfreado. "Detém-no," disse Hu-tzu. Lie-tzu correu atrás do feiticeiro mas não foi rápido o suficiente para o apanhar, e em breve perdeu-lhe o rasto.

Lieh-tzu voltou para o mestre e disse-lhe: "Ele correu tão rápido que não o consegui apanhar.

Logo Hu-tzu lhe disse: "Aquilo que acabei de lhe mostrar foi o aspecto que tinha antes de vir ao mundo. Não tinha corpo nem forma, ouvido nem olfato. Andava à deriva por entre as coisas em que entrava e saía sem ser notado nem examinado. Ele jamais tinha visto esse tipo de coisa, antes.

A partir dessa altura Lieh-tzu ficou com a noção de que o que tinha aprendido era frívolo e que se encontrava na verdade longe de compreender os caminhos do Céu e da Terra. Assim, regressou a casa e dela não saiu durante três anos. Cozinhou para a mulher e fez as obrigações de casa, cuidou dos porcos e foi amável com todos quanto passavam. Distanciou-se dos assuntos mundanos e libertou-se do

emaranhado de mentiras e de verdades. Não mais se parecia com um pedaço de jade esculpido mas com um bloco tosco de madeira. Em meio a esse mundo turvo permaneceu verdadeiro para consigo próprio, e na simplicidade e tranquilidade passou o resto da sua vida.

22 O RECEIO DE LIEH TZU

Encontrava-se Lieh-tzu a caminho do condado de Chi quando subitamente decidiu voltar atrás. No regresso encontrou-se com um dos seus mestres anteriores, Po-hun, que lhe perguntou: "Tu ias a caminho de Chi; porque voltaste para trás?"

Lieh-tzu respondeu: "Por estar com receio."

"Que tens a temer?"

"Eu entrei em dez estalagens para comer, e em cinco serviram-me antes de servirem os demais."

"Que problema tem isso?"

Lieh-tzu respondeu: "Ocorreu-me que o ego me estivesse a levar a melhor e que me impunha um tipo qualquer de respeito ou que levava as pessoas a pensar que eu seja um homem importante. Isso terá levado os estalajadeiros a dar-me a preferência no tratamento. Se continuar ver-me-ei em sarilhos."

Lieh-tzu lá prosseguiu: "Os estalajadeiros não ganham muito e decerto que não têm lá grande voto em questões de política. Se as pessoas que pouco têm a ganhar me têm na conta de pessoa tão importante, então deverei estar mesmo em apuros quando os generais e o s ministros vierem consultar-me e pedir conselho. É por isso que tenho receio."

Po Hun respondeu-lhe: "Excelente observação! Mas deixa que te diga uma coisa. Mesmo que fiques e deixes de ir a Chi, os outros não te largarão facilmente." Lieh-tzu nunca chegou a ir a Chi. Em vez disso decidiu instalar-se num sítio sossegado.

Passado não muito tempo, Po Hun veio visitá-lo. Ao ver o calçado de inúmeras visitas à entrada de casa de Lieh-Tzu, Po Hun não entrou e partiu sem proferir palavra.

Quando o sucedido chegou aos ouvidos de Lieh-tzu que o seu antigo mestre tinha sido visto no exterior, ele correu descalço no seu encalço e lá conseguiu apanhá-lo a tempo de lhe dizer: "Mestre, uma vez que vieste, porque não entras e me instruis?"

Po Hun disse: "Eu nada tenho a dizer. Eu disse-te que as pessoas não te largariam facilmente, e agora isso foi comprovado. As pessoas acorrem a ti,

não porque sejas capaz de permitir que te respeitem mas por não os poderes impedir de fazer isso. Tu exibiste a tua virtude e as tuas conquistas e com isso atraíste as pessoas que procuram aprender contigo, mas nem tu nem essa gente beneficia disso. Eles bajulam-te, e tu dizes-lhes aquilo que eles querem ouvir. Amparais-vos uns aos outros, e no final nenhum sai esclarecido."

23 LAO-TZU ENSINA YANG CHU

Yang Chu era discípulo de Lao-tzu. Assim que ouviu dizer que Lao-tzu se encontrava de viagem para a terra ocidental de Chi, foi encontrar-se com o seu mestre na estrada mesmo à saída da cidade de Liang.

Lao-tzu olhou para Yang Chu e de seguida ergueu os olhos para o céu e suspirou, dizendo: "Certa vez pensei que fosses capaz de aprender. Agora tenho a certeza de que és incorrigível."

Quando Yang Chu ouviu aquilo ficou intrigado, mas nada disso. Seguiu Lao-tzu até à estalagem e prestou assistência ao mestre. Estendeu-lhe um pente, uma toalha e uma bacia com água e aguardou pacientemente enquanto o mestre se lavava. Quando viu que Lao-tzu se tinha finalmente sentado, tirou as sandálias, rastejou sobre as mãos e os joelhos até junto do mestre, e disse respeitosamente: "Mestre, há pouco disseste que eu era incorrigível. Ao ver que te dirigias apressado opara a cidade, não me atrevi a atrasar-te com pedidos de explicação. Agora, porém, que pareces dispor de um certo tempo, gostaria de descobrir que foi que fiz de errado."

Lao-tzu disse-lhe: "És altivo e arrogante. Não sentes respeito por coisa nenhuma. Não é de admirar que ninguém procure a tua companhia."

Yang Chu humildemente pediu que o instruísse, e aí Lao-tzu respondeu: "Uma pessoa de virtude não se considera virtuosa, e quem quer que tenha alcançado o esclarecimento não apresenta aparências de perfeição. Somente assim poderás transcender o mundo e ainda assim fazer parte dele."

Yang Chu acatou o conselho do mestre de imediato.

Quando chegou pela primeira vez à estalagem, o estalajadeiro cumprimentava-o com deferência com regularidade. A mulher do estalajadeiro receava não o servir de modo apropriado. Os outros fregueses sentavam-se a uma distância respeitável e não se atreviam a proferir palavra. Por altura em que Yang Chu deixou a estalagem para prosseguir viagem, ele já gracejava com o estalajadeiro e mostrava-se tão amigável com a clientela que ela começou a disputar um lugar à mesa dele.

24 QUE TERÃO AS APARÊNCIAS DE ERRADO?

Enquanto viajava para o condado de Sung, Yang Shu foi hospedar-se numa estalagem. O estalajadeiro tinha duas mulheres, uma bonita e a outra feia. Quando Yang Shu viu que o estalajadeiro amava mais a mulher feia do que a bonita ficou surpreendido e perguntou-lhe: "A maior parte das pessoas amaria uma mulher bonita e ignoraria uma feia. Porque fazes tu o contrário?"

O estalajadeiro respondeu: "A bonita pensa que é bonita mas não lhe distingo tal beleza. A feia tem-se na conta de feia, porém, não lhe noto fealdade alguma."

Yang Shu regressou para junto dos discípulos e disse: "Lembrem-se bem disto. Se forem sinceros convosco próprios e fizerem as coias de boa-fé, toda a gente em vós perceberá a virtude. Assim, não importa onde vão, serão respeitados."

Quando olhamos as coisas muitas vezes presumimos que, quando duas coisas têm um mesmo aspecto exterior devem ser iguais por dentro. Contudo, o sábio sabe que as aparências não nos dão conta do que vai no íntimo. Qualquer coisa poderá parecer humana e ainda assim não apresentar a mesma inteligência que um ser humano; algo poderá não possuir o aspecto humano e ainda assim ter a inteligência de um ser humano.

Além disso, temos a temos a tendência para nos deixarmos atrair por coisas que se nos assemelham, e a distanciar-nos daquelas que não se parecem connosco. Quando vemos alguma coisa alta que caminha sobre duas pernas, que possui cabelo e mãos com dedos, chamámos-lhe humano e de imediato os mostramos amigáveis para com ela. Quando vemos algo que caminha sobre quatro patas, que voa ou rasteja, sentimos de imediato como se alguma coisa de fosse diferente de nós e tornámo-nos cautelosos.

No entanto, o sábio sabe que certos animais são tão inteligentes e zelosos quanto aos seres humanos, e que alguns seres humanos são tão selvagens quanto animais. Como se poderá julgar pelas aparências?

Os benfeitores da humanidade, a deusa Nu que nos criou, o sábio Sheng Nun que nos inculcou o conhecimento da agricultura e muitos dos mestres da humanidade da antiguidade – não surgem sob a forma humana. Alguns possuem corpo de serpente, outros têm cabeça de touro, e outros ainda possuem asas e cascos. Por outro lado, os tiranos que escravizam as pessoas e que matam inocentes, possuem aparência humana. Desse modo, como se poderá julgar qualquer coisa pelo aspecto que apresenta?

Quando o Imperador Amarelo defendia a sua nação dos invasores, possuía um exército de tigres e de ursos, de lobos e de leopardos. Águias e falcões

carregavam-lhe os estandartes. No entanto dizia-se que o Imperador Amarelo conseguia chamar para o seu lado animais com flautas e sininhos. Por conseguinte, em que é que tanto diferem os animais de nós, se são capazes até de responder ao nosso chamado?

Pensamos não ser capazes de comunicar com os animais por não se assemelharem a nós e produzirem ruídos diferentes. Todavia, os sábios da antiguidade sabiam ser ao contrário, por serem capazes de falar com os animais e de os compreender.

Na realidade os animais parecem-se muito com os humanos. Sabem cuidar deles próprios, acasalam, tratam e protegem as crias, evitam o perigo e buscam o calor e o abrigo, para além de possuírem inteligência, tal como o homem. Sempre que viajam, os mais fortes protegem os mais fracos. Alguns procuram água, outros abrem caminho, e outros ainda ficam a vigiar o perigo. Não será isso o que os seres humanos fazem?

No passado, animais e seres humanos viviam em paz, juntos. Os seres humanos não prejudicavam os animais, nem estes temiam as pessoas. No tempo dos imperadores, os animais começaram a recear as pessoas, por se terem tornado objecto de caça. Agora raramente vemos os animais no seu habitat natural, por terem aprendido a esconder-se- de nós.

N uma povoação distante que fica lá para leste, há quem ainda consiga falar com os animais domésticos e os entenda. Todavia, só os sábios da antiguidade conheciam a língua dos animais e conseguia chamá-los e dar-lhes instruções. Na verdade, tais sábios conseguiam falar com os espíritos, e desse os seus ensinamentos prolongavam-se à miríade de coisas existentes na criação, tanto humanos como não humanos.

VERSÃO DE LIONEL GILES

Pode existir semelhança no entendimento sem existir semelhança na forma de exteriorização. Pode igualmente existir similitude no modo de exprimir sem, contudo, haver qualquer semelhança na compreensão. O sábio abraça a semelhança da compreensão e não dá qualquer importância à similitude do modo.

Toda a gente, em geral, se deixa atrair pela semelhança dos modos enquanto permanece indiferente à similitude do entendimento. Aqueles que se assemelham pela forma, eles estimam e tornam-se seu consorte; aqueles que diferem deles na forma, eles têm a tendência para temer e manter à distância.

A criatura que possui um esqueleto com sete pés de comprido, e a forma das mãos ligeiramente diferente da dos pés, cabelo na cabeça e um feixe de dentes nas mandíbulas, é tida na conta de ser um homem. Mas isso não quer dizer que um homem não possua o cérebro dum bruto. Ainda que possa ser

o caso, outros serão capazes de distingui-lo como um par da mesma espécie em virtude da sua forma externa.

As criaturas que possuem asas nas costas ou chifres na cabeça, dentes afiados ou garras extensivas, e que voam por cima ou correm sobre quatro patas, são chamadas aves ou bestas. Todavia, não quer isso dizer que uma ave ou uma besta não possua a mente dum homem. No entanto, mesmo nesse caso jamais é tido como da mesma espécie devido à diferença na forma.

Pao Hsi Nu Kua, Shen Nung e Hsia Hou tinham corpo de serpente, face humana, cabeças de boi e focinho de tigre. Por isso a sua forma era tudo menos humana, não obstante a sua virtude ser das mais santificadas. Chieh da dinastia Hsia, Chou da Yin, Huan do Estado de Lu e Um do estado de Chu, eram todos, no que toca ao aspecto externo, aparência física e posse dos sentidos, semelhantes a qualquer outro; todavia possuíam a mente de um bruto. Seja como for, na busca da compreensão perfeita, o homem considera unicamente a forma externa, a qual não o leva nem sequer perto.

25 **SUAVIDADE E DUREZA**

Há muita coisa acerca do caminho do Céu e da Terra que as pessoas acham intrigantes. Por exemplo, a força nem sempre vence, e por vezes a suavidade pode mesmo chegar a representar a estratégia mais eficaz. Se por rotina tentarem superar a força com a força, um dia acabarão por encontrar quem seja mais forte que vós, e serão derrotados. Se souberem submeter-se, então, jamais se verão em perigo. Se forem competitivos sempre chegarão a uma altura em que se verão derrotados. Se não forem competitivos não precisarão preocupar-se por vencer ou perder.

A força deveria sempre ser complementada pela brandura. Se resistirem demasiado acabarão por quebrar. Desse modo, aquele que é forte sabe quando empregar a força ou fazer uso da concessão; a sorte e o desastre dependerão de saberem como e quando fazerem concessões.

Lao-tzu disse certa vez: "Se um ramo for demasiado rígido, ele quebrará. Resisti e perecereis. Saibam ceder e sobreviverão.

Houve certa vez um rei que estava unicamente interessado em contratar quem fosse forte e bravo, por acreditar que a força constituísse a melhor maneira de se proteger. Certo dia um filósofo itinerante foi visitá-lo. O rei nesse dia encontrava-se de mau-humor e mostrava-se carrancudo, ao andar para a frente e para trás. Ao ver o filósofo disse: "Só estou interessado em ouvir falar de força e coragem. Se me vieres falar sobre virtude e moral, então perderás o teu tempo."

O filósofo disse: "Se eu possuísse estratégia que garantisse que qualquer um que tentasse apunhalá-lo falhasse, estaria interessado?"

“Claro que gostaria de ouvir falar disso.”

“Se alguém o tentar apunhalar e falhar ainda se sentirá humilhado por ter sofrido um atentado à sua vida. Por isso, estratégia melhor seria uma que levasse as pessoas a jamais se atreverem a atacá-lo, desde logo.”

O rei relutantemente lá concordou, enquanto o filósofo prosseguia:

“Bom, se as pessoas não se atreverem a prejudicá-lo, não há garantia de que não tenham o desejo de lhe fazer mal. Por isso, estratégia ainda melhor seria uma que levasse as pessoas a não querer fazer-lhe mal em absoluto.”

O rei assentiu pensativo. A seguir o filósofo acrescentou: “Mas o simples facto de as pessoas não serem levadas a querer prejudicá-lo não quer dizer que o respeitem ou amem. Suponhamos que dispunha de uma estratégia que as conseguisse levar a amá-lo e a respeitá-lo, de modo que as suas preocupações fossem as preocupações delas. Não seria tal estratégia várias vezes melhor do que a mera força e coragem?”

O rei exclamou: “É disso exactamente que ando à procura. E o filósofo respondeu: “Nem Confúcio nem Mo-tzu eram príncipes. Jamais se tornaram líderes ou tiveram qualquer cargo político. No entanto as pessoas respeitavam-nos do mesmo maneira que a reis e a nobres. Por toda a parte em que andassem as pessoas agarravam-se-lhes ao pescoço e punham-se em bicos de pés para obter um olhar da parte deles. Toda a gente os respeitava e lhes desejava bem. Vossa majestade já possui poder político e militar. Se governar a sua gente com virtude e integridade, a sua grandeza não suplantaria a de Confúcio e a ed Mo-tzu?”

O rei ficou mudo, sem palavras. Ao ver que tinha conseguido o objectivo, o filósofo saiu rapidamente. O rei voltou-se para os ministros e disse: “Aqui está um homem que sabe falar de verdade.” Ele deu-lhe a volta por completo com os argumentos que apresentara.

LIVRO TRÊS
O REI MU DE CHOU

INTRODUÇÃO

Por vezes um sonho parece de tal modo real que quando acordamos sentimos não ter sido um sonho. Uma vez acordados, esquecemos os sonhos que tivemos. Quando dormimos esquecemos a vida do estado desperto. Qual será mais real: a nossa vida onírica ou a vida do estado desperto? É acerca disso que Lie-tzu nos questiona.

Até mesmo no estado esperto, as coisas não são tão permanentes quanto pensamos. O que hoje poderá parecer razoável, poderá amanhã soar a ridículo. Os pensamentos que nos ocupam a mente durante o dia poderão parecer-nos destituídos de sentido quando permanecemos despertas à noite e voltamos a pensar neles.

Se nada é permanente, então porque nos afeiçoamos tanto ao sucesso e ao fracasso? Após a morte ninguém irá recordar o que fizemos. Mas mesmo que sejamos recordados, o que recordado será apenas o que optarem por recordar.

Porque conduzir-nos com tanta dureza quando ao morrer não conseguimos levar as nossas riquezas connosco? Porque dar tamanha importância ao amor e à perda quando sabemos que um dia teremos que abandonar toda a gente? A vida é uma jornada curta, por isso, porquê tornar-nos presa das convenções sociais, da aprovação dos pares e de preocupações inúteis?

Enquanto o rei Mu viajava pelo reino do espírito, tudo lhe parecia real. Mas quando regressou ao próprio reino descobriu que tudo quanto tinha experimentado tinha sucedido num pestanejar de olhos. Será o domínio do espírito real ou não passará de uma ideia fugaz?

Para aquele que conseguia fazer com que nevasse no Verão e trovejasse no Inverno, o nosso mundo "real" pode não passar de uma ideia efémera. Poderá um tal homem mudar a realidade? Ou será que a nossa realidade não será tão permanente quanto somos levados a crer?

Se conseguirmos deixar-nos levar sem nos aprisionarmos pelas preocupações mundanas, então não nos preocuparemos durante o dia nem sonharemos com os problemas durante a noite. Onde não existir um "Eu" (separado, subentenda-se) não existirão sonhos. O sono constitui um período de descanso. Porque gastá-lo com preocupações?

Perceber as ilusões do "Eu" e do mundo permitir-nos-á entender a natureza da felicidade e do pesar. O rico que era senhor do seu ofício durante o dia e que sonhava ser um escravo ao dormir não difere muito do escravo que

sofre durante o dia e que sonha ser rei pela noite. Ambos experimentam meio dia de felicidade e meio dia de tristeza.

Se nos formos sentir infelizes nas nossas vidas despertas ou nos nossos sonhos, então porque não sermos como aquele que perdeu a memória das preocupações? Quem será mais afortunado – aquele que perdeu a memória e as preocupações ou aquele que as retém?

O mundo é aquilo que dele fazemos. Nós criamos a nossa felicidade e os nossos pesares. Se esse for o caso, porque criar problemas para nós próprios?

26 O SONHO DO REI MU

O rei Mu de Chou foi visitado por um estranho do extremo oeste. Tratava-se de um feiticeiro que era capaz de caminhar sobre o fogo e a água, penetrar a pedra e o metal, voar pelos ares e mover montanhas e rios. O rei Um ficou sobejamente impressionado com as habilidades do feiticeiro e tratou-o como a um deus.

Construiu-lhe um palácio, enviou-lhe os melhores pratos que tinha no reino, e providenciou-lhe as melhores cortesãs. Todavia o feiticeiro não levou tais oferendas em grande consideração. Achou o palácio desconfortável, a comida desagradável e as cortesãs feias, malcheirosas e incultas.

Ao ver que o seu convidado se sentia insatisfeito o rei mandou construir um outro palácio maior do que o anterior. Contratou os melhores artífices e arquitectos e usou a melhor madeira e pedra que tinha no condado. O palácio era formado por uma torre que subia até às nuvens e que tinha as vistas mais incríveis sobre vales e montanhas. O rei Mu chamou-lhe a torre do meio do céu.

O rei congregou igualmente as mulheres mais belas e delicadas que tinha no reino. Forneceu-lhe as melhores peças e joalharia e de seda, aspergiu-o com as mais puras fragrâncias e disponibilizou-lhe os melhores assistentes. Todos os dias lhe oferecia vestimentas caras e as melhores iguarias e convocou os melhores músicos ara tocar a melhor música alguma vez composta.

O feiticeiro ainda se sentia insatisfeito, mas ao ver que orei tinha dado o seu melhor, de má vontade aceitou as oferendas.

Passado não muito tempo, o feiticeiro convidou o rei Mu para viajar com ele à sua terra no oeste. Dizendo ao rei para fechar os olhos e para se agarrar à manga da veste dele, alçou-se ao céu. Assim que o rei abriu os olhos deu por si na terra do feiticeiro. Ao entrar na área do palácio viu que os edifícios se achavam decorados com prata e ouro. Jade, pérolas e outras joias preciosas adornavam as paredes e as janelas. O palácio situava-se num

leito de nuvens que ficava acima da chuva e das tempestades. Tudo quanto viu, ou viu, experimentou, era desconhecido no seu mundo. Foi então que o rei Mu percebeu que os deuses deveriam ter apreciado tais luxos nos seus palácios celestes. Comparado com aquilo, o seu próprio palácio parecia um mero casebre.

O rei Mu disse para consigo próprio: "Jamais vi coisa assim. Não me importava de aqui ficar dez ou vinte anos." O seu devaneio foi interrompido pela aproximação do feiticeiro que o levou a visitar ainda um outro reino.

Desta vez, quando o rei Mu chegou, não conseguiu vislumbrar sol nem lua, montes nem mar. Para onde quer que olhasse a luz era de tal modo deslumbrante que tudo quanto conseguia divisar era um caleidoscópio de cores que o deixavam estonteado. Os sons que escutava eram estranhos e misteriosos e logo ficou com os sentidos desorientados. O corpo tremia-lhe e sentia a mente ofuscada; sentia-se enjoado e pensou que ia adoecer. Rapidamente pediu ao feiticeiro que o levasse dali ou enlouqueceria. O feiticeiro deu-lhe um leve empurrão, e o ri Mu viu-se de volta ao seu palácio.

Ao abrir os olhos verificou que se encontrava sentado na sua cadeira, que jamais tinha deixado. O vinho que tinha na taça ainda não tinha sido ingerido, e a comida no prato ainda se encontrava tépida. Os seus assistentes permaneciam na mesma posição anterior. Quando lhes perguntou o que tinha acontecido, os assistentes responderam que permanecera sentado na sua cadeira e que fechara os olhos por breves instantes.

O rei Mu achava-se de tal modo chocado com aquilo que levou quase três meses a recobrar de toda aquela experiência. Por fim decidiu perguntar ao feiticeiro o que tinha realmente sucedido e o seu distinto convidado respondeu-lhe: "Fizemos uma jornada pelos domínios do Espírito. Foi por isso que o teu corpo permaneceu imóvel e não sentiste passagem de tempo. Experimentaste um mundo que te é desconhecido enquanto permanecias sentado no seu próprio palácio.

Existirá mesmo alguma diferença entre os lugares que visitaste e aquele a que chamar "lar"? Ficaste chocado e desorientado por te sentires confortado com o que designas por permanente, e sentiste-te- nervoso com as coisas que consideras transitórias. As reacções que sofreste são o resultado das partidas que a tua mente te provocou. Quem poderá asseverar quando e com que rapidez uma situação pode mudar numa outra e qual será real e qual não será?"

Após ouvir aquilo o rei Mu decidiu retirar-se da política. Ordenou aos assistentes que preparassem a sua carruagem e os cavalos a partiu numa longa viagem pelo seu reino. Viajou para terras estranhas onde foi entretido

pelos senhores dessas terras. Num dos locais que visitou o chefe tribal deu-lhe a beber o sangue de um ganso da neve, e lavou-lhe os pés com leite de vaca e de cabra. A seguir o rei escalou as montanhas Ku-lun até ao topo, de onde vislumbrou o palácio real do Imperador Amarelo, e construiu um memorial para que as gerações futuras recordassem esse poderoso governante.

A seguir foi em visita à Mãe Imperatriz do Oeste, que lhe ofereceu um banquete de honra e entreteve com música e canto. O rei cantou em dueto juntamente com a Imperatriz celeste mas a música apenas invocou sentimentos de tristeza.

À medida que o sol se começou a pôr nos céus do oeste, o rei Mu percebeu que viajara mais de dez mil milhas num só dia. Suspirou e disse: "Em vez de usar o tempo de que dispunha a governar o país e a cuidar dos meus súbditos, desperdicei este dia a cantar a divertir-me. O provável é que venha a ser visto pelas gerações futuras com um tolo!"

O Rei Mu não era divino. Ele desfrutou por completo da sua vida e morreu quando chegou a hora. Mas toda a gente acreditava que se tinha tornado num deus e que tinha ido para o céu.

27 APRENDENDO AS ARTES ARCANAS

Lao Cheng Tzu foi aprender os segredos das artes arcanas com o sábio Wen-Tzu. Depois do seu mestre não lhe ter ensinado nada durante três anos, ele desculpou-se pela estupidez e pediu permissão para retornar a casa.

Wen Tzu fez uma vênia a Lao Cheng Tzu, conduziu-o aos aposentos dele, dispensou os outros estudantes e fechou a porta, a seguir ao que, disse:

"Quando o meu mestre partiu para as terras do ocidente disse-me que a vida e a essência do céu e da terra e a forma de todas as coisas na verdade constitui uma ilusão. Quando as energias do Yin e do Yang copulam e as coisas vêem à existência, chamamos a isso nascimento. Quando se separam e desvanecem, chamamos-lhe morte. Àquilo que ocorre segundo a aritmética da mudança chamamos transformação, ou arcano."

"Os princípios da criação e da dissolução são profundos e de difícil compreensão. Se nos aferrarmos simplesmente aos aspectos superficiais da mudança, só lidaremos com ilusões, e o que quer que manipulemos não terá efeito duradouro. Somente quando penetramos a aritmética da transformação e nos tornamos unos com a mudança estaremos qualificados para a aprendizagem das artes arcanas. Afinal de contas, tu e eu não

passamos de ilusões de corpo e mente, por isso, que terão as artes arcanas de tão mágico?"

Lao Cheng Tzu agradeceu ao seu mestre e regressou a casa. Pensou no que ele lhe tinha dito durante três meses e começou a abrir mão da ilusão de corpo e mente. Tendo-o conseguido, tornou-se capaz de surgir e de desaparecer à vontade e de dar a volta às estações. Era capaz de convocar o trovão no inverno e a neve no verão. Podia fazer com que animais que corressem passassem a voar e de fazer com que animais que voassem passassem a correr. Contudo, não revelou essas faculdades a ninguém, de modo que tais artes não foram transmitidas às gerações futuras.

Lie Tzu disse: "Aqueles que são adeptos das artes arcanas não as revelam casualmente. De facto ocultam-nas tão bem que chegam a parecer comuns. É geralmente aceite que os antigos sábios e reis conseguiam o que pretendiam por intermédio da virtude e da coragem. Mas quem poderá dizer que não tenham feito uso das artes do arcano?"

28 **SONHOS**

É dito que os episódios da nossa vida desperta podem ser classificados em oito categorias, e que as experiências da nossa vida onírica podem ser divididas em seis. A nossa vida terrena gira em torno desses catorze tipos de eventos.

Os oito episódios da nossa vida desperta são: Acontecimentos, acções, ganho, perda, felicidade, tristeza, vida e morte. Isso é experimentado sempre que o nosso corpo defronta algo no mundo.

As seis experiências com que nos deparamos na nossa vida onírica são: sonhos comuns sem grande significado, sonhos de aviso, sonhos resultantes do excesso de pensar, sonhos instrutivos, sonhos agradáveis e sonhos desagradáveis ou pesadelos. Tais estados oníricos são experimentados quando a nossa mente permanece inquieta.

Se não reconhecermos quando ocorrem as mudanças, nem a razão por que ocorrem, ficaremos confusos. Contudo, se conhecermos a causa e o efeito das coisas, então estaremos preparados e não nos entusiaremos nem amedrontaremos. O mesmo se passa com os sonhos.

O aumento ou a diminuição da energia nos nossos corpos segue o fluxo da energia de céu e terra. Quando há muita energia Yin, experimentaremos sonhos ligados à água e ao medo do afogamento. Quando há demasiada energia Yang, sonharemos com fogueiras quentes e experimentaremos a ameaça de sofrer queimaduras. Quando tanto as energias Yin e Yang se

encontram no seu pleno vigor então sonhamos com violência e assassínio. Quando estamos esfomeados, sonhamos que imploramos por comida. Quando satisfeitos, sonhamos que damos comida aos outros. Pela mesma razão, aqueles que padecem de febre alta sonham que os seus corpos se acham leves e a pairar. Aqueles que estão a tiritar de frio sonharão que estão a afundar-se e a afogar-se. Durmam com o cinto apertado e sonharão que estão a ser sufocados por uma cobra. Adormeçam assim que a escuridão da noite começar a cair e sonharão com a luz da fogueira. Se tiverem perturbação estomacal ao dormir, sonharão que comem. Aqueles que vão dormir deprimidos sonharão que bebem vinho. Aqueles que adormecem após um pranto de tristeza, sonharão que dançam e que cantam.

Lie-Tzu disse: "Quando a mente se acha inquieta, sonhamos. O que tenha estimulado o corpo durante o dia surgirá nos nossos sonhos pela noite. Essa é a maneira como mente e corpo reagem um ao outro. Assim, as pessoas que têm uma mente vazia de pensamentos e cujos corpos não sofrem o estímulo das coisas que as rodeiam não se sentirão perturbadas por sonhos pela noite. Essa gente permanece completamente desperta no estado de vigília e em pleno repouso durante a noite. Os sábios não se apegam às ideias que têm nem às acções que empreendem durante o dia, de modo que pela noite não sonham."

Há uma terra distante que não chega a receber o sopro do Yin e do Yang. Por isso, nesse lugar não sucede a mudança das estações nem do dia e da noite. Lá, as pessoas não trabalham, nem comem, nem usam vestuário. Dormem a maior parte do tempo e só acordam uma vez em cada quinze dias. No pouco tempo em que permanecem despertos, sentem estar a sonhar. Por outro lado, os sonhos são muito reais para eles.

Há uma outra terra no centro do mundo. Essa terra estende-se a norte e a sul de um rio enorme; encontra-se cercada por montes a leste e a oeste, e estende-se por mais de dez mil milhas. Por se situar no centro do mundo, acolhe o sopro de Yin e de Yang com equanimidade. Por isso as estações não apresentam diferença nem distinção clara o dia e a noite. Nessa terra, alguns são inteligentes e outros são embotados. Alguns são talentosos e outros vulgares. As pessoas nessa terra possuem uma sociedade organizada, sabem como cultivar a terra, e são lideradas por um líder. Também são destros numa diversidade de actividades que exercem. Essa gente acredita que aquilo que experimenta no estado de vigília seja real e que o que experimenta nos sonhos seja irreal.

Há contudo uma outra terra onde sempre faz calor. O sol e a lua nunca se põem, e não há noite. Fustigada pelo calor, a terra não produz cultivo. As pessoas alimentam-se de frutos silvestres e de raízes de árvores e não

conhecem a cozinha pelo fogo. São ferozes e violentas, e o forte conquista o fraco, por valorizarem a força ao contrário da virtude. Por não existir noite, acham-se activos a toda a hora e só raramente dormem.

Serão os acontecimentos do nosso estado e vigília mais reais do que os dos sonhos? Para aqueles que dormem a toda a hora, os sonhos serão mais reais do que o estado de vigília. Contudo, aqueles que dividem o seu tempo de forma igual entre a vigília e o sono, as experiências do estado de vigília não serão mais reais do que acontecimentos oníricos. Ainda assim, para aqueles que não conhecem o sentido do sono, não faz sentido falar acerca da diferença entre um e o outro estado. Que diferença existirá, pois, entre ambos?

29 A VERDADE ACERCA DA FELICIDADE E DA INFELICIDADE

Um certo homem rico do condado de Chou tinha uma forma de gerir o seu negócio. Sob a sua supervisão, as suas propriedades e investimentos rendiam-lhe avultados lucros. Contudo, tratava os trabalhadores de forma impiedosa e fazia-os trabalhar do raiar do dia até ao anoitecer.

Havia um velho servo que tinha trabalhado toda a sua vida nas propriedades. Extenuado pelo trabalho árduo e pelo tratamento áspero, esse servo tinha perdido tanto a robustez quanto o vigor e não conseguia produzir mais. Mas o negociante não tinha compaixão pelo pobre servo. Em vez disso, castigava-o por ser preguiçoso e levava-o a trabalhar mais e durante mais tempo. O servo sentia-se de tal modo infeliz que gemia o dia todo enquanto trabalhava. Cansado de corpo e de mente pela noite caiu num sono profundo. Ao perder a consciência começou a sonhar, e sonhou que era rei numa terra próspera e que tinha milhares de servos às suas ordens. Vivia num palácio belíssimo, visitava o seu reino com pompa e luxo, e sentia-se feliz para além da imaginação. Mas ao acordar no dia seguinte, enfrentou outro dia de infelicidade.

Quando os colegas de trabalho o confrontaram, o velho servo disse: "Não é tão mau quanto isso. Sofro durante o dia, mas pela noite desfruto do facto de ser rei de uma nação."

Entretanto o rico homem de negócios descobriu que se sentia profundamente cansado depois de passar os dias a tratar dos assuntos das suas propriedades. Também ele caiu num sono profundo e sonhou. Mas quando sonhou, o sonho que teve foi um pesadelo. Tornou-se num escravo preso a um mestre cruel. Eram-lhe atribuídas as tarefas mais desprezíveis e via-se forçado a trabalhar por muitas horas seguidas de dureza. Mesmo quando se sentia cansado era tratado sem misericórdia. Era açoitado e

punido por toda a falha imaginável quer com razão ou sem razão. Sofreu miseravelmente no sonho e só conseguiu alívio ao acordar.

Todos os dias os dois homens desempenhavam os papéis de mestre e de servo. E todas as noites sonhavam e desempenhavam os papéis de escravo e de rei. Os dias e os meses foram passando. O rico sentiu-se infeliz e pediu ajuda a um amigo.

O amigo disse-lhe: "Tu possuis uma vasta fortuna e um nome respeitável no mundo dos negócios. A posição social de que gozas é muito superior à do homem comum. Por isso, sonhar que te encontras no fundo da escala social é bastante normal. As coisas têm o seu jeito de se equilibrarem. Se quiseres ter tudo à tua feição tanto no estado de vigília como no estado onírico, isso será impossível."

O homem de negócios pensou nas palavras do amigo e percebeu que ele estava a forçar as coisas ao extremo. Ele tratava-se de uma forma demasiado afortunada e aos servos de uma forma demasiado infeliz. A partir daí passou a tratar os trabalhadores com compaixão, diminuiu-lhes a carga de trabalho e não dirigiu a sua vida de forma tão árdua. Em resultado, toda a gente se sentiu melhor. O rico deixou de ter pesadelos em que era escravo pela noite, e o velho servo não teve que sofrer durante o dia.

30 O QUE SERÁ REAL E O QUE SERÁ IRREAL?

Um lenhador que reunia lenha na floresta cruzou-se com um veado, que matou e que escondeu num buraco para poder voltar mais tarde e recolhê-lo. Ele ficou tão contente com esta tremenda sorte que em breve se esqueceu onde o tinha guardado e começou a suspeitar que possa ter sonhado com a coisa toda.

Ao regressar a casa, ele murmurava consigo mesmo com respeito a tal sonho tão estranho. Aconteceu que um transeunte ouviu os murmúrios do lenhador e decidiu ver se conseguiria descobrir o veado que o lenhador tinha mencionado.

Depois de ter procurado com todo o cuidado pela área que o lenhador tinha descrito ele descobriu o veado oculto num buraco coberto por ramos de árvore. Espantado com a sorte que teve, o homem levou o veado para casa e disse à mulher: “Hoje encontrei um homem que sonhou que tinha morto um veado mas que esquecera onde o tinha escondido. Mas fui e procurei por toda a zona onde ele tinha dito que tinha morto o animal e encontrei-o num buraco. Não será incrível como os sonhos podem tornar-se reais?”

A mulher retorquiu: "não terá sido que tu sonhaste com todo o incidente? Descobriste um veado e sonhaste ter encontrado um lenhador que falou em ter morto um veado." O marido respondeu: "Bom, realmente não tem importância que eu tenha sonhado o incidente ou não. Eu descobri um veado e agora dispomos de um bom suprimento de alimento."

Quando o lenhador chegou a casa ele ainda se sentia incomodado por não conseguir ter a certeza se tinha morto um veado ou não. Nessa noite teve um sonho, e sonhou que efectivamente tinha morto um veado, e que o tinha metido num buraco e tapado com ramos. Além disso, no sonho viu que alguém que tinha visto a caminho de casa tinha descoberto o esconderijo e tinha levado o veado.

Na manhã seguinte ele dirigiu-se directamente a casa que vira no sonho e encontrou o veado no pátio. Entrou para reclamar o seu veado, porém o outro homem não abriu mão dele. Por fim, ambos foram ao magistrado da região para resolver a questão.

O magistrado escutou as alegações de ambos os dois homens, e disse: "Um de vocês matou o veado e depois disse ter sido um sonho. Mais tarde alegou ser verdade e não um sonho. Agora, o outro encontrou o veado que alguém sonhara ter matado, mas diz-me que a sua mulher dissera que sonhara toda a trama e que o lenhador no seu sonho jamais existira. Pois bem, tudo quanto aqui vejo é um veado e duas pessoas a contestar as suas reivindicações. Determino que o veado seja dividido em partes iguais entre vocês os dois."

Quando rei ouviu falar desse estranho incidente, perguntou aos seus ministros: "Supõem que o magistrado sonhará dividir o veado?"

O seu magistrado respondeu: "Eu não consigo apurar se algo foi real ou produto de sonho. Somente os sábios como o Imperador Amarelo ou Confúcio poderão falar da diferença entre o estado de vigília e o sonho, mas como ambos deixaram este mundo, não temos maneira de aferir o que foi produto do sonho e o que não. Entretanto, eu prosseguiria com a decisão do magistrado de dividir o veado em metades iguais."

31 O Homem que Perdera a Memória

Um certo homem chamado Hua Tzu de repente perdeu a memória na meia-idade. Se lhe dessem alguma coisa pela manhã, à noite já o teria esquecido. Se lhe perguntassem alguma coisa pela noite, no dia seguinte tê-lo-ia esquecido. Na estrada, esquecer-se-ia de caminhar. Em casa, esquecer-se-ia de se sentar. Hoje esquecer-se-ia do que ocorrera ontem, e amanhã não se recordará do que acontecera no dia anterior.

Preocupado com a sua perda de memória, a sua família começou por convidar um adivinho e de seguida um feiticeiro a ver se conseguiriam ajudar Hua Tzu a recuperar a memória. Quando nenhum dos dois conseguiu ser de alguma valia, foi chamado um doutor, mas o terapeuta abanou a cabeça e disse que tão pouco tinha o que pudesse fazer.

Por fim, Hua Tzu pensou num filósofo que provavelmente poderia ajudá-lo. Tão desesperada estava a mulher de Hua Tzu por lhe descobrir uma cura que dispensou metade das posses que tinha para levar o marido ao filósofo e pedir-lhe ajuda.

A família viajou até à casa do filósofo e suplicou ao homem sábio que curasse Huz Tzu. O filósofo disse à família: "Esse tipo de doença não pode ser curado por presságios, magia ou ervas. Vou ter que recorrer a métodos especiais que são concebidos para funcionarem na sua mente."

O filósofo então fez uma experiência com Hua Tzu. Quando dizia a Huz Tzu para despir as roupas, Hua Tzu queria ser vestido. Quando deixava o homem passar fome, Hua Tzu pedia comida. Quando fechava Huz Tzu num quarto escuro, o homem queria sair. Ao ver as reacções de Hua Tzu, o erudito ficou encantado e disse à mulher de Hua Tzu: "O seu marido pode ser curado, contudo, vou precisar recorrer a um método secreto que me foi passado ao longo de gerações, pelo que não posso que aqui permaneça a assistir. Volte dentro de sete dias. Dou-lhe a minha garantia de que ele será curado."

A família de Huz Tzu não teve escolha senão partir. Durante sete dias, o filósofo isolou-se com Huz Tzu. Ninguém sabe aquilo que fez nem como o fez, mas quando a família de Hua Tzu regressou para o levar para casa, encontraram-no completamente curado.

Após Huz Tzu ter recuperado a memória, tornou-se irritadiço e nervoso. Ele expulsou a mulher, espancou os filhos e ameaçou o filósofo com uma lança. Quando a polícia o prendeu por perturbar a paz e questionou os seus motivos, Hua Tzu disse: "Quando perdi a memória, tornei-me despreocupado e feliz. Dormia pacificamente e ao despertar não tinha preocupações. Não tinha nada em mente, pelo que era um homem livre. Agora que recuperei a memória sinto-me infeliz. Considero a sorte e o azar, os ganhos e as perdas, bem como as alegrias e tristezas que tive na minha vida, e sinto-me oprimido. Despertei de um belo sonho e encontro-me num pesadelo. Jamais serei capaz de regressar aos bons tempos de quando perdera a memória!"

Quando Tzu-kung, um estudante de Confúcio, ouviu falar de Hua Tzu teve um acesso e ficou intrigado. Foi pedir uma explicação ao mestre, mas Confúcio disse somente: “Isso é algo que jamais compreenderás.” Então, voltou-se para o seu aluno mais promissor, Yen-Hui, e disse-lhe para tomar nota de tudo aquilo.

32 QUEM É QUE SE ENCONTRA CONFUSO?

Havia um homem que tinha um filho muito precoce, mas quando o menino cresceu, ele parecia ter um tipo estranho de doença mental. Quando ouvia riso, ele pensava que estavam a chorar. Quando sentia uma fragrância, pensava que eles era um cheiro pungente. Quando via preto, dizia que era branco. Quando comia algo amargo, dizia que era doce. Quando fazia algo errado, achava que estava certo. Parecia que ele estava completamente confuso e fazia tudo ao contrário do que esperado.

Seu pai ficou preocupado com o problema do filho e pediu ajuda aos amigos. Um homem aconselhou o pai: "Há um cavalheiro sábio na terra de Lu, que provavelmente poderia ajudar o seu filho. Por que não tenta?" O pai reuniu o dinheiro que tinha e, levando o filho com ele, fez a longa viagem até ao reino de Lu. Na estrada, conheceu Lao-tzu e descreveu o problema do filho ao sábio taoista.

Lao-tzu disse ao pai: "Como sabe se o seu filho se encontra mentalmente perturbado e confuso? Hoje em dia, há muitas pessoas que estão confusas acerca do certo e do errado, do verdadeiro e do falso. Há ainda mais pessoas mentalmente perturbadas pelo ganho e pela perda. Assim, o seu filho não é a único com esse problema. De qualquer forma, só porque uma pessoa está confusa não significa que toda a família esteja confusa. E se toda uma família estiver confusa, isso não deverá afectar toda a aldeia. Se uma aldeia inteira estiver confusa, não deve afectar todo o país. Se um país estiver confuso, isso não significa que o mundo inteiro esteja virado do avesso. Se o mundo inteiro estiver confuso, então quem poderá dizer a alguém que estão confusos?

"Suponha que todos sejam como o seu filho e você seja o único que é diferente. Quem estará confuso, nesse caso: você, ou o seu filho e o resto do mundo? Quem no mundo pode reivindicar estar absolutamente esclarecido acerca do certo e do errado, do preto e do branco, do verdadeiro e do falso, e da felicidade e da tristeza? Não estou nem certo de estar ou não confuso quando lhe digo estas coisas. E os sábios senhores de Lu encontram-se ainda mais confusos. Assim, como poderão eles esclarecer a confusão de outra pessoa? Eu acho que você deveria economizar o seu dinheiro e levar o seu filho para casa."

33 **O HOMEM QUE FICOU CHATEADO POR NADA**

Houve um certo indivíduo que nasceu no país de Yen, mas que cresceu muito longe, na terra de Chu. Na idade avançada, ele ansiou pela pátria e decidiu voltar a viver lá.

Ao percorrer o país de origem, ele atravessou o país de Chin. Os seus companheiros de estrada decidiram pregar-lhe uma partida. Assim, um deles disse-lhe: "Esta é a tua cidade natal." O homem ficou calado e pensativo. Outro amigo apontou um prédio e disse: "Olha, ali está o templo do teu bairro". O homem suspirou profundamente. Um outro companheiro levou-o até uma casa abandonada e disse-lhe: "Aqui está a casa de teus antepassados". O pobre homem rebentou num pranto. Um outro companheiro ainda fez um gesto para um grupo de lápides e disse: "Os teus ancestrais encontram-se enterrados aqui."

O homem começou a chorar alto e de forma amargurada. Ao ver a sua angústia, os amigos decidiram que já não tinha piada, e então confessaram que estavam apenas a pregar-lhe um truque. O homem saudoso ficou muito envergonhado com as explosões emocionais por que passou e ficou quieto durante o resto do caminho. Quando por fim chegou à sua cidade natal e viu a sua casa ancestral e as tumbas dos familiares, ele não se sentiu tão mal como da primeira vez.

Podemos dizer que o homem ficou chateado por nada quando os amigos o provocaram? Não podemos dizer que suas emoções eram falsas, por ele realmente ter acreditado no que os seus amigos lhe disseram. As nossas emoções são resultantes das nossas crenças. Elas não têm nada que ver com o que existe realmente no exterior. Se acreditarmos numa coisa, então, certas emoções acompanharão a nossa crença. Se acreditarmos em alguma outra coisa, experimentaremos diferentes emoções.

Compreendendo isso, o homem saudoso percebeu que as suas emoções dependiam daquilo em que ele acreditava que via, e não do que se lhe apresentava. Então, quando finalmente alcançou a sua pátria, ele estava menos apegado ao seu anseio e, em resultado, os seus sentimentos encontravam-se menos agitados pelo meio circundante.

LIVRO QUATRO
CONFÚCIO

INTRODUÇÃO

Quem será sábio? O que será uma pessoa esclarecida? Serão pessoas que são conhecidas e respeitadas por muitos? Ou serão aqueles que escondem o seu conhecimento e a sua sabedoria e parecem como pessoas comuns?

Lie-tzu acha que as pessoas esclarecidas são aquelas que raramente falam e que não revelam as suas habilidades e realizações de forma casual. Na verdade, eles podem parecer lerdas e embotadas. Elas vêem com os ouvidos e ouvem com os olhos. Elas podem esconder-se por trás de uma expressão de pau, ou podem perceber e agir de maneiras contrárias ao que as pessoas esperam. Assim, para a maioria elas parecem loucas e inconsistentes, mas muitas vezes nem sequer são notadas.

A maioria das pessoas questionaria a razão por que essas pessoas esclarecidas não quer dar-se a conhecer. Afinal, elas possuem habilidades além da nossa imaginação e certamente podem causar impacto na sociedade e no mundo. Mas num mundo de verdade e mentira, onde as pessoas são aprisionadas pela fama, pela fortuna, pela aprovação e pela ganância, os sábios que escondem as suas habilidades são os que sobrevivem.

34 A VERDADEIRA FELICIDADE E CONTENTAMENTO

Confúcio tinha-se justamente retirado da política quando Tzu Kung o foi visitar. Quando Tzu Kung entrou, viu o mestre com um ar triste e desanimado. Ele jamais tinha visto Confúcio comportar-se assim antes, pelo que saiu em silêncio e foi conversar com o seu amigo Yen Hui.

Yen Hui foi um dos estudantes mais promissores de Confúcio. Ele desfrutara de um relacionamento especial com o mestre e entendeu a doutrina do mestre melhor do que qualquer outro aluno. Quando Yen Hui ouviu o que Tzu Kung havia dito sobre o seu mestre, ele não proferiu uma palavra. Em vez disso, pegou no seu alaúde e começou a tocar e a cantar enquanto caminhava até a casa do seu mestre.

Quando Confúcio ouviu o canto de Yen Hui, ficou surpreendido. Ele deixou de franzir a testa e convidou Yen Hui a entrar. Yen Hui estava feliz por o seu pequeno acto ter conseguido animar o mestre, mas Confúcio saudou-o da seguinte forma: "Por que andas tão feliz contigo próprio por estes dias?"

Yen Hui não respondeu directamente à pergunta do mestre. Em vez disso, perguntou a Confúcio: "Mestre, por que anda tão deprimido por estes dias?"

Confúcio disse: "Vamos escutar as razões que tem para se sentir feliz, primeiro."

Então, Yen Hui respondeu: "Você ensinou-me que aceitar a vida e contentar-se com a vontade do céu é ser feliz. Mantive essas palavras na mente e agora ando sempre satisfeito e feliz."

Confúcio ficou surpreendido com a resposta de Yen Hui. "Eu realmente ensinei-te isso? Eu acho que me entendeste mal. Além disso, isso foi há muito tempo. As coisas agora são diferentes, e a compreensão que tenho da felicidade mudou."

Confúcio então olhou Yen Hui com atenção e prosseguiu: "Tu sabes somente que aceitar a vida e estar contente com a vontade do céu é felicidade. Não sabes que às vezes pode trazer tristeza. Achas que estás contente e feliz se não te sentires atraído pela fama e pela fortuna, ou não te preocupares com a vida e a morte, ou não te perturbares com mudanças que se operem ao teu redor. A compreensão que tenho do que significa ser feliz e contente não se centra apenas nisso. Deixa que te conte algumas das experiências por que passei e talvez entendas o que significa estar verdadeiramente feliz e contente.

"Quando eu era jovem, prometi a mim mesmo que um dia eu iria oferecer os meus serviços ao meu país e ajudar a criar uma sociedade melhor. Assim, estudei os clássicos, adquiri competências nas artes marciais e cultivei-me com música e poesia. Esperava poder conduzir outros com o meu exemplo, tornar-me num conselheiro do regente do meu país e ajudar as pessoas a levar uma vida melhor. Mas quando completei os meus estudos, a situação mudou. Meu país enfraqueceu e a corte tornou-se corrupta. Os políticos começaram a lutar pelo poder, e as intrigas e as traições tornaram-se norma.

"Hoje em dia, ninguém mais está interessado em ouvir falar da virtude e da harmonia. Na nossa sociedade, as pessoas dão mais importância à vantagem comercial do que à amizade. As relações tornaram-se superficiais, e todos estão a curvar-se devido à pressão social e à pressão exercida pelos colegas para obter aprovação ou para avançar.

"Quão ingénuo eu fui ao pensar que poderia mudar as coisas! Agora eu sei que ninguém pode mudar o governo nem a sociedade estudando os clássicos. Mas também não encontrei maneira de resolver os problemas do mundo. Quando se perde os ideais e a visão, percebe-se que a simples aceitação da vida não nos torna necessariamente felizes."

Yen Hui ficou estupefacto com a confissão de Confúcio. Ele nunca tinha ouvido o mestre falar da sua vida nem das suas experiências. Assim, ele continuou a atento.

Confúcio disse: "Para seres verdadeiramente feliz e contente, deves deixar a ideia do que significa ser feliz ou contente. Quando entenderes que realmente não existe nada por que se esteja feliz ou triste, então sentir-te-ás satisfeito. Quando alcançares esse estado de espírito, então perceberás que não importa se a música, a poesia ou os clássicos são úteis à mudança de sociedade. De facto, ter ou não impacto na sociedade não é importante." Yen Hui finalmente entendeu o que o mestre queria dizer. Ele curvou-se respeitosamente e saiu.

Ao ver que Yen-hui voltou para casa, Tzu Kung foi ver o seu amigo. Quando Yen Hui lhe contou o que Confúcio lhe havia dito, Tzu Kung ficou confuso. Pensou nas palavras do seu mestre e descobriu que estava longe do estado de espírito que Confúcio havia alcançado. Sentindo-se frustrado e sem esperança, foi para casa e trancou-se em sua casa. Durante sete dias não conseguiu dormir. Perdeu o apetite e ficou magro e pálido.

Quando Yen Hui viu a condição em que Tzu Kung se encontrava, ele explicou pacientemente os ensinamentos do mestre a Tzu kung e encorajou-o a confiar nele próprio. Com a ajuda de Yen Hui, Tzu Kung finalmente deu a volta à situação. A partir de então, Tzu Kung já não se encontrava deprimido. Diariamente ele ia estudar com Confúcio e ria e cantava com os outros alunos.

35 **VER COM OUVIDOS E OUVIR COM OS OLHOS**

Havia um diplomata do país de Chen que visitou um conhecido quando ele estava na administração no reino de Lu. Quando os dois homens trocaram saudações, o conhecido Shu Sun disse: "Nós, no nosso país temos um sábio famoso."

O homem de Chen disse: "Entendo que esteja a referir-se àquele homem chamado Confúcio?"

"Exactamente."

"Como sabe que ele é um sábio?" desafiou-o o homem de Chen.

"Ouvi o discípulo dele, Yen Hui, dizer que o mestre dele pode esvaziar a sua mente e tornar o seu corpo inteligente."

"Nós também temos um sábio no nosso país. Ouviu falar dele?"

"Quem é ele?"

"É um estudante de Lao Tzu, de nome Kang Sen Tzu. Ele não só dominou todos os ensinamentos de Lao Tzu, como superou o seu mestre em muitos aspectos. Ele consegue ver com os ouvidos e ouvir com os olhos.

Shu Sun ficou perplexo. Ele nunca tinha ouvido falar de alguém com tais competências. Ele falou aos amigos nesse Kang Sen Tzu, e logo todos no país de Lu começaram a falar sobre o sábio que podia ouvir com os olhos e ver com as orelhas.

A conversa chegou ao marquês de Lu, que ficou tão espantado com as extraordinárias habilidades desse homem que enviou um convite pessoal para pedir a Kang Sen Tzu que aceitasse ser seu convidado.

Quando Kang Sen Tzu chegou, o marquês perguntou com humildade: "Ouvi dizer que você pode ouvir com os olhos e ver com os ouvidos. Isso é verdade?"

Kang Sen Tzu respondeu amigavelmente: "Isso não passa tudo de rumor. Não é verdade que eu consiga ver com os meus ouvidos e os meus olhos ouçam. Mas consigo ver e ouvir sem usar os meus olhos ou os meus ouvidos."

O marquês ficou ainda mais impressionado. "Isso é mais do que eu esperava. Você pode me dizer como você consegue isso?"

Kang Sen Tzu então disse: "É bastante simples. O meu corpo encontra-se em harmonia com a minha mente, e a minha mente encontra-se em harmonia com as minhas energias. As minhas energias seguem o meu espírito, e o meu espírito encontra-se em sintonia com tudo à sua volta. Por isso, eu consigo ouvir o som mais débil e ver o menor movimento. Nada escapa à minha consciência, seja longe ou bem à minha frente. Eu não sei se percebo isso com os meus sentidos, se o experimento com o meu corpo, ou se o chego a conhecer pela minha coragem. Digamos que é apenas um sentimento natural que tenho pela natureza das coisas."

O marquês de Lu ficou muito satisfeito com a resposta de Kang Sen Tzu e foi contar a Confúcio o sucedido. Confúcio simplesmente sorriu e não disse nada.

36 **QUEM SERÁ SÁBIO?**

Um ministro do reino de Shang veio visitar Confúcio. Não sendo alguém que usasse de rodeios, o ministro sempre fazia perguntas de forma franca e

directa. Assim, no instante em que ele viu Confúcio, perguntou: "Você é um sábio?"

Confúcio respondeu: "Não me atrevo a reivindicar que o seja. Sou apenas alguém que estudou muito e que leu amplamente."

"Nesse caso, os Três Reis terão sido sábios?"

"Os Três Reis sabiam usar a sua coragem e inteligência. Já se eles foram ou não sábios, eu não saberia dizer."

"E os Cinco Imperadores?"

"Os Cinco Imperadores sabiam como governar com virtude. Terão eles sido sábios? Eu não sei."

"E os Três Senhores? Terão eles sido sábios?"

"Os Três Senhores souberam usar as pessoas certas no momento certo. Não me cabe a mim dizer se eles foram sábios ou não."

O ministro estava a começar a sentir-se impaciente. "Então, quem é que acha que é sábio?"

Confúcio não se precipitou, mas esperou até que o ministro se acalmasse de novo e respondeu: "Talvez lá longe no Ocidente haja alguém que não fala sobre a arte do governo e, no entanto, o seu país esteja conheça a ordem e a paz. Alguém que raramente falará em promessas, mas que obtém a confiança de todos. Alguém que não usa a força, mas a quem tudo corre bem. O seu coração está aberto e as suas ações são espontâneas. Os seus súbditos nem mesmo sabem o que lhe chamar. Eu suspeito que ele seja um sábio, mas se realmente o é que eu não saberia dizer."

Quando o ministro de Shang ouviu aquilo, não ficou satisfeito e foi embora a pensar consigo mesmo: "Não faz sentido. Este Confúcio deve-me estar a enganar."

Será que realmente importa se alguém é reconhecido como sábio ou não? Se é verdadeiramente honesto, sincero e reto em tudo o que faz, precisa que os outros reconheçam as suas virtudes para que seja virtuoso?

37 QUE COISA É A SABEDORIA?

Certo dia Tzu Hsia estava a conversar com Confúcio. Quando começaram a discutir os méritos de cada aluno, Tzu Hsia perguntou ao seu mestre: "O que acha de Yen Hui?"

Confúcio respondeu: "Yen Hui é muito amável e gentil. A sua compaixão ultrapassa a minha."

"E que tal Tzu Kung?"

"Tzu Kung é muito melhor do que eu no que toca a debater e a argumentar."

"E quanto a Tzu Lu?"

"Tzu Lu é um homem corajoso. Não posso igualá-lo em coragem."

"E Tzu Chang?"

"Tzu Chang sabe manter a sua dignidade melhor do que eu."

Tzu Hsia ficou tão surpreso com as respostas do seu mestre que se levantou e exclamou: "Então, como é que todos desejam aprender consigo?"

Confúcio fez um gesto para que o discípulo se sentasse. Quando viu que Tzu Sia se acalmou, disse: "Yen Hui é compassivo, mas é teimoso e inflexível. Tzu Kung pode ser muito persuasivo, mas não sabe quando parar de falar. Tzu Lu pode ser corajoso, mas não conhece a tolerância. Tzu Chang pode ser digno, mas não sabe como se harmonizar com os outros. Eu não trocaria os seus méritos pelos meus, mesmo que mos fossem oferecidos. É por isso que todos eles vieram aprender comigo."

A sabedoria não é destreza numa competência ou em muitas. É a capacidade de reconhecer forças e fraquezas em nós mesmos e nos outros. Assim, um mestre sábio sabe que, embora ele não consiga superar certos discípulos em competências específicas, ele pode dar-lhes o que eles precisam para se tornarem melhores indivíduos.

38 O HOMEM COM CARA DE PAU

Depois que Lie Tzu completou os estudos com o imortal Tzu Shang e o seu amigo, o sábio Po Hun, ele instalou-se na parte sul da cidade. Não muito tempo depois, ele foi assediado por visitantes e candidatos a estudantes. Às vezes, a casa de Lie Tzu chegava a comportar centenas de pessoas.

Lie Tzu acolheu a sua companhia e gostava de conversar com eles o dia todo. Ao lado de Lie Tzu morava um homem chamado Nan Kuo Tzu. Durante os vinte anos em que foram vizinhos, Lie Tzu e esse homem nunca se cumprimentaram. Se eles se cruzassem na estrada, Nan Kuo Tzu caminharia como se Lie Tzu não estivesse presente. Os amigos de Lie Tzu acharam que os dois homens deviam ser inimigos.

Quando alguém perguntou a Lie Tzu sobre o seu vizinho, Lie Tzu disse: "O rosto de Nan Kuo Tzu é cheio, mas a sua mente encontra-se vazia. Ele não ouve nada, pelo que não é distraído pelo que se passa ao seu redor. Ele não vê nada, pelo que ele não é atraído pelas coisas ao seu redor. Ele não diz nada, pelo que nunca discute com os outros. A mente dele ainda encontra-se imóvel, pelo que nada o incomoda. O corpo dele não é estimulado, pelo que ele é como uma parede em branco. Alguém como ele não gostaria de ser incomodado por ninguém nem por coisa nenhuma, pelo que não faz sentido tentar ir até ele."

No entanto, Lie Tzu decidiu visitar o vizinho. Seguia-o um grande grupo de amigos e de discípulos enquanto Lie Tzu entrava na casa de Nan Kuo Tzu. Entrando, viram Nan Kuo Tzu sentado lá como um boneco de barro. O seu rosto era tão inexpressivo quanto um bloco de madeira. Os seus olhos estavam em branco e o seu corpo encontrava-se imóvel. Na verdade, ele não era alguém com quem se pudesse conversar. Mesmo Lie Tzu não tinha como chegar até Nan Kuo Tzu.

Enquanto todos se encontravam ali de pé, sem saber o que fazer, de repente Nan Kuo Tzu olhou para os discípulos que estavam nas traseiras e disse: "Vocês são todos arrogantes e competitivos." A multidão ficou assustada. Quando todos voltaram para a casa de Lie Tzu, eles perguntaram: "O que foi que aconteceu?"

Lie Tzu respondeu: "Se consegue ver a intenção, então você não precisa usar o discurso para comunicar. O sábio não precisa falar com as pessoas para entender a intenção delas. Além disso, elas não precisam usar palavras para comunicar a sua própria intenção. Isso é chamado de nada dizer. A pessoa esclarecida também é capaz de sentir a verdade sem passar pela dedução ou raciocínio. Isso é chamado de nada saber e ainda assim tudo conhecer. Nan Kuo Tzu parece que ele não vê nada, não ouve nada e não sabe nada. No entanto, ele vê tudo, ouve tudo e sabe de tudo. Para ele, não existe separação entre ver e não ver, ouvir e não ouvir, agir e não agir, saber e não saber."

A comunicação verdadeira nem sempre requer fala ou acção. As pessoas esclarecidas comunicam por meio do espírito e não precisam transmitir as suas intenções por meio do som e do movimento. Consequentemente, a maneira como se comunicam é mais eficaz do que a da pessoa comum.

39 A ARTE DE VIAJAR E DE VER A PAISAGEM

Lie Tzu costumava adorar viajar e ver a paisagem. Quando o seu mestre, Hu Tzu, lhe perguntou o que achava tão agradável no viajar, Lie Tzu disse: "Enquanto outras pessoas viajam para ver a beleza das vistas e dos arredores, eu gosto de ver a maneira como as coisas mudam. Para os

outros visitantes, pode parecer que eu seja como eles, mas a diferença entre nós é que eles vêem as coisas enquanto eu vejo mudanças."

Hu Tzu disse: "Achas que és diferente dos outros viajantes, mas na verdade não és. Embora se divirtam com as vistas e os sons, e tu estejas fascinado pelas coisas que sempre mudam, ambos estais ocupados com o que é exterior, em vez daquilo que experimentais interiormente. As pessoas atraídas pelo mundo externo estão sempre à procura de algo novo e maravilhoso que lhes satisfaça os sentidos. No entanto, apenas as pessoas que se voltam para o seu íntimo encontrarão a verdadeira satisfação."

Depois desta conversa, Lie Tzu deixou de viajar por achar que não havia entendido o que significava viajar. Ao ver isso, Hu Tzu disse-lhe: "A viagem é uma experiência tão maravilhosa! Especialmente quando nos esquecemos de que estamos a viajar. Então aproveitamos o que vemos e fazemos. Aqueles que se voltam para si próprios quando viajam não pensam no que vêem. Na verdade, não existe distinção entre o que vê e o visto. Você experimenta tudo com a totalidade de si próprio, de modo que cada haste de relva, cada montanha, cada lago se encontra vivo e faz parte de si. Quando não há divisão entre você e o que o outro é, essa é a melhor experiência do viajar."

40 A ESTRANHA DOENÇA DE LUNG SHU

Certo dia Lung Shu estava a conversar com o seu amigo que afirmava ser especialista em curar de doenças estranhas. Lung Shu achou tal coisa difícil de acreditar, em razão do que ele desafiou o amigo: "Eu tenho uma doença estranha. Se conseguir curar-me, eu concordarei em que você é o melhor médico."

O amigo não pareceu nervoso. "Conte-me sobre a sua doença," disse-lhe.

"Agora ouça com atenção," disse Lung-shu. "Esta é a doença de que padeço: Quando sou elogiado pelos outros, não sinto orgulho. Quando os outros falam mal sobre mim, não me sinto desonrado. Quando ganho algo, não fico feliz. Quando perco, não fico triste. Vida e morte, riquezas e pobreza, sorte e infortúnio são a mesma coisa para mim. Na verdade, eu posso ver pessoas como porcos e ver-me a mim como os outros. Quando estou em casa, sinto que ando a perambular. Quando estou no meu país, sinto que estou entre os estrangeiros.

Desde que contraí esta doença estranha, perdi todo o interesse por me tornar rico e famoso. Não me preocupo com títulos, terras ou renome. Não penso muito em regras e regulamentos. A ascensão e a queda do governo e dos políticos não são coisa que me interesse, e não me deixo afectar pelas emoções das pessoas que me rodeiam. Por causa da minha doença, não

posso mais servir o meu país, administrar os meus negócios ou tornar-me o chefe da minha família. Como poderá ajudar-me?"

O médico disse a Lung Shu para ficar de costas para o sol. Diante da luz, ele examinou Lung Shu à distância e examinou-o de cima abaixo cuidadosamente. Logo, disse: "Ah, eu posso ver que o teu coração está vazio e você estás quase a tornar-te um sábio. Seis das sete cavidades do teu coração estão completamente abertas. No entanto, uma delas ainda está fechada. Este bloqueio é provavelmente a causa da tua doença. Se, de facto, a tua doença estiver em ver a sabedoria como uma doença estranha, então as minhas habilidades são inadequadas para te curar."

Lung Shu tinha-se livrado de todos os seus apegos, excepto um. Ele ainda mantinha uma concepção do que significa ser esclarecido. Comparando a iluminação a uma doença estranha, Lung Shu tornou-a misteriosa, extraordinária e não natural.

A iluminação é uma experiência muito normal, passível de ser alcançada por todos. Consequentemente, não tem nada de misterioso ou de secreto. Também não há nada não natural com relação a ela, por seguir o caminho natural das coisas.

41 RESPONDENDO NATURALMENTE

Quando um dos amigos de Yang Chu morreu, Yang Chu foi ao funeral a rir e a cantar e não mostrou sinais de luto. Quando um outro dos seus amigos morreu, Yang Shu abraçou o homem morto e chorou amargamente.

Normalmente, as pessoas ficam felizes com o nascimento e tristes pela morte. Por que Yang Chu riu com a morte de um e chorou com a morte do outro? Yang Chu não encontrou nada triste em relação ao homem que morreu depois de ter vivido a sua vida ao máximo. Na verdade, ele sentiu-se feliz pelo amigo que deixou este mundo como um homem contente. No entanto, Yang Chu ficou triste com a morte do seu outro amigo, por ter sentido que esse morrera antes do seu tempo. Em ambos os casos, Yang Chu estava simplesmente a responder naturalmente às circunstâncias.

42 HÁ ALGUMAS COISAS QUE SIMPLESMENTE NÃO SE PODE COMBATER

Um olho que está prestes a perder a capacidade de visão tende a tornar-se extremamente nítido na elaboração dos detalhes. Um ouvido que está prestes a ficar surdo tende a ser tornar-se muito apurado na audição. Uma língua que está prestes a perder a sensibilidade consegue distinguir a diferença entre a água de duas fontes. Um nariz que está prestes a perder a sua capacidade torna-se mais sensível às fragrâncias. É como se os sentidos

lutassem para manter a sua utilidade. No entanto, não obstante o quanto se esforcem, eles acabarão por perder a eficácia.

Acontece o mesmo com as pessoas. As pessoas que começam a enfraquecer empurrarão os seus corpos até ao limite. As pessoas que estão prestes a perder a cabeça tornar-se-ão invulgarmente argumentativas. Isso porque elas não estarem dispostas a admitir que todas as coisas devem terminar, e quererem fazer uma demonstração da sua força para encobrir as suas fraquezas.

Por outro lado, as pessoas esclarecidas aceitam o curso natural das coisas. Elas não forçam os seus corpos a mostrar força ou as suas mentes a demostrar astúcia. Sabendo que existem algumas coisas que não podem combater, aceitam o que vier. É por isso que elas podem abraçar a vida e aceitar a morte.

43 QUEM ESTÁ A APOIAR QUEM?

Na parte da cidade onde Lie Tzu viveu e ensinou, havia muitos filósofos de elevada virtude. Numa outra parte da cidade, no bairro leste, viviam muitos funcionários públicos e políticos.

Um dia, quando Pai Feng, um estudante de Lie Tzu, ia a passar pelo bairro leste, encontrou Teng Hsi, um legislador e um funcionário respeitado. Teng Hsi e os seus discípulos sempre falavam de como resolver os problemas políticos do seu tempo. Os filósofos, por outro lado, raramente discutiam a política. Quando Teng Hsi viu Pai Feng, ele virou-se para os discípulos e disse: "Vejam como vou fazer com que esse companheiro dê uma volta em círculo." Os discípulos encorajaram-no.

Teng Hsi aproximou-se de Pai Feng e disse: "Conhece a diferença entre apoiar-se e ser apoiado pelos outros? Aposto que não. Deixe que lhe diga: As pessoas que são sempre apoiadas pelos outros e que nunca fazem um esforço para se sustentarem não são melhores do que cães ou porcos. Neste mundo, apenas aqueles que contribuem podem esperar receber benefícios da sociedade. Aqueles que se sentam à espera que a cozinha lhes forneça alimentos são exactamente como os animais domésticos e o gado."

Pai Feng não respondeu, mas um de seus discípulos adiantou-se e disse a Teng Hsi: "Meritíssimo, já ouviu dizer que nos países de Chi e de Lu há muitas pessoas que possuem dons especiais? Alguns são especialistas em carpintaria e cerâmica. Outros são excelentes trabalhadores do metal. Uns são músicos e artistas talentosos. Outros são bons em estratégia militar e outros ainda são grandes lutadores. Alguns são profundos conhecedores de cerimônias e rituais religiosos, e outros são hábeis na adivinhação e magia. Apesar da sua experiência nas suas próprias áreas, nenhum deles é bom na

administração. Eles podem executar as suas próprias tarefas, mas não podem dizer aos outros como fazer as suas. Felizmente, existem pessoas sem dons especiais que possam ser empregadas como burocratas. Assim, temos a seguinte situação: Aqueles que são qualificados são empregados por aqueles que não são qualificados, e vocês, administradores e burocratas, são empregados por cidadãos como nós. Agora, quem é que apoia quem?"

Teng Hsi não soube o que dizer. Timidamente, virou-se para os discípulos e afastou-se.

44 QUE COISA É A FORÇA?

O conde do estado de Kung Yi era considerado um homem muito forte. Um certo duque ficou impressionado com a força desse homem e falou muito dele ao rei. O rei estava ansioso por conhecer o conde, pelo que lhe enviou um grande presente e o convidou para fazer uma demonstração da sua força na corte.

Quando o conde de Kung Yi chegou, o rei ficou chocado. O homem que via diante de si não era um homem pesado nem musculoso, mas um homem magro e esguio. O rei começou a ter dúvidas sobre a capacidade do homem, franziu a testa e disse: "Quão forte é você na verdade?"

O conde respondeu: "Eu sou forte o suficiente para quebrar as patas de um gafanhoto e estalar as asas de um insecto."

Quando o rei ouviu isso, ficou imensamente irritado. Ou este homem era uma fraude ou ele estava a tentar fazer um reparo espirituoso. Irritado, o rei disse em voz alta: "Os homens fortes que tenho ao meu serviço conseguem rasgar a pele de um rinoceronte e arrastrar nove bois pela cauda, e ainda assim não fico satisfeito com a sua força. Como é que você é tão famoso pela sua força quando só consegue quebrar as asas e as patas de insectos?"

O conde de Kung-yi suspirou e disse: "Meu senhor, essa é uma excelente pergunta. Deixe-me explicar. O meu mestre, o Velho Shang era o homem mais forte do mundo, mas a sua família nada sabia sobre isso. Ele nunca revelou a força que tinha por ele nunca ter que a usar. Quando vi isso, jurei que passaria o resto da vida a aprender com ele.

"Foi isto que ele me disse:

"A maioria das pessoas gosta de ver o que nunca viu antes e de fazer o que nunca foi feito antes. Eles têm vontade de começar a enfrentar condições desafiadoras de imediato e não tem paciência para aprender do zero. No

entanto, eu afirmo que, se quiser treinar os seus poderes de visão, você deve começar por examinar uma pilha de lenha. Se você quiser aguçar o seu sentido de audição, precisa começar a dar atenção ao som dos sinos. Dessa forma, você irá edificar as suas faculdades gradualmente e não irá encontrar muitos obstáculos enquanto aprende. Depois de ter conquistado as faculdades, nenhuma condição lhe parecerá difícil. E se as condições não forem difíceis, por que precisará recorrer às suas faculdades para lidar com elas?"

O conde continuou: "Se a reputação de força de que gozo é conhecida em todo o país, então não segui bem os ensinamentos do meu mestre. No entanto, não sou famoso por minha força, por me orgulhar o que posso fazer, mas por causa da maneira como eu a uso."

O rei finalmente ficou satisfeito com a explicação do conde.

Com a força, o conde de Kung-yi não alcançara o nível de domínio que o seu mestre o Velho Shang alcançara. Conquanto o conde não se vangloriasse da faculdade de que gozava, ele ainda precisava usá-la. Contudo, o Velho Shang, chegou a ponto de não ter nada que se revelasse suficientemente difícil para ele precisar recorrer à sua força. Assim, nunca precisou usá-la.

45 **Os estranhos argumentos de kung-sun lung**

O Príncipe Mou foi um dos filhos mais inteligentes da família real de Wei. Ele sempre se rodeou da companhia de filósofos e académicos e ouvia as suas palestras e debates. Não se interessando pela política nem pelo governo, o príncipe Mou passou a maior parte do tempo com o sofista Kung Sun Lung e gostava de ouvir o que esse espirituoso filósofo tinha a dizer sobre tudo no mundo.

Um erudito proeminente fez troça da amizade que o príncipe Mou estabeleceu com Kung Sun Lung. Quando o príncipe ouviu falar sobre isso, ele perguntou ao erudito: "O que terá de tão engraçado a minha amizade com Kung Sun Lung?"

O erudito disse: "Todo mundo sabe que Kung Sun Lung é estranho. Ele não tem respeito por ninguém nem por nada. Ele possui uma língua afiada e não sabe quando contê-la. As opiniões que emite são excêntricas e extremas e ele não segue nenhuma escola conhecida de pensamento. Gosta de fazer uso da sua sagacidade e sua inteligência e subtileza verbal para confundir os outros e ganhar as discussões. Embora ele consiga argumentar com sucesso e defenda que o branco seja preto e o reto seja torto, afastamo-nos com a sensação de que ele venceu o argumento não porque tenha razão, mas por não podermos superá-lo. Eu acho-o o homem mais

superficial e presunçoso. Eu ri de si por você ser um tolo para o tratar com tanto respeito."

O príncipe Mou não ficou feliz com a avaliação do seu amigo.

"Por que vê Kung Sun Lung dessa maneira? Pode-me comprovar o que disse com algum exemplo?"

"Com certeza! Primeiro, veja o que Kung Sun Lung disse ao neto de Confúcio. Ele disse-lhe: "Há um arqueiro que consegue disparar as setas de tal forma que a ponta da segunda seta se vai alojar no entalhe da primeira e a ponta da terceira flecha se vai alojar no entalhe da segunda. Assim, quando a ponta da primeira seta se aloja no alvo, a terceira seta ainda se encontra entalhada na corda do arco. Em resultado disso, em vez de três setas, passa a haver apenas uma flecha longa, da qual a ponta está no alvo e o entalhe ainda repousa na corda do arco."

Quando o confucionista ficou impressionado com essa façanha de tiro ao arco, Kung Sun Lung disse: "E isso não é nada. Já ouviu falar do estudante do grande arqueiro Peng que ficou enfurecido com a esposa e decidiu dar-lhe uma lição, assustando-a? Ele pegou um arco famoso, ajustou-lhe a flecha mais perfeita flecha e atirou-a no olho dela. Por estranho que possa parecer, quando a flecha tocou a superfície do olho, caiu no chão. A coisa toda aconteceu tão rápido que a esposa dele nem tempo teve de piscar os olhos. Bom, isso é o que eu chamo de domínio no tiro ao arco. Não acha que isso seja ridículo?"

O príncipe Mou respondeu calmamente: "As palavras de um sábio não são facilmente entendidas por um tolo. As três setas podiam ficar alinhadas uma atrás da outra fazendo uma flecha longa por o arqueiro conhecer o momento preciso para soltar cada flecha. Além disso, um arqueiro pode fazer com que uma seta se detenha justamente à frente de alguém, se ele souber como desdobrar a sua força de tal maneira que a flecha perca o impulso quando tiver coberto uma certa distância.

Eu acho ambos os casos bastante credíveis. Não há nada de ridículo em relação ao que o Kung Sun Lung disse. Na verdade, esses exemplos dizem-me que Kung Sun Lung possui uma profunda compreensão da arte do tiro ao arco." O erudito não se sentiu feliz com a refutação do príncipe Mou, pelo que disse: "Você é um estudante e amigo de Kung Sun Lung. É óbvio que o defenderá e ignorará as suas falhas. Mas deixe que lhe aponte coisas mais ultrajantes ainda sobre o homem. Desta vez, não vai achar fácil defendê-lo. Certa vez Kung Sun Lung disse ao rei de Wei:

Uma pessoa de pensamento não pode saber;
Se você puder apontar para a coisa, então não poderá alcançá-la;
Você nunca pode deixar de dividir algo;
Uma sombra não se pode mover;
Um único cabelo pode sustentar mil pedras;
Um cavalo branco não é um cavalo;
Um bezerro órfão nunca teve mãe.

"Está a ver, a perversão que Kung Sun Lung faz da razão não tem limites."

O príncipe Mou não ficou minimamente incomodado com tais alegações. Calmamente, ele disse: "Você acha que essas declarações sejam escandalosas apenas porque não consegue compreendê-las. O problema está em si, e não em Kung Sun Lung."

Ele prosseguiu: "Deixe que lhe explique o significado dessas declarações. Primeiro, uma pessoa de pensamento é obrigada a ver-se assoberbada por ideias. Essas ideias impedem-na de conhecer as coisas directamente, de modo que uma pessoa de pensamento nunca chegará realmente a conhecer. Em segundo lugar, os fenómenos efémeros são tão fugazes que, no momento em que lhes apontarmos, eles esvaem-se. Em terceiro lugar, a divisão e a diferenciação são os processos pelos quais as coisas são criadas. Como as coisas surgem e se dissolvem a toda a hora, não podemos especificar quando tal divisão venha a deter-se.

Em quarto lugar, a sombra é um efeito, e não uma causa. Portanto, por si só, não pode se mover. Somente quando a causa se encontra presente é que existe o efeito. Em quinto lugar, um único cabelo pode suportar mil pedras se entender o princípio que rege o equilíbrio. Além disso, a famosa declaração que Kung Sun Lung fez: "Um cavalo branco não é um cavalo" adverte-nos quanto à confusão do objeto com as suas qualidades. Por fim, um bezerro órfão não seria um órfão quando tinha mãe. Do mesmo modo, uma vaca não pode dar à luz um bezerro órfão por precisar estar viva para o dar à luz.

"Como você pode ver, as declarações de Kung Sun Lung estão longe de ser vazias e ultrajantes. São palavras de sabedoria destinadas a despertar-nos da ignorância."

O erudito não teve mais nada a dizer e foi-se embora.

As palavras dos sábios são difíceis de aceitar, não porque não possam ser entendidas, mas por as pessoas não as quererem compreender. Kung Sun Lung era um homem extraordinário. A percepção e compreensão que tinha

das coisas estavam bem além do seu tempo. É por isso que os seus contemporâneos rejeitavam os seus ensinamentos como despropositados e excêntricos. Somente o Príncipe Mou compreendia a sabedoria que encerravam. Mas o próprio príncipe Mou era um homem muito sábio.

46 **Saber quando se retirar**

Quando o Imperador Yao já governara por mais de cinquenta anos, ele não se sentiu seguro do seu império se encontrar em ordem e dos seus súbditos o aceitarem como seu governante. Ele inquiriu os seus ministros na corte, mas eles não puderam confirmá-lo. Inquiriu junto aos funcionários das províncias periféricas; mas eles não puderam dizer-lho. Por fim, inquiriu os sábios da terra, mas eles não conseguiram ajudá-lo.
Em tais circunstâncias, Yao não teve escolha senão disfarçar-se de plebeu e viajar pelo seu reino. Um dia, quando ele se aproximou de uma cidade da província, ouviu um grupo de crianças a cantar. Quando se aproximou, conseguiu entender as seguintes palavras:

Você alimentou-nos e vestiu-nos.
As suas leis são as nossas leis.
Sem o sabermos,
Nós seguimos o caminho do paraíso.

Yao ficou encantado ao ouvir aquilo, e perguntou às crianças: "Onde aprenderam essa canção?"

"Nós a ouvimos de um funcionário," responderam eles.

"Como chegou a esse refrão?" perguntou Yao ao funcionário.

"Eu creio que seja de um poema antigo."

Yao voltou à sua corte, convocou o seu sucessor Shun, disse-lhe o que tinha visto e ouvido, e depois abdicou. Shun aceitou o reinado sem questionar.

Quando o sábio Wen-tzu ouviu falar disso, disse: "Alguém que sabe retirar-se quando o seu trabalho estiver terminado é aquele que entende o caminho do céu. Não alimenta querelas com o mundo e tudo o que ele faz segue a ordem natural das coisas. Há coisas que vão contra a ordem natural, mas a maneira natural não vai contra a ordem das coisas. Portanto, a pessoa iluminada não precisa de olhos para ver o Caminho.

Isso ocorre por o Caminho não poder ser entendido pelos seus sentidos e pensamentos. Procurem-no na frente e ele esconder-se-á atrás. Procurem-no com boas intenções e vê-lo-ão por toda a parte. Se não forem sinceros,

jamais ele se lhes se revelará. É algo no alcance do que que vocês não poderão usar o vosso intelecto, mas se não forem sérios, também irá escapar de vós. Somente pela naturalidade, o caminho poderá ser alcançado. Mas depois de o alcançarem, apenas pela naturalidade poderá ser mantido. Conhecer a verdade das coisas e ainda assim não se agarrar a essa verdade, saber como agir e não usar esforço para tanto, isso é a marca de um sábio. Se fingirem saber ou não saber, fazer ou não fazer, serão como uma pilha de esterco. Permanece aí sentada sem fazer nada, mas também não tem o menor valor."

Abdicação e aposentadoria não são coisas que possam ser forçadas. Somente aqueles que estão em sintonia com o modo natural das coisas sabem quando e como se retirar. Quando Yao viu que o seu país se encontrava em ordem e que não havia nada que ele pudesse fazer para melhorar as coisas, ele soube que estava na hora de se retirar. E Shun, que também entendeu o caminho do céu, aceitou as suas responsabilidades sem hesitação.

LIVRO QUINTO
AS QUESTÕES DE TANG

INTRODUÇÃO

Muitas coisas no mundo não são tão estranhas como pensamos que sejam. Costumes e tradições de outras culturas poderão no início parecer chocantes, mas quando as pessoas de outras culturas nos olham, elas provavelmente têm a mesma reação inicial.

Para Lieh-tzu, mesmo os acontecimentos mais estranhos não são anómalos, porque todas as coisas seguem a ordem natural do universo. As pessoas podem adquirir habilidades incríveis e realizar feitos inacreditáveis por entenderem como as coisas funcionam.

A chave para entender a ordem natural das coisas está em dissolver as barreiras existentes entre sujeito e objecto; conhecedor e conhecido, aquele que vê e o que é visto. Se estiverem a aprender o tiro ao arco, a pescar, a dirigir, a cantar, a criar um artefacto, a tocar um instrumento musical ou a comunicar-se com um amigo, o nível mais elevado de conquista só pode ser alcançado quando as dualidades forem dissolvidas e nada os separa de tudo e de todos.

47 **De onde é que vêm as coisas?**

O Imperador Tang perguntou ao sábio: "As coisas sempre estiveram aí desde o começo intemporal?"

O sábio respondeu: "Se as coisas não tivessem estado aí desde o começo, como elas poderiam estar aqui agora? O que você acha das pessoas do futuro que se interrogam se existem coisas agora?"

"Nesse caso, você diria que não existe coisa tal como antes ou depois?"

"É difícil dizer quando as coisas começam ou quando elas terminam. O começo de uma coisa pode ser o fim de outra. Desde os primórdios até o nosso tempo, as coisas estão continuamente a ir e a vir. Não há como saber o que surgiu primeiro. "

"Então, existirá um limite para o universo?"

"Eu não sei."

O Imperador Tang apertou ainda mais. "Tem que haver um limite em algum lugar."

O sábio então respondeu: "Nada é ilimitado. Como hei-de saber onde estão os seus limites? Como saberemos se, além desse universo, não existirá outro universo? Só posso dizer que as coisas são ilimitadas, mas não posso dizer se existem alguns limites.

48 **O homem que tentou mover as montanhas**

Num vale rodeado por duas altas montanhas, morava um velho homem. Ele foi apelidado de Velho Tolo pelos seus vizinhos por pensar constantemente em projectos impossíveis.

Um dia, o Velho Tolo ficou cansado de ter que dar uma longa e caminhada ao redor para sair do vale. Ele reuniu a família e apresentou-lhes a proposta de que eles removessem as montanhas que lhe bloqueavam o caminho.

O filho e o neto ficaram muito entusiasmados com a ideia e quiseram dar início ao projecto de imediato. Contudo, a esposa do velho, não ficou nada entusiasmada. Ela balançou a cabeça em reprovação e disse ao marido: "Tu estás com noventa anos de idade. Tu nem forças tens para remover um pequeno montículo de esterco. Como poderás nivelar duas montanhas tão altas? Não estarás a ser um pouco ambicioso? De qualquer forma, onde colocarias o entulho depois de derrubares as montanhas?"

O velho não ficou desanimado. "Nós podemos despejar as pedras no mar," disse ele. O filho e o neto concordaram.

No dia seguinte, o Velho Tolo, com o filho e o neto, pegaram em pás e picaretas e dirigiram-se para as montanhas. No caminho, foram

acompanhados por um menino de sete anos de uma família vizinha. Os quatro trabalharam do nascer ao pôr-do-sol e não voltaram para casa a fim de descansar até que o inverno chegasse.

Um homem sábio na aldeia que tinha ouvido falar da tentativa que o Velho Tolo estava a fazer por nivelar as montanhas veio falar com o velho sobre seu projecto tolo. Ele disse-lhe: "Na sua idade você devia ser sensato o suficiente para saber que o seu projecto é impraticável. Você está velho e fraco. Não pode nem tirar as ervas daninhas do seu jardim. O que o leva a pensar que possa mover uma montanha?"

O Velho Tolo suspirou e disse: "Tem a mente tão fixa quanto uma pedra. Até mesmo uma criança de sete anos de idade é mais inteligente do que isso. Não consegue ver que, se eu não terminar o projecto, o meu filho e o meu neto dar-lhe-ão continuidade? E se eles não conseguirem terminar de mover a montanha, os filhos e os netos deles continuá-la-ão, e assim por sucessivamente. A montanha, por outro lado, não cresce. Assim, se cada geração continuar a removê-la, então um dia a montanha irá ficar nivelada."

O homem sábio não conseguiu rebater a lógica do Velho Tolo, e assim ele foi-se embora.

O tempo passou, e o Velho Tolo e os filhos continuaram a escavar na montanha. Enquanto todos riam de seu projecto impossível, os espíritos da montanha ficaram preocupados, por verem que o Velho Tolo estava determinado, e não havia dúvida de que a montanha seria nivelada, mesmo que em algum momento do futuro distante.

Alarmados, foram aos senhores do céu e relataram a sua preocupação. As divindades ficaram curiosas e divertidas com a tentativa do Velho Tolo de mover as montanhas, mas quando apuraram a sua paciência e determinação, decidiram ajudá-lo. Uma noite, eles enviaram dois gigantes para transportar a montanha, um para o leste e um para o sul. Na manhã seguinte, quando as pessoas olhavam pelas janelas, as montanhas que lhe tinham bloqueado o caminho tinham milagrosamente desaparecido.

49 **O homem que tentou perseguir o sol**

Havia um homem que se orgulhava de ser um óptimo corredor. Um dia, ele decidiu competir com a jornada descrita pelo sol através do céu, e assim perseguiu o sol até ao crepúsculo.

Por essa altura ele sentiu-se extremamente sedento. Procurou água e encontrou o rio Amarelo e o rio Wei. Depois de ter bebido a água toda, ele ainda estava com sede, pelo que se dirigiu a um excelente pântano no

norte. Antes que ele pudesse alcançá-lo, morreu de sede e caiu ao chão. A vara que ele tinha carregado absorveu a carne empapada do seu corpo em decomposição e transformou-se numa grande floresta.

Aqueles que têm orgulho das capacidades que têm tendem a querer levá-las até ao limite. Se as levarmos até o limite, então você tentaremos competir com tudo. E se competirmos com tudo, um dia, como o homem que perseguiu o sol, perderemos.

50 **O País do Norte**

Yu, o Rei-Shamane, disse: "Dentro do céu e da terra e das quatro direcções, dentro dos quatro mares, tudo é iluminado pelo sol e pela lua, circundado pelas estrelas no céu, regulado pelas quatro estações e governado pela Estrela do Ano. As coisas que vêm do Grande Espírito diferem na forma e tamanho. Alguns vivem vidas longas e alguns morrem de acidente. Somente os iluminados compreendem o modo natural das coisas e vêem o seu lugar no universo."

O sábio Hsia Chi disse: "Há coisas que não exigem que o Grande Espírito as crie e ainda assim existem. Elas não requerem que as energias de yin e do yang as alimente, nem que o sol e a lua as ilumine. Elas não precisam de protecção para viver uma vida longa, nem sofrem mortes acidentais. Mantêm-se quentes sem roupas, são cheias sem precisar de arroz, e podem viajar sem barcos ou veículos. Esta é a maneira natural das coisas."

Mais tarde, quando Yu estava a ajudar a lutar contra o Grande Dilúvio, ele saiu do caminho e foi dar a um país muito a norte. Quando perguntou aos habitantes onde se encontrava, eles disseram que ele estava no País do Norte, a milhares de quilômetros do seu lar.

Yun logo descobriu que havia um monte de coisas incomuns nesse país. As pessoas não faziam ideia de onde ficavam as fronteiras do país. Onde viviam, não havia tempestades nem neve, animais selvagens nem florestas. Eles moravam numa enorme planície com quilómetros de pastagens. No meio da planície havia uma montanha em forma de um cântaro. No topo da montanha havia uma nascente. As águas da nascente eram doces e perfumadas e escorriam pela montanha em quatro córregos claros e espumantes. A sua corrente carregava a água por toda a terra. Eles regulavam o clima e neutralizavam o gás venenoso.

As pessoas eram gentis e amigáveis. Os seus corpos eram suaves, tinham um coração aberto e clareza de ideias. Todos viviam juntos em harmonia. Não havia brigas, nem ciúmes, nem orgulho. O velho morava com os jovens. Não havia políticos nem líderes. Homens e mulheres misturaram-se livremente, e não havia convenções sociais, como cortejar ou casar. Todos

viveram junto à água. Não era necessário plantar nem tecer para fazer peças de roupa. As pessoas morriam naturalmente depois de viverem cem anos. Ninguém era acometido de enfermidade nem morria de doença, e ninguém era morto acidentalmente. As pessoas viviam na felicidade e no contentamento e não conheciam a ansiedade, a tristeza, a decadência, a morte nem a dor.

As pessoas dessa terra também adoravam a música e o canto. Eles dançavam e cantavam o dia todo. Quando estavam cansadas ou quando tinham fome, tudo o que elas precisavam era beber a água doce da nascente mágica e sentiam-se de novo repletos de energia. Se bebessem demais, dormiriam durante dez dias. Se elas se banhassem nas águas, os seus corpos veriam o seu vigor renovado e carregariam a fragrância das águas por muitos dias.

Quando o imperador Mou de Chou seguiu na sua jornada espiritual, visitou essa Terra do Norte e lá viveu por três anos. Depois que voltou para casa, ele pensou com frequência nessa terra e sentiu-se de tal modo acometido com os pensamentos de que não conseguia comer nem dormir.

Essa terra era tão incomum que Kuan Chung, o conselheiro do rei de Chi, encorajou o seu senhor a visitá-la. Os dois homens estavam prestes a partir para essa terra lendária quando outro ministro aconselhou o rei dizendo: "Meu senhor, por que viajar para uma terra estrangeira quando você tem tudo no seu próprio país? Olhe ao redor do reino de Chi.

As nossas montanhas e rios são lindos, as nossas planícies são amplas, e nossa gente sente-se feliz. A nossa terra produz colheitas abundantes e não nos falta nada. A sua corte está repleta de esplendor, os seus ministros são leais, os seus soldados fortes e os seus súbditos são cultos. Tudo o que você pode querer existe aqui em casa. Por que você quererá viajar para terras que ficam nos limites da nossa civilização? Kuan Chung deve estar a fantasiar de novo."

Quando o rei informou isso a Kuan Ching, o conselheiro simplesmente respondeu: "Isso não é nada que o nosso amigo venha a entender. Receio que, se não mantivermos a busca do País do Norte viva, nunca o encontraremos. Quanto à prosperidade do nosso país, por que apegar-nos àquilo que temos? Quanto às palavras de nosso amigo, você realmente acha que eles sejam um bom conselho?"

51 **Costumes estranhos em países estranhos**

Nos reinos do sul, as pessoas usam o cabelo curto e andam nuas. Nos reinos do norte, as pessoas embrulham turbantes em torno das cabeças e usam peles. Nas terras do centro, elas usam chapéus e saias. As pessoas do

reino do meio sabem como dar melhor uso aos recursos da terra. Têm fazendeiros, comerciantes, caçadores e pescadores. Portanto, as pessoas das terras do meio são bem alimentadas e andam bem vestidas. No inverno, elas têm peles para mantê-las aquecidas e, no verão, eles usam algodão para se manter refrescadas. Elas viajam por barco e em carruagens, e não precisam esforçar-se para obter o que querem.

Numa terra distante do sul e do leste há um país onde é costume as pessoas matarem os seus primogênitos e ofereçam a sua carne e sangue a todos na comunidade para que a comam. Eles dizem que isso trará fertilidade às mulheres. Além disso, quando um pai morre, os filhos amarram a mãe nas costas do homem morto e abandonam ambos no deserto. Eles afirmam que não é adequado viver com a mulher de um fantasma. Quando um parente ou membro familiar morre, os filhos demonstram os seus deveres filiais cortando a pele do morto antes de enterrarem os seus ossos. Numa terra muito para o sul é um país diz-se que os filhos só cumprem os deveres filiais apenas se queimarem os corpos dos seus pais falecidos. Quando a fumaça sobe da pira, diz-se que a alma dos mortos subiu ao céu.

Todos esses costumes são tradições estabelecidas nos países onde são praticados. Elas são observados por todas as pessoas e nada têm de estranho. Nós os chamamos de bárbaros e ficamos chocados com eles apenas por termos costumes diferentes.

52 **As perguntas de uma criança**

CERTA VEZ, QUANDO CONFÚCIO caminhava por um mercado, viu duas crianças que pareciam estar a discutir acaloradamente por causa de algo. Confúcio sentiu-se curioso e perguntou-lhes qual a razão da contenda. Uma das crianças disse: "Eu digo que o sol se encontra mais perto de nós quando se ergue e se distancia mais ao meio dia." A outra criança imediatamente disse: "Eu digo que o sol está mais distante quando se ergue e mais próximo do meio-dia."

Aquela que falara primeiro disse: "O sol parece maior quando está no horizonte e fica mais pequeno quando atinge o meio dia. As coisas não parecem menores quando estão longe e maiores quando estão perto?" A segunda criança não se sentiu desencorajada. Ela disse: "O sol está mais quente ao meio-dia do que quando ele sobe pela manhã. Não será algo mais quente quando está próximo e mais frio quando está mais longe?"

As duas crianças então assediaram Confúcio a responder às suas perguntas. Confúcio ficou perplexo. Ele disse que não podia dizer qual deles estava correto. As crianças riram e disseram: "Olhe, é suposto ser um homem instruído, mas você não pode nem responder às nossas perguntas!"

53 **A arte de pesca**

Muitas coisas neste mundo dependem do equilíbrio. Por exemplo, um único cabelo pode suportar um peso se o equilíbrio for correto. O cabelo só se quebra se o equilíbrio se perder. A maioria das pessoas não entende esse princípio de equilíbrio, mas eis um exemplo de alguém que o entendeu.

No país de Chu vivia um homem que gostava de pescar. Ele fez a sua linha de pesca de seda, o seu gancho a partir da casca de um grão de trigo e a sua cana de uma tira delgada de bambu. Para isca, ele usou meio grão de arroz. Um dos seus pontos de pesca favoritos era um trecho de águas profundas num rio de corrente rápida. Lá ele podia lançar a sua isca e sempre retornar com um peixe tão grande quanto o seu carrinho. Mas para cúmulo disso, a sua linha não crepitava, a sua vara não dobrava, e o seu gancho não quebrava.

O rei de Chu ficou muito curioso com o modo como esse homem pescava peixe. Ele convidou o pescador para a corte e perguntou-lhe: "Como é que você consegue pegar um peixe tão grande com essa estranha variedade de material?"

O pescador respondeu: "Ouvi os sábios do passado falar sobre um arqueiro que usava um arco feito de uma tira de madeira muito fraca e uma corda de arco feita de uma fina corda de algodão para derrubar dois pássaros com uma flecha. Ele conseguia fazer aquilo por ter a atenção concentrada e entender o equilíbrio do puxar e do ceder. Admirei a sua façanha e decidi usá-lo como um exemplo para aperfeiçoar a minha habilidade na pesca. A partir desse momento, pus tudo de lado e passei o tempo todo a aprender a arte da pesca.

Por fim, após cinco anos, eu conseguia lançar a minha linha sem distracção. Quando me sento junto ao rio, a minha mente fica completamente concentrada na pesca e nada mais. Eu gozo de tal proficiência entre o puxar e o ceder da linha que os peixes nem sequer percebem quando o gancho e a isca entram na água. Para eles, a isca não é diferente de um grão de areia ou uma bolha, e eles engolem-na sem suspeitarem. Este é o princípio de usar a suavidade para vencer, a força e a leveza na seguração do pesado.

"Meu senhor, se você conseguir governar o seu país dessa maneira, então tudo no mundo estará ao seu alcance. Não será isso mais eficaz do que usar a força?"

O rei ficou muito impressionado com o conselho do pescador.

54 **Intercâmbio de mente e coração**

Dois homens que tinham adoecido foram consultar o mesmo médico. O médico curou-os aos dois, mas antes de partirem, disse: "Vocês os dois contraíram uma doença que lhes atacou os órgãos internos. Isso é bastante comum e pode ser cuidado pela acupuntura e as ervas. No entanto, existe um vírus que os está a atacar, o que lhes afecta os corações e as mentes. Vocês querem que eu lhes cure esse mal?"

Os dois homens disseram: "Fale-nos sobre isso, primeiro."

O médico disse então a um deles: "Você tem ambições fortes, mas a sua força de vontade é fraca. Embora seja bom no planeamento, você raramente consegue levar a cabo esses planos. Voltando-se para o outro homem, o médico disse: "Consigo, por outro lado, é ao contrário. As suas ambições são fracas, mas a sua força de vontade é forte. Portanto, você cai nos problemas ao fazer as coisas de forma imprudente, e sem pensar nelas." De seguida, dirigindo-se a ambos, disse: "Se vocês dois podem mudar o vosso coração e mente, vocês sereis perfeitos. Agora, você quer que eu faça isso por vós?"

Ambos os pacientes concordaram.

O médico deu-lhes uma droga que os deixou inconscientes por vários dias. Então, cuidadosamente, ele removeu-lhes os corações, trocou-os e aplicou uma erva mágica para que, quando ambos os homens despertassem, não houvesse sinais físicos da cirurgia.

Quando os homens chegaram a casa, sentiram-se encantados, mas no momento em que entraram em suas casas, começaram os problemas. O primeiro homem tinha-se dirigido à casa do segundo homem e não era reconhecido pela esposa nem pelos filhos. O segundo homem tinha-se dirigido à casa do primeiro homem e o mesmo aconteceu. Ambas as famílias ficaram furiosas e frustradas. Elas recorreram à corte para resolver o assunto e só aceitaram as circunstâncias quando o médico lhes explicou toda a situação.

Ninguém nasce perfeito, e mesmo que ciência ou tecnologia possa operar maravilhas, ao resolver um problema criará outro. Portanto, o melhor é que aceitemos aquele que somos e que não queiramos ser outra pessoa, porque cada pessoa tem o seu valor.

55 **O Músico Wen aprende a tocar o alaúde**

Há muito tempo atrás havia um músico que conseguia encantar os pássaros e os peixes e levá-los a dançar com a sua música. Um tocador de alaúde chamado Wen do reino de Cheng ouviu a história e quis adquirir essa

habilidade. Assim, ele deixou a sua família e foi estudar com o mestre músico Hsiang.

Durante muito tempo Wen não conseguiu tocar nada. Tinha os dedos amarrados a nós, e toda vez que pegava no alaúde, não conseguia tocar. Passados três anos ainda não tinha aprendido nada. "Bem que podes voltar para casa," disse o mestre.

Wen pousou o alaúde, fez um sinal e disse: "Não é que não tenha aprendido nenhuma música ou que não consiga ajustar o meu instrumento corretamente. Eu não consigo motivar-me a tocar de cor, de modo que a música não chega a fazer parte de mim. É por isso que não consigo motivar-me a tocar. Deixe-me descansar um pouco a ver o que acontece."

Pouco tempo depois, Wen voltou para o mestre.

"Como estás a dar-te com a sua música?" perguntou-lhe o mestre.

"Eu acho que consegui fazer progressos. Deixe que lhe mostre."

Wen pegou o alaúde e tocou suavemente a corda chamada Outono. Embora fosse primavera, soprava um vento frio, as folhas crepitavam na brisa do outono, e o céu estava claro e sem nuvens. Então, no outono, ele tocou a corda chamada Primavera, e sucedeu um vento suave. Caíram chuvas quentes e as flores floresceram. No meio do verão, Wen tocou a corda chamada Inverno, e de repente caiu neve e os rios congelaram. Quando chegou o inverno, ele tocou a corda chamada Verão. Imediatamente o sol brilhou ferozmente, a neve desapareceu e o gelo derreteu-se nos rios.

Finalmente, quando tocou a última corda e as tocou todas juntas, soprou um vento refrescante, flutuaram nuvens azuis sobre a cabeça, e caiu um doce orvalho e fontes perfumadas brotaram do chão.

O mestre músico Hsiang bateu no peito e exclamou. "Sua música supera tudo quanto pode ser descrito por palavras. Os melhores músicos precisarão aprender contigo agora."

Wen já era um músico consumado quando foi estudar com Hsiang, mas percebeu que o aperfeiçoamento da técnica por si só não torna música excelente. Quando por fim conseguiu dissolver a dualidade entre ele e a música, as músicas que tocava não só tinham o poder de criar humores, mas alteravam literalmente a realidade.

56 **Quando Erh de Han cantou**

Havia um músico que se fez aprendiz de um mestre-cantor, mas antes de terminar o treino, ele decidiu que já dominava todas as habilidades que o seu mestre poderia oferecer. Confiante, ele pediu para obter a formatura para ele poder voltar para casa.

O seu mestre não contestou o pedido, e no dia marcado ele decidiu dar um banquete para o graduado depois da cerimônia. Quando todos se encontravam sentados ao redor da mesa, o mestre-cantor começou a cantar uma música triste, que fazia acompanhar de um ritmo com um pequeno tambor. A sua voz sacudiu as folhas nas árvores e deteve as nuvens que passavam a correr. O jovem e impetuoso jovem então percebeu o quão pretensioso estava pensando ter aprendido tudo com o seu mestre. Rapidamente ele se desculpou e pediu para ser novamente aceite. "Eu ficarei como seu aluno pelo resto da minha vida," disse ele ao professor.

O mestre-cantor então contou uma história para todos ouvirem, e disse:

"Certa vez existiu uma mulher chamada Erh de Han que ficou sem dinheiro enquanto viajava para o país oriental de Chi. Não teve escolha senão cantar numa taberna local para ganhar a ceia. Depois que ela saiu, o som de sua voz reverberou na sala por três dias, e as pessoas pensaram que ela ainda estava por perto.

"Mais tarde, Erh ficou em uma pousada onde o dono ridicularizou os seus modos estrangeiros. Isso fez Erh ficar com saudades de casa, e ela irrompeu num canto de tristeza e saudade. A sua voz propagou-se pela aldeia e levou todos às lágrimas. As pessoas da aldeia foram de tal modo afetadas pela tristeza da música que não puderam comer durante três dias. Eles enviaram alguém atrás de Erh e convidaram-na de volta.

"Erh soltou uma nota alongada e depois cantou uma canção de alegria. Logo as pessoas da cidade começaram a dançar e a rir e esqueceram que haviam estado tristes justamente havia pouco. Erh ficou com essa gente por um tempo e quando partiu, a cidade enviou-lhe muitos presentes ricos. Até hoje, as pessoas daquela cidade são famosas pelo seu canto, por terem captado uma certa arte de Erh enquanto ela lá viveu."

57 **Espíritos afins**

PO YA E CHUNG TZU-CH'I eram bons amigos. Po Ya era um bom tocador de alaúde e o seu amigo era um ouvinte intuitivo. Quando Po Ya tinha o pensamento nas altas montanhas enquanto tocava, Chung Tzu Chi disse:

"Eu posso sentir a grandeza das Altas Montanhas!" Quando Po Ya pensava em águas correntes enquanto tocava, o seu amigo disse: "Quão profundos e amplos são os Rio Amarelo e o Yang Tze!" Parecia que não importava o que Po Ya tivesse na ideia, que ele expressava na música que tocava, pois o seu amigo partilhava de imediato desses sentimentos.

Certa vez os dois amigos andavam a vagar pelas encostas norte das Grandes Montanhas quando rebentou uma tempestade. Eles encontraram abrigo numa caverna, e, enquanto aguardavam que as chuvas diminuíssem, Po Ya pegou no seu alaúde e tocou. Vendo que a névoa e a chuva ocultavam as montanhas, Po Ya invocou um sentimento de tristeza e compôs uma peça sobre a chuva interminável e a névoa crescente. Então, ele mudou de humor e improvisou uma música que retractava o esplendor de uma avalanche a cair pelos montes abaixo. Em todas as peças que ele tocava, Chung Tzu Chi conseguia entender a sensação da música de Po Ya sem falhar. O seu humor e estado de espírito eram idênticos aos do instrumentista.

Po Ya baixou o alaúde e suspirou: "Isto é mais do que as minhas mais ousadas expectativas. Você consegue ler-me o pensamento ao ouvir a minha música. De agora em diante, como poderei esconder algo de si?"

Po Ya e Chung Tzu Chi não eram apenas bons amigos, mas espíritos afins. Eles conseguiam alcançar a mente um do outro não apenas por um ser um excelente músico e o outro um ouvinte intuitivo, mas por dissolverem as barreiras que os separavam um do outro e a música ser simplesmente uma ponte que lhes permitia comunicar o que sentiam no íntimo e o que tinham no pensamento.

58 **Artificial ou real?**

O REI MU DE CHOU estava de visita à região ocidental do seu país, e foi até as montanhas Kunlun antes de regressar. A caminho de casa, os seus oficiais apresentaram-lhe um homem que era considerado um artesão muito qualificado.

O rei recebeu o artesão na sua tenda e disse: "Fale-me sobre as suas habilidades."

O homem respondeu: "Consigo fazer o que quiser, mas deixe que lhe mostre algo que já concluí."

"Bom," disse o Rei Mu. "Traga isso da próxima vez que vier."

Dois dias depois, o artesão pediu para ver novamente o rei. O rei viu que o artesão trouxera alguém com ele, pelo que lhe perguntou: "Quem é esse homem que você trouxe consigo?"

"Ele é criação minha," disse o artesão com orgulho. "Ele consegue falar, ele consegue cantar, e ele consegue dançar."

O rei ficou fascinado e espantado. A figura diante dele caminhava ligeira e certamente tinha todas as características de um ser humano.

O artesão pressionou as bochechas do seu companheiro, e imediatamente a figura começou a cantar. Quando ele lhe apertou a mão, começou a dançar ao ritmo da música. Então o artesão levou a sua "criação" a fazer todo o tipo de truques, de que o rei desfrutou imensamente. Os movimentos e maneirismos da figura eram tão reais que o rei achou que era uma pessoa real.

O rei arranjou com que esse "homem" talentoso desse um espectáculo e convidou a sua cortesã favorita e outras assistentes para participarem. Quando o espectáculo estava prestes a terminar, o homem artificial lançou uns olhares sugestivos na direcção das mulheres que se encontravam sentadas ao redor do rei.

O Rei Mu viu aquilo e ficou indignado. Ele convocou o artesão e gritou-lhe enraivecido: "Como se atreve a mentir-me dizendo-me que criou esse homem! Ele teve a coragem de lançares olhares atrevidos às minhas cortesãs. Eu vou mandar executá-lo por isso."

Aterrorizado, o artesão imediatamente se aproximou do homem artificial e rasgou-lhe o corpo. Ele desmontou a cabeça, os braços e as pernas e mostrou as peças ao rei. O rei examinou-os e achou que elas eram feitas de madeira e que se encontravam ocultadas e reunidas por cordas e cola. O artesão então esvaziou o interior do robot, e o rei viu que, embora os órgãos internos parecessem reais, eles também eram feitos de materiais e eram inertes e pintados com as cores apropriadas. Dentes, ossos, músculos, tendões, articulações, pele e cabelos eram todos artificiais. No entanto, quando essas peças se encontravam reunidas, ele via uma pessoa real.

O rei ficou então ainda mais curioso. Ele reexaminou o robot e experimentou torar-lhe o coração. Quando removeu o coração, o robot perdeu a fala. Em seguida, o rei removeu-lhe o fígado, e o robot perdeu a visão. Quando ele lhe tirou os rins, ele não pode andar mais. Por fim o rei ficou satisfeito. Suspirou e disse: "Será possível que a destreza humana produza algo que possa equiparar-se ao que é criado pelo céu e pela terra?"

O rei mandou carregar o robot num carrinho e convidou o artesão a retornar com ele à capital. As pessoas costumavam considerar que a escada de Kung Shu Pan atingia as nuvens e a máquina voadora de Mo-tzu como criações de grande engenho. Mas quando as notícias do homem artificial se espalharam, esses dois talentosos artesãos não ousaram vangloriar-se mais das suas invenções.

Se examinarmos o robot do Rei Mu, poderemos realmente dizer que seja artificial? O robot foi feito de materiais encontrados na natureza: couro, casca e cânhamo. Os seres humanos são igualmente feitos das mesmas coisas que a natureza, pois todas as coisas emergiram da reunião dos vapores yin e yang e devem sua existência ao sopro primordial do Tao. Se algo é real ou artificial depende da forma como visualizamos os materiais a partir dos quais é feito. Se esse for o caso, então, enquanto pessoas "reais," o que nos tornará mais privilegiados do que as outras coisas na criação?

59 **Aprender a arte do tiro**

FEI-WEI APRENDEU O TIRO AO ARCO com um dos maiores arqueiros. Dizia-se que, quando seu mestre puxava o arco, os animais ficariam deitados no chão e os pássaros desapareciam no céu. Fei Wei aprendeu tudo o que o seu mestre conseguiu ensinar-lhe e acabou superando o mais velho em habilidade.

Um homem chamado Chi-Chang ouviu falar no domínio de Fei Wei com o arco e implorou para se tornar seu aprendiz. Ele esperava que um dia ele também conseguisse superar o seu mestre com a sua habilidade.

Fei Wei disse ao futuro estudante: "Primeiro, precisa treinar o olho a não piscar em circunstância alguma. Volte quando tiver conseguido isso."

Chi-Chang gravou essas palavras na mente e voltou para casa. Dia após dia, ele se debruçava debaixo do tear da sua esposa com os olhos ao lado das agulhas que subiam e desceram quando ela pressionava o pedal com o pé. Volvidos três anos, ele treinara-se a não piscar mesmo que as agulhas parecessem furar-lhe o globo ocular.

Excitado com o sucesso conseguido, Chi Chang correu para Fei Wei e relatou o progresso que fizera. Fei Wei disse apenas: "Você ainda começou a aprendizagem. A próxima coisa que precisa fazer é treinar os seus olhos para ver objectos pequenos até que pareçam grandes, e objetos difusos até que pareçam claros. Volte e pratique. Quando tiver conseguido fazer isso, você poderá vir ver-me."

Chi Chang voltou para casa e começou a fase seguinte do treino. Ele pegou uma pulga e pendurou-a de uma janela voltada para sul. Todos os dias ele

fixava a vista na pulga com o sol a brilhar-lhe nos olhos. Dez dias depois, a pulga parecia ter crescido em tamanho. Três anos depois, a pulga parecia tão grande quanto uma roda num carrinho. Por essa altura, quando Chi Chang olhava para outras coisas da mesma forma, via montes e colinas. Pegando num arco feito do chifre de animal de Yen e numa flecha feita de capim selvagem do norte, Chi Chang apontou e atirou. A flecha perfurou o coração da pulga sem quebrar o fio de cabelo que a pendurava.

Quando Chi Chang contou o sucedido a Fei Wei, o mestre arqueiro bateu palmas e disse: "Maravilhoso. Você entendeu do que trata o tiro ao arco. Você está pronto para aprender."

Pouco tempo depois, Chi Chang aprendeu tudo o que Fei Wei tinha a ensinar-lhe. Ele foi para casa e pensou: "Neste instante, a única pessoa que pode rivalizar com a minha perícia é o meu mestre. Se eu o matar, então eu serei o maior arqueiro vivo."

Certo dia, Chi Chang encontrou Fei Wei numa estrada deserta. Ao ver aí a sua hipótese de matar o seu ex-professor, ele puxou do arco e arremessou uma flecha na direcção de Fei Wei. Quase ao mesmo tempo, o mestre puxou do seu arco. As duas flechas atingiram-se à mesma distância entre os dois homens e caíram no chão sem levantar qualquer pó. Rapidamente Chi Chang disparou várias flechas em direção a Fei Wei, e toda vez as setas foram interrompidas me pleno voo.

Finalmente, Chi Chang ficou com uma flecha e a aljava de Fei Wei ficou vazia. "Esta é a minha chance de o matar," pensou Chi-Chang consigo mesmo. Assim, ele puxou do arco e soltou a última flecha. Fei Wei calmamente pegou num ramo espinhoso, e, usando-o como uma flecha, parou a flecha de Chi Chang em pleno ar.

Ao ver isso, ambos os homens lançaram fora os seus arcos. Com lágrimas nos olhos, eles se curvaram um para o outro. Tão grande foi o respeito que sentiram um pelo outro que prometeram naquele exacto local tornar-se pai e filho. Não querendo que a sua destreza se tornasse causa de ciúmes e de traição para as gerações futuras, eles fizeram cortes nos seus braços e juraram nunca revelar os segredos da sua técnica a ninguém.

Chi Chang era orgulhoso e ambicioso e queria ser o melhor. No entanto, ele ficou emocionado com o domínio de Fei Wei e percebeu que o que ele havia visto era o maior feito do tiro ao arco. Fei Wei, também, ficou impressionado com a inteligência de Chi Chang e sua obstinação de realizar o que ele havia tentado. Dizem que o pináculo da conquista é um local solitário e que por vezes os rivais podem chegar a entender-se e a apreciar-se mais do que os amigos. Assim, não é incomum que os maiores rivais possam se tornar nos melhores amigos.

60 **Tsao Fu aprende a conduzir**

TSAO FU FEZ-SE APRENDIZ DE UM FAMOSO cocheiro de habilidade lendária. Durante muitos anos, Tsao Fu serviu humildemente o seu mestre, mas não recebeu qualquer instrução. Isso não desanimou o aprendiz. Na verdade, Tsao Fu mostrou ainda mais respeito e diligência no atendimento das necessidades do seu mestre.

Finalmente, impressionado pela sinceridade de Tsao Fu, o mestre cocheiro disse ao seu aluno: "Os antigos dizem que um mestre arqueiro começa por fazer cestas e um mestre de ferreiro começa por fazer martelos. Agora, observe-me com atenção. Se conseguir chegar ao mesmo estado de corpo e mente em que eu me encontro, então estará apto a dirigir uma carruagem."

"Eu seguirei cuidadosamente as suas instruções," disse Tsao Fu.

O mestre, em seguida, pegou em várias estacas, grandes o suficiente para se manterem e se segurarem no chão. As estacas foram organizadas de modo a ficarem a um passo de distância umas das outras. Então, o cocheiro mestre saltou para as estacas e saltou de uma estaca para a outra, correndo de um lado para o outro com facilidade.

"Pratique a corrida sobre as estacas," disse ele a Tsao Fu, "e quando conseguir dominar isso, eu lhe darei mais instruções."

Após três dias, Tsao Fu conseguiu correr pelas estacas sem tropeçar nem cair. O mestre suspirou e disse: "Você é ágil e aprende rápido. Agora, deixe-me falar sobre a arte de cocheiro. Todos os cocheiros precisam começar por aprender como correr sobre as estacas. Embora pareça que está a treinar para ser ágil no seu trabalho de pés, você realmente está a treinar o seu corpo para responder aos comandos da sua mente. Isso é chave no comando de uma carruagem.

"A aplicação e libertação de pressão nas rédeas deve ser de acordo com a sua intenção. Se os seus dedos e as suas palmas responderem naturalmente à sua vontade, você poderá transferir a sua intenção directamente para cada cavalo da guarnição. A equipe responderá ao menor puxão ou folga para voltar para qualquer direcção, e você poderá guiar a carruagem para frente ou para trás e virar à esquerda ou à direita sem qualquer esforço.

O seu corpo responderá à sua mente, as rédeas responderão aos movimentos do seu corpo, e os cavalos responderão à pressão das rédeas. Dessa forma, sem gastar energia, você poderá dirigir uma carruagem por longas distâncias sem se sentir cansado. Quando isso acontecer, você saberá que atingiu o domínio dessa arte."

Passado um tempo, o mestre cocheiro continuou: "Deixe-me explicar aquilo que disse. Cada cavalo que puxe a carruagem usa um freio e um arreio. Assim, a sensação de movimento do cavalo é comunicada por meio do freio ao arreio, do arreio às rédeas, das rédeas às suas mãos, das mãos ao resto do seu corpo e do seu corpo à sua mente. Quando comunica a sua intenção aos cavalos, isso simplesmente adopta essa sequência de comandos pelo inverso. Assim, o controle da sua guarnição e a obtenção de uma resposta dos movimentos dos cavalos podem ser totalmente feitos apenas por meio da intenção.

Dessa forma, você pode dirigir sem empregar os olhos e nunca precisará usar o chicote. Quando a sua mente atinge a clareza e o seu corpo se encontra relaxado, você pode controlar seis freios sem confusão, e vinte e quatro cascos irão pisar onde você quiser. Assim, as rodas do seu carro irão avançar e recuar, e virar à esquerda e à direita com precisão e controlo. Você poderá dirigir nas estradas da montanha com a mesma facilidade que o faria nas planícies. A sua condução não será diferente quer os seus cavalos estejam perto de um precipício ou a correr pelas pastagens planas. Isso é tudo o que tenho a ensinar, por isso recorde-o bem!"

A agilidade do corpo e a quietude da mente são necessárias para que a intenção seja comunicada naturalmente. Um corpo rígido cujas partes não cooperem não poderão responder à intenção, independentemente de quão clara e imóvel se encontre a mente. Do mesmo modo, um corpo ágil só encontrará confusão se a mente não se encontrar imóvel. Portanto, para atingir o nível mais elevado de toda destreza, o corpo e a mente devem ser treinados simultaneamente.

61 **A vingança de Lai Tan**

O PAI DE LAI TAN FOI MORTO POR HEI LUAN numa disputa acesa. Lai Tan jurou encontrar o assassino e vingar a morte do seu pai.

Embora Lai Tan tivesse uma disposição destemida e uma intensa perseverança, ele era tão magro quanto um espectro. O seu estômago só podia conter uma mão cheia de arrozeiros, e ele estava tão fraco que uma rajada de vento mais forte poderia arrancá-lo do sítio. Por conseguinte, apesar da intenção que tinha de vingar a morte de seu pai, Lai Tan era incapaz de lidar com qualquer tipo de arma. No entanto, Lai Tan possuia sentido de honra e não contrataria ninguém para o fazer por ele. Assim, envergonhado pela fraqueza e furioso por de não poder fazer nada, ele atormentava-se dia e noite.

Como se as coisas não estivessem suficiente más, Hei Luan, o assassino do pai de Lai Tan, era um homem muito forte e violento. Hei-Luan conseguia empunhar a espada mais pesada e lutar com uma centena de homens com

as mãos. Além disso, o homem tinha pele semelhante a casca incapaz de ser penetrada por espada ou lança. Ele exibia as suas capacidades impedindo espadas com o pescoço ou travando as flechas com o peito descoberto. As espadas e as flechas esbarravam sem deixar cicatriz ou arranhão no corpo dele. Assim, ele provava e ria de Lai Tan, chamando-lhe fraco e garotinha indefesa.

Um dia, um amigo de Lai Tan disse-lhe: "Hei Luan comporta-se como se tu fosses um pedaço de estrume. O que vais fazer em relação a isso?"

Lai Tan ficou ainda mais deprimido e disse ao seu amigo: "Eu não sei o que fazer. Tens alguma sugestão?"

O amigo respondeu: "Ouvi dizer que na região de Wei há um nobre que possui uma espada mágica. Esta espada é tão poderosa que pode afastar todo um exército mesmo quando empunhada por uma criança. Por que não vais perguntar se podes usar essa espada emprestada?"

Lai Tan acatou o conselho do seu amigo e viajou para a terra de Wei. Ele implorou ao nobre para o ajudar e ofereceu-se para os trabalhos forçados. Em seguida, ele explicou a sua situação, pediu emprestar a espada mágica e prometeu deixar a sua esposa e filhos como reféns na propriedade do nobre enquanto ele ia procurar o assassino.

O nobre escutou as súplicas de Lai Tan e ficou impressionado com a determinação que o jovem demonstrou para superar dificuldades aparentemente insuperáveis. E assim, disse: "Eu tenho três espadas mágicas, mas nenhuma delas consegue matar. Vou-te deixar usar uma delas de empréstimo para vingares a morte do teu pai. Mas antes de escolheres, deixa que te descreva as características de cada uma dessas espadas.

"A primeira espada chama-se Luz Invisível. Não possui forma, pelo que não conseguirás vê-la. Não possui peso, pelo que não conseguirás senti-la quando a usares. Não deixa qualquer marca ao cortar, e pode retalhar o corpo de uma vítima sem que ele mesmo saiba disso.

"A segunda é chamada Espada Sombra. Se pegares nessa espada e a segurares contra a luz suave do amanhecer ou do entardecer, quase não conseguirás vê-la. Se cortar qualquer coisa, denota-se-lhe um ligeiro brilho. Quando perfura um corpo, a vítima não sente dor.

"A minha terceira espada chama-se Espada da Noite. À luz do dia, só consegues ver a sua sombra, mas não o seu brilho. À noite, podes ver o seu brilho, mas não a forma. Quando corta algo, ouve-se um som contundente. A ferida que ela provoca fecha imediatamente e nenhum sangue é

derramado. A vítima sente apenas uma ligeira dor onde a espada tiver golpeado.

"Estas três espadas foram-me transmitidas ao longo de treze gerações da minha família. Elas jamais foram usadas e ainda se encontram seladas dentro de seus sacos especiais."

Lai Tan pediu que lhe emprestasse a Espada da Noite.

Então, o nobre disse a Lai Tan que precisavam fazer um ritual especial para quebrar o selo que trancava a espada. Ele jejuou durante sete dias, praticou os rituais apropriados de purificação e tirou a espada do seu saco a meio da noite. Entregou a espada a Lai Tan e disse-lhe que não era necessário deixar a esposa e os filhos como reféns. Lai Tan prostrou-se em sinal de gratidão e partiu à procura Hei-Luan.

Quando Lai Tan chegou à casa de Hei-Luan, ele encontrou o homem sozinho e bêbado. Ao vislumbrar a sua hipótese, Lai Tan empunhou a espada e golpeou Hei-Luan sem esforço por três vezes do pescoço até a cintura. Como Hei Luan não se agitasse, Lai Tan pensou que ele havia matado o homem, de modo que se apressou a sair. Na porta, ele encontrou o filho de Hei-Luan. Rapidamente ergueu a Espada da Noite e o atingiu três vezes. Mais uma vez, ele sentiu como se estivesse a cortar o ar.

O filho de Hei-Luan sorriu cordialmente e perguntou a Lai Tan, "Você é um homem engraçado. Por que agita a mão assim em torno de mim?" Lai Tan sabia que a sua espada não podia matar, pelo que suspirou e foi embora. Quando Hei-Luan acordou, gritou para a mulher: "Por que não me cobriste quando desmaiei? Agora estou com dor de garganta e dor na cintura."

O filho de Hei Luan então disse: "Pai, quando cheguei a casa ontem eu conheci Lai Tan à porta. Ele acenou com a mão para mim de uma maneira engraçada e depois afastou-se. Agora, tenho o corpo a doer um pouco, assim como os braços e as pernas. Você acha que ele nos pregou alguma maldição?"

Lai Tan não matou Hei-Luan, mas vingou-se. Não importava que Hei-Luan não morresse. Para Lai Tan, tudo o que importava era que ele tinha empunhado a espada e atingido o assassino do pai com as próprias mãos. A Espada da Noite foi de facto uma espada poderosa. Não só não matou nem feriu, como ajudou Lai Tan a dissipar a raiva e fez com que ele sentisse que tinha conseguido o seu objectivo. Se Lai Tan tivesse usado uma espada menor para se vingar de seu pai, ele teria matado o filho de Hei Luan junto com o pai. A família de Hei Luan então iria procurar Lai Tan para se vingar, e a matança prosseguiria, família a vingar familiar, por muitas gerações.

LIVRO SEXTO

ESFORÇO E DESTINO

INTRODUÇÃO

O agricultor depende da mercê do clima, o comerciante da economia, o artesão na aplicação atempada das competências e o político da opinião pública. Na agricultura há épocas de abundância e épocas de seca. Nos negócios e no comércio, há picos de crescimento e de recessão. O sucesso na concepção e fabricação depende da demanda no mercado. A popularidade do governo depende da preferência política. Não existe uma profissão que garanta o sucesso. O sucesso e falha dependem da oportunidade, que não conseguimos controlar nem prever. É o que Lieh-Tzu quer dizer com "destino."

A oportunidade pode gerar ou dar cabo de uma carreira. Uma pessoa talentosa talvez nunca realize o seu potencial se não tiver oportunidades apropriadas. Por outro lado, alguém com capacidades medianas poderá erguer uma enorme fama e fortuna se os tempos forem apropriados. Por isso, fortuna e infortúnio dependem do destino.

Ser afortunado ou infeliz também depende de uma avaliação da situação. Assim, algo que possa agora parecer desafortunado pode realmente vir a ser benéfico a longo prazo, e vice-versa. Como não sabemos quanto tempo esse "longo prazo" engloba, é impossível dizer se algo seja afortunado ou desafortunado.

Além disso, para que alguma coisa seja considerada auspiciosa ou desafortunada depende da perspectiva da pessoa. Normalmente, as pessoas que estiverem menos ligadas às circunstâncias externas terão menos ansiedade para rotular algo como boa sorte ou infortúnio. A empatia que sentirmos em relação ao infortúnio de outra pessoa baseia-se no pressuposto de que, se as mesmas circunstâncias nos acontecessem, nos sentiremos mal e quereríamos lastimá-lo. Por conseguinte, a empatia pode estar baseada na autocomiseração, em vez de na compaixão pelos outros.

Dado tudo isso, Lieh-Tzu pergunta: por que deveremos apegar-nos tanto ao sucesso e ao fracasso, à fortuna e à desgraça? Por que gastar tanto esforço buscando o que consideramos actualmente ser sucesso ou fortuna? O que poderá ser benéfico agora poderá vir a ser prejudicial mais tarde. E caso se revele prejudicial, quem poderá dizer que possa não ser benéfico no futuro?

62 **O Esforço Discute com o Destino**

UM DIA O ESFORÇO DISSE AO DESTINO: "As minhas conquistas são maiores que as tuas."

O Destino não concordou. E desafiou imediatamente o Esforço: "O que fizeste tu para que as tuas conquistas superem as minhas?"

O Esforço disse: "Viver muito tempo ou morrer jovem, ser rico ou pobre, ter sucesso ou fracasso depende de mim."

O Destino respondeu de imediato: "A inteligência do velho Peng não se equiparava à dos imperadores Yao e Shun, mas ele viveu uma vida longa e saudável. Por outro lado, Yen-Hui, o melhor aluno de Confúcio, morreu quando completou dezoito anos. A virtude de Confúcio ultrapassou a dos príncipes, mas, comparada com ela, ele encontrava-se desamparado. O imperador Shang Tsou foi cruel e imoral, mas viveu uma vida próspera e longa.

Por outro lado, os seus ministros virtuosos tiveram mortes violentas. Houve um homem que sacrificou a própria fortuna para permitir que o seu irmão fosse empregado pelo senhor de Cheng. Ele permaneceu pobre e desconhecido pelo resto de sua vida. Depois, havia um outro homem que não possuía virtude nem habilidade que se tornou o senhor de Chi. E que dizer de Po Yi e Shu Chi que morreram de fome na montanha por não quererem comprometer a sua integridade e honra para servir um senhor inimigo? Que se poderá dizer dos funcionários corruptos que enriquecem ou das pessoas honestas e trabalhadoras que permanecem pobres?"

O Esforço não estava à espera dessa barragem de evidências contra a sua afirmação. Franziu a testa, mas o Destino prosseguiu: "Se és tão eficaz como dizes, então, por que não tornas as pessoas trabalhadoras ricas? Por que não concedes às pessoas virtuosas uma vida longa e próspera? Por que não se encontram as pessoas inteligentes e capazes empregadas, e por que ocupam os estúpidos lugares importantes no governo?"

O Esforço nada mais teve a dizer diante a tais desafios, de modo que timidamente lá disse ao Destino: "Tens razão. Eu não exerço tanto efeito assim, afinal. Mas diria que muitas coisas sucedem como sucedem, por teres feito asneira, e teres distorcido o destino das pessoas e teres tido prazer nisso!"

Então, o Destino disse: "Eu não posso forçar o rumo das coisas. Eu simplesmente abro-lhes as portas. Se algo estiver a correr em ordem, deixo

que siga o caminho correcto; Se algo sofrer uma reviravolta, não o impedirei. Ninguém, nem você nem eu, pode rumo o caminho das coisas. Vida Longa ou curta, rica ou pobre, sucesso ou fracasso, fortuna ou infortúnio, tudo ocorre por si só. Como posso direccionar os acontecimentos ou mesmo saber onde pararão as coisas?"

63 **A Sorte e o Mérito**

UM DIA PEI KUNG TZU FOI VISITAR HSI MEN TZU. Os dois eram amigos, mas devido a coisas diferentes que tinham sucedido nas suas vidas, eles não se viram durante algum tempo.

Quando Pei Kung Tzu viu o amigo, a primeira coisa que disse foi:

"Nós crescemos juntos. Vivemos na mesma época. Por que tudo parece estar a correr-te de feição, e eu sempre me deparo com obstáculos? Nós procedemos do mesmo clã, mas as pessoas respeitam-te e a mim desprezam-me. À semelhança de ti, eu tenho olhos, ouvidos e uma boca, mas as pessoas saúdam-te e afastam-se de mim. Às vezes, temos opiniões convergentes e falamos até mesmo da mesma maneira, mas tu és escutado e eu sou ignorado. Quando somos vistos juntos, tu é tratado como um homem honesto e eu não tenho fiabilidade. Quando os dois assumimos o poder no governo, tu foste promovido e eu fui demitido. Quando os dois trabalhamos a terra, ela cooperou até mesmo contigo e comigo não. Quando negociamos juntos, tu ganhaste lucros e eu perdi. Isso é verdadeiramente injusto!"

Pei Kung Tzu continuou a lamentar os seus problemas.

"Eu uso roupas velhas e como a comida que o porco come. Vivo numa barraca arruinada e não posso pagar uma carroça. Tu, por outro lado, usas sedas e trajos finos. Comes da melhor carne e arroz. Moras numa enorme mansão e viajas numa carruagem puxada por excelentes cavalos. Ignoras-me nas ruas e nunca me convidas para os teus banquetes ou passeios. Será essa a maneira de tratar um amigo? Ou achas que és mais virtuoso e digno do que eu?"

Hsi Men Tzu não se sentiu lá muito feliz com o ataque de Pei Kung Tzu. Assim, foi brusco no que disse: "Eu não sei quem é mais virtuoso, se tu ou se eu. Tudo o que sei é que as coisas sempre me correm bem e a ti sempre te correm mal. Talvez eu seja mais virtuoso e, por conseguinte, mais digno aos olhos dos outros. Em qualquer caso, tens a fantasia de comparar o teu valor com o meu! Não tens sentido de vergonha?"

Pei Kung Tzu não esperava tal bofetada no rosto. Ofendido e abatido, ele saiu sem dizer uma palavra.

A caminho de casa, Pei Kung Tzu acorreu ao sábio Tung Kuo. Ao ver o olhar desanimado de Pei Kung Tzu, Tung Kuo perguntou-lhe: "Onde esteve? Por que está tão deprimido?"

Pei Kung Tzu contou a Tung Kuo o que lhe acontecera durante a visita que fizera a Hsi Men Tzu. Tung Kuo disse-lhe com gentileza: "Não se sinta tão mal. Nós iremos até Hsi Men Tzu e iremos conversar com ele."

Assim que Tung Kuo viu Hsi Men Tzu, disse: "Por que insultou o seu amigo e lhe ofendeu os sentimentos?"

Hsi Men Tzu disse: "Pei Kung Tzu disse que o tempo dele, os antecedentes e a educação que teve foram iguais aos meus, mas enquanto eu sou rico, bem-sucedido e respeitado, ele é pobre, desprezado e um fracassado na vida. Eu disse-lhe que isso se deve a que não seja tão digno quanto eu."

Tung Kuo disse então a Hsi Men Tzu: "Você parece pensar que o valor possa ser medido pelo sucesso social ou político. Eu encaro isso de forma diferente. Parece-me que você tem mais sorte e Pei Kung Tzu realmente possui mais virtude. Você é bem-sucedido na sociedade, não porque seja particularmente sábio ou virtuoso, mas porque tem sorte em tudo o que faz. Por outro lado, o fracasso que Pei Kung Tzu tem em ser reconhecido não é devido à estupidez nem à falta de virtude, mas ao facto de não ter sorte em tudo o que faz.

"Que tenha sorte ou não, não é algo que possa controlar. Você não deve ser presunçoso por ter mais sorte. Por outro lado, ele não deveria sentir-se inútil, embora ele possua mais virtude. Ambos são igualmente cegos pelas próprias ideias que têm da dignidade."

Quando Hsi Men Tzu ouviu aquilo, ele disse: "Você não precisa falar mais. Nunca mais me vangloriarei do sucesso de que gozo."

Quando Pei Kung Tzu voltou para casa, já não sentia mais vergonha de ser indigno. Ele usou as suas roupas e sentiu como se fossem sedas e peles luxuosas. Ele comeu comidas simples e achou-os tão saborosas quanto os melhores alimentos dos epicuristas da cidade. Ele morou numa cabana e sentiu como se estivesse a habitar numa grande mansão. Quando viajou na sua carroça arruinado, ele achou que era a melhor. Ele não via mais a diferença entre honra e desgraça, reconhecimento e anonimato. Desta forma, ele passou o resto da sua vida no contentamento.

Quando o sábio Tung Kuo viu a transformação que Pei Kung Tzu sofrera, disse: "Por muito tempo, esse homem esteve enterrado nas ilusões de valor e valor estabelecidas pelas normas sociais. Mas é igualmente notável que

ele só tenha precisado de uma lição para cortar com essas ilusões. Se apenas mais pessoas pudessem ser como ele!"

64 **A amizade de Kuan Chung e Pao Shuia**

KUAN CHUNG E PAO SHUIA foram os melhores amigos. Ambos cresceram no país de Chi e ambos serviram na corte real como professores de príncipes.

Nessa altura, o reino de Chi estava em tumulto político. Reinava muita intriga na capital em torno da rivalidade entre os príncipes que aspiravam a tornar-se herdeiros do trono. Kuan Chung aconselhou o seu protegido a encontrar apoio no reino de Lu, e Pao Shuia aconselhou o seu príncipe a ficar longe da capital e a aguardar pela sua hora.

A política da corte em breve tornou-se viciada. O rei de Chi foi assassinado em um golpe de estado por um general que, por sua vez, foi morto por rivais. O país estava no caos. Tanto Kuan Chung quanto Pao Shuia aconselharam os seus respectivos príncipes de que era hora de fazerem as suas reivindicações ao trono.

Numa batalha fora da capital, os exércitos dos dois príncipes bateram-se. Kuan Chung disparou uma flecha contra o príncipe rival que saltou ao bater na fivela do cinto do príncipe. Enfurecido e insultado, o príncipe voltou ao seu campo. Porém, no final, o exército de Kuan Chung saiu derrotado, e ele e o seu senhor tiveram que fugir para o reino vizinho de Lu. O príncipe de Pao Shuia entrou na capital e tornou-se o rei de Chi. Imediatamente, o novo rei conduziu um exército até Lu, onde matou o seu irmão. Kuan Chung rendeu-se, mas o outro conselheiro optou por morrer com seu o senhor.

Quando o rei voltou à capital, Pao Shuia, que agora era ministro, disse ao seu senhor: "Agora que a guerra acabou, podemos voltar a nossa atenção para a reconstrução do país. Kuan Chung é um homem muito capaz. Ele pode ajudá-lo a tornar Chi o estado mais poderoso entre os reinos feudais."

O rei disse: "Ele insultou-me no campo de batalha. Eu planeava mandar executá-lo. "

Pao Shuia disse: "Um rei sábio não deixa que os rancores pessoais lhe obscureçam o juízo acerca das habilidades das pessoas. Além disso, um bom governante pensa sempre no bem-estar do seu país primeiro e nas suas necessidades pessoais em segundo lugar. Se quiser que Chi se torne poderoso e próspero, precisa da ajuda de Kuan Chung."

O rei teve um enorme respeito pelo seu ex-tutor, d modo que aceitou o conselho de Pao Shuia. Ele ordenou que Kuan Chung fosse libertado do

campo de prisioneiros que se situava fora da cidade e fosse levado a tribunal. Pao Shuia foi pessoalmente ao encontro do amigo e acompanhou-o até à capital.

Kuan Chung impressionou tanto o rei que imediatamente recebeu o cargo de primeiro-ministro, que o deixou classificado acima de Pao Shuya. Com o tempo, a confiança que o rei tinha em Kuan Chung cresceu e, eventualmente, ele atribuiu-lhe o homenageante título de estadista mais antigo. Kuan Chung tornou-se assim o homem mais poderoso no reino de Chi, secundado apenas pelo rei. Pao Shuia não sentiu nem ciúme nem ressentimento pelo sucesso de Kuan Chung.

Eles permaneceram os melhores amigos, por ter um enorme respeito pelas capacidades de Kuan Chung e por saber que, se o senhor de Chi fosse um governante sábio, ele haveria de confiar as maiores responsabilidades a Kuan Chung. E Kuan Chung não decepcionou o rei. Sob a sua orientação, Chi tornou-se o estado mais poderoso entre os reinos feudais.

Kuan Chung não deixou que seu sucesso afectasse a amizade que tinha por Pao Shuya, e muitas vezes dizia: "Se não fosse Pao Shuia, eu não estaria onde estou hoje. Quando éramos crianças, sempre fiquei com uma porção maior de tudo o que encontrávamos. Ele não discutia comigo e nunca me considerou ganancioso por saber que eu vinha de uma família pobre que nunca gozara do suficiente em coisa nenhuma. Quando fazíamos planos juntos para as nossas pequenas empresas, Pao Shuia aceitava o meu conselho, mas quando as coisas não acabavam bem, ele nunca me culpou por estupidez, pois sabia que o sucesso e o fracasso geralmente dependem mais da sorte do que do esforço. Em jovem, servi no serviço civil três vezes e de cada dessas vezes fui demitido do meu trabalho.

Pao Shuia não me considerou um inútil por saber que as oportunidades de que eu gozava não eram as ideais. Três vezes entrei na guerra, e três vezes escapei sem enfrentar a captura. Pao Shuia não pensou que eu fosse covarde por saber que precisava cuidar da minha mãe envelhecida. Na batalha final, quando os príncipes se guerrearam pelo trono, quando o meu conselheiro companheiro optou por morrer com o seu senhor e eu me rendi, Pao Shuia não considerou as minhas ações vergonhosas, por saber que por vezes o heroísmo é uma loucura. Por conseguinte, embora os meus pais me tenham dado vida e me tenham alimentado, é Pao Shuia quem realmente me entende."

A verdadeira amizade não é simplesmente cuidar de nossos amigos e ignorar as suas falhas. Pao Shuia não recomendou Kuan Chung ao rei por querer fazer um favor aa seu amigo. Foi por ele entender o gênio que Kuan Chung era na gestão dos assuntos de estado e não deixar que as suas próprias ambições pessoais impedissem que o seu amigo assumisse o

cargo. Se Kuan Chung não tivesse sido capaz, Pao Shuia não o teria recomendado, e Kuan Chung, por sua vez, não teria implorado ao seu amigo para não o apoiar. Quando Pao Shuia se tornou súbdito de Kuan Chung, ele não sentiu qualquer ressentimento, mas tampouco Kuan Chung hesitou em aceitar o cargo. Kuan Chung sabia que Pao Shuia não ficaria ofendido. Ambos os homens sabiam que, não importa o que acontecesse na arena política, isso não afectaria a sua amizade. Isto é o que a verdadeira amizade deve ser.

Depois de um longo e distinto serviço como ministro principal em Chi, Kuan Chung caiu gravemente doente. O rei ficou preocupado e angustiado por parecer que Kuan Chung não ia recuperar. Ele visitou o seu ministro, sentou-se à cabeceira da cama dele e perguntou: "Você encontra-se muito doente e não está a melhorar, pelo que eu vou ser sincero e directo consigo. Se um dia você morrer, quem será a melhor pessoa para ocupar o seu lugar?"

Kuan Chung não respondeu. Em vez disso, ele perguntou ao rei: "O senhor tem alguém em mente?"

"Estou a considerar Pao Shuia."

Kuan Chung aconselhou o rei, dizendo-lhe: "Pao Shuia não é adequado para o cargo de primeiro-ministro. Ele tem padrões morais muito elevados e muitas vezes revela-se inflexível. Ele não tolera pessoas que sejam menores do que ele na virtude ou proficiência. Se ele vê alguém cometer um erro, irá desacreditar essa pessoa e recordar o acto para o resto da sua vida. Se usar Pao Shuia como seu primeiro-ministro, haverá desarmonia na corte. As pessoas terão medo de o atender, e os seus súbditos perderão a confiança que têm em si. Mais cedo ou mais tarde, irá achar Pao Shuia ofensivo ou vice-versa, e você terá que o demitir. Não, Pao Shuia será melhor empregue onde se encontra actualmente."

"Então, quem recomendaria?"

Kuan Chung disse: "Se você realmente quer que eu nomeie alguém, eu sugiro Hsi Peng. Hsi Peng é humilde e modesto. Ele pode ocupar um cargo elevado e ainda assim esquecer que detém poder. Ele será respeitado pelos seus súbditos e, ao mesmo tempo, não os intimidará. Ele não se compara com os sábios. Ele reconhece as próprias falhas e é paciente e tolerante. Ele é alguém com quem os seus súbditos se sentirão confortáveis no trabalho.

"Eu acho que concordaremos que aquele que consegue inspirar os outros com a sua virtude é um sábio, e o que homem que pode partilhar da sua sabedoria com os outros é digno de respeito. Hsi Peng é precisamente esse tipo de homem. No entanto, um homem que despreza aqueles que não

estão de acordo com o seu padrão não ganhará o respeito dos demais, e um homem que nunca esquece ou perdoa os erros dos demais não lhes consegue conquistar o coração.

"Você não quererá que o seu principal conselheiro seja alguém que seja tão rígido com respeito à virtude que tudo pareça errado aos seus olhos. Você não quer um perfeccionista que só critica e nunca encoraja. De preferência, quererá alguém que seja capaz de apontar os problemas oportunamente e quando olhar para o lado e deixar as coisas passarem em branco. Uma pessoa assim não exigirá a perfeição dos seus súbditos, da sua família ou do seu rei. Tanto quanto posso ver, Hsi Peng está muito próximo desse ideal."

No final, o rei de Chi acatou o conselho de Kuan Chung e empregou Hsi Peng como seu primeiro-ministro.

Muitas pessoas diriam que Kuan Chung foi duro na avaliação que fez de Pao Shuia e não se lembrou do que o seu amigo tinha feito por ele. Mas Kuan Chung não era o tipo de homem que comprometesse a segurança de um país por causa de favores pessoais. Na verdade, Kuan Chung percebeu que a verdadeira amizade não depende de favores nem de uma avaliação positiva. É por isso que ele era sincero em relação às aptidões e ao carácter de Pao Shuia quando o rei lhe pediu conselho. Kuan Chung também estava certo de que seu o amigo entenderia a sua franqueza e não sentiria ofendido com a avaliação honesta que Kuan Chung fizera.

Por que as coisas aconteceram do jeito que aconteceram para Kuan Chung, Pao Shuya e Hsi Peng? Não foi porque Pao Shuia inicialmente favorecesse o seu amigo, nem por Kuan Chung ignorar o seu amigo no final da sua vida, nem por Hsi Peng ter sido favorecido. Foi por causa da amizade que Kuan Chung e Pao Shuia tinham um pelo outro. Nenhum deles poderia ter agido de outra forma. Foi por causa das suas habilidades que Kuan Chung foi escolhido num primeiro caso e Hsi Peng foi escolhido suceder a Kuan Chung.

No entanto, se o rei de Chi não tivesse sido um governante sensato e não tivesse escutado as palavras de sabedoria e razão, nenhum deles teria sido escolhido como primeiro-ministro. Se continuássemos a analisar a situação, poderíamos prosseguir indefinidamente e encontrar mais razões por que um foi escolhido e o outro não. E haveríamos de concluir que as coisas aconteceram do jeito que sucederam, em função da ocorrência de outras coisas que as levaram a acontecer. Assim, se alguém é favorecido ou negligenciado, empregue ou demitido, não é uma função do seu esforço nem mesmo do esforço de outra pessoa, mas porque muitos fatores se agrupam para que os eventos não se possam desenrolar de outra forma.

65 **Serão a ida e a morte uma questão de esforço ou de destino?**

TENG HSI era um oficial proeminente no estado de Cheng, que se deliciava repreensão dos outros e em ser defensor do diabo. Ele gostava de fazer declarações ambíguas que provocassem conflitos e contenção entre os administradores do governo.

Tzu Chan era um ministro que governava Cheng com punho de ferro. Preocupado com o aumento das actividades criminosas no estado, Tzu Chan adotou um código de regulamentos que exigia uma aplicação mais rigorosa da lei e da ordem. Administradores e cidadãos todos aprovaram essa nova legislação, excepto Teng Hsi, que criticou Tzu Chan e o seu novo código de lei. Isso deixou Tzu Chan extremamente irritado. Não só Teng Hsi o criticava, mas, como de costume, as afirmações de Teng Hsi provocaram argumentos e conflitos aos níveis superiores do governo. Logo, os funcionários do governo ficaram divididos em dois campos: aqueles que apoiavam Tzu Chan e aqueles que concordavam com Teng Hsi.

Um dia, sem aviso prévio, Tzu Chan fez com que Teng Hsi fosse preso e executado.

Teria precisado Tzu Chan de executar Teng Hsi? Teria Teng Hsi cometido um crime severo por que merecesse ser executado? Sob aquelas circunstâncias, Tzu Chan não teve outra escolha por saber o quão perigosa era uma influência perturbadora para um país que sempre fora ameaçado pela invasão e atormentado pela desordem interna. Por outro lado, conhecedor da resoluta regra de ferro de Tzu Chan, por que fez Teng Hsi de defensor do diabo e atraiu problemas a si mesmo?

Também podemos dizer que Teng Hsi não teve escolha por lhe ser natural criticar tudo e mais alguma coisa. Assim, não foi Tzu Chan quem matou Teng Hsi, nem Teng Hsi quem trouxe a morte sobre si próprio. As coisas não poderiam ter acontecido de outra forma, dadas as circunstâncias e as disposições naturais em que os dois homens se encontravam.

Na ordem natural das coisas, a vida e a morte não são algo que possamos controlar. É uma bênção poder viver e morrer no momento certo. Viver quando não é apropriado viver e morrer quando não é hora de morrer é castigo. Da mesma forma, não poder viver quando se deve viver e não poder morrer quando se deveria morrer é sofrimento. Mas, se vivemos e morremos no momento certo não é algo que possamos controlar. Em vez disso, é algo que acontece no contexto e em consequência de muitos outros eventos.

Os antigos dizem que as maneiras pelas quais as coisas acontecem são ilimitadas e incognoscíveis. Seguindo as leis da transformação no céu e na

terra, ilimitadas e incessantes, os ciclos de mudança ocorrem por si só. O céu e a terra e todas as coisas não podem ir contra essa ordem natural. A sabedoria dos sábios não pode modificá-la e os demónios não podem escapar-lhe. Todas as coisas vêm e vão sem a necessidade de um criador nem de um causador que faça com que aconteçam. Silenciosamente, a sua presença é reconhecida, harmoniosamente a sua existência é aceite e, pacificamente a sua partida é reconhecida.

66 **Um médico medíocre, um bom médico e um médico com engenho**

O AMIGO de YANG CHU ficou doente. Os filhos do homem aconselharam o pai a chamar um médico, mas o amigo de Yang Chu recusou. Após dez dias, a doença passou de mal a pior. Os filhos sentaram-se à cabeceira da cama do pai e choraram amargamente.

Um dia, Yang Chu foi visitar o amigo. Encontrando toda a casa de luto, disse: "Que choro todo é este?" O amigo suspirou e respondeu: "Os meus filhos são tão estúpidos! Por que não canta uma música que os desperte?"

Assim, Yang Chu cantou:
Se o céu não o sabe, como poderão mortais saber?
Se o céu não nos abençoar, chorar não vai ajudar.
Se todos chorarmos juntos,
Irá isso prolongar a vida e afugentar a morte?
Nem mesmo os médicos e xamanes operam milagres.

Mesmo depois de Yang Chu ter terminado a sua canção, os filhos ainda não conseguiam entender, pelo que foram e convidaram três médicos para ir examinar o seu pai.

O primeiro médico olhou para o doente e disse: "Você encontra-se doente por o yang e o yin se encontrarem em desequilíbrio no seu corpo. Enfraqueceu o corpo ao deixar de comer e dormir adequadamente, praticar muito sexo, e preocupar-se com muitas coisas. Dado um repouso e cuidados suficientes você deve poder recuperar."

O amigo de Yang Chu disse: "Este é um médico de capacidade média. Diga-lhe para sair de imediato."

O segundo médico examinou o doente e fez o seu prognóstico. "A sua doença é resultado de uma constituição fraca devida a uma nutrição insuficiente no ventre de sua mãe. Embora tivesse leite suficiente para o nutrir, depois que nasceu, os estragos estavam feitos. A sua doença não aconteceu da noite para o dia. É algo que se desenvolveu ao longo de um longo período de tempo. Não há muito que possa ser feito em relação a ela, agora."

O amigo de Yang Chu disse: “Este é um bom médico. Leve-o a jantar.”

O terceiro médico nem sequer examinou o amigo de Yang Chu. Ele simplesmente disse: “A sua doença não é causada pelo céu, o homem, nem pelos espíritos malignos. Cada um é dotado de vida ao nascer e esse curso de vida não é algo que se possa controlar ou dirigir. Dada a forma em que as coisas resultaram, nem mesmo o melhor dos remédios poderá ajudá-lo."

O amigo de Yang Chu foi muito satisfeito com esse médico, e disse: “Dê-lhe um rico presente. Ele é um médico genial!”

Logo depois, o amigo de Yang Chu recuperou sem qualquer tratamento.

Às vezes, se valorizarmos demais a vida, não poderemos preservá-la. Se nos apegarmos exageradamente à saúde, ficamos doentes. No entanto, se não cuidarmos de nós próprios em tudo, perderemos a saúde e a vida. Vida e morte, saúde e doença, benefício e prejuízo vêm por si só. Deixem que as coisas corram de acordo com o seu curso natural. Não tentem fazer com que as coisas aconteçam e não as impeçam de acontecer.

67 **Yang Chu fala sobre o Destino**

O MESTRE DE KING WEN disse-lhe: "No mundo natural, as coisas que são dotadas de dons do céu não são necessariamente mais aptas do que as que não são favorecidas. Da mesma forma, pessoas inteligentes não são necessariamente mais afortunadas do que as pessoas que não são inteligentes. Portanto, por que tentar estimar as vossas possibilidades de sucesso com base em vossas habilidades e talentos?"

Lao Tzu disse ao seu estudante Wen Tzu: "Não podemos dizer que uma pessoa que não é dotada seja detestada pelo céu. Por outro lado, quem conhecerá a vontade do céu? Talvez, ao deixar de lhe fazer chegar bênçãos, o céu a esteja a ajudar.

O irmão mais novo de Yang Chu descobriu que havia certas coisas que ele não conseguia entender. Assim, ele perguntou ao irmão: "Suponha que haja dois homens de igual idade, inteligência e maneiras. Digamos que eles se parecem mesmo, e que falam do mesmo jeito. Só que um é rico e o outro é pobre; um deles goza de uma vida longa e saudável e o outro morre jovem; um é respeitado por todos e o outro é desprezado. Poder-me-ás dizer por que um é favorecido e o outro não, embora ambos sejam dotados dos mesmos dons ao nascer?"

Yang Chu disse: "Os antigos têm muito a dizer acerca destas coisas. Deixe que tas explique e talvez depois de teres considerado a sua sabedoria, não se sintas tão confuso.

"Que duas pessoas com dotes similares ao nascer acabem com vidas muito diferentes é uma questão do desenrolar natural dos eventos a que se chama destino. Olha o mundo confuso, vê as multidões de pessoas que se esforçam por conquistar, e perceberás que não são nem felizes nem satisfeitas. Também precisarás fazer isso, por todos os outros o estarem a fazer? Se não te quiseres forçar, se não aceitares as normas sociais do sucesso e da realização, quem poderá deter-te? Do nascer ao pôr-do-sol, as pessoas andam numa correria, num frenesim. Será que isso garante que eles estejam mais abastadas do que tu se tu não fizeres o mesmo? O que te acontecer não é determinado pelo esforço, nem mesmo por nenhuma habilidade inata."

Vendo que o irmão ainda estava confuso, Yang Chu continuou: "Se tu aceitares a ordem natural das coisas, não te preocuparás com a possibilidade da tua vida ser longa ou curta. Se tu entenderes as leis do céu e da terra, não te preocuparás com as concepções de "certo ou errado." Se tu confiares em ti próprio, não importa que as condições sejam seguras ou perigosas. Se fores fiel a si próprio, não serás incomodado com as coisas que acontecem ao teu redor. Ganho ou perda, louvor ou culpa, aprovação ou reprovação, felicidade ou tristeza, raiva ou satisfação não te poderão podem afetar.

"O Imperador Amarelo disse certa vez que as pessoas iluminadas não questionam a razão por que vivem nem o que estão a fazer. Elas não são afectadas pelas acções e opiniões dos outros. Não vão contra a natureza natural das coisas e não fazem coisas que se oponham aos seus princípios. Aceitando o desenrolar natural dos eventos, elas podem ir onde elas quiserem e fazer o que precisar ser feito. Os pensamentos e as acções dos outros não terão qualquer efeito sobre elas."

À semelhança do irmão de Yang Chu, muitas vezes questionamo-nos por que as coisas acontecem da maneira que acontecem. E quando vemos as coisas acontecerem de modo contrário às expectativas que temos, ficamos frustrados ou desapontados. Na nossa ideia, duas pessoas com a mesma inteligência e aparência deverão conseguir realizações semelhantes quanto à carreira e à posição social.

E se não conseguirmos o sucesso, onde outros com as mesmas habilidades conseguem, será conveniente arranjar uma desculpa para ficar deprimidos e pensar que somos tratados de forma injusta. No entanto, se pudermos libertar-se desse modo de pensar e reconhecer que existem algumas coisas que simplesmente não podemos controlar, então enfrentaremos menos decepção, frustração, raiva e insatisfação nas nossas vidas.

68 **Não podemos conhecer as pessoas diferentes de nós**

Havia quatro pessoas que partilhavam da mesma casa. Elas comiam juntas, faziam o trabalho doméstico juntas e até distraíam juntas, porém, cada uma tinha uma personalidade muito diferente. Uma delas era estudiosa e séria, outra era imprudente, outra ainda era despreocupada e por fim a outra era exaltada. Embora tenham passado muito tempo juntas, elas faziam as coisas ao seu jeito e não se entendiam, pois cada uma afirmava ser mais inteligente que as demais.

Havia um outro grupo de quatro pessoas que também viviam juntas e faziam muitas coisas juntas. Elas também eram muito diferentes nas suas disposições. Um deles era loquaz e de conversa fácil, outra era franca e honesta, outra era teimosa e rígida, e a quarta era complacente e dada a ceder. Embora tenham vivido juntas por muito tempo, todas faziam as coisas do seu jeito e nunca se preocupavam por saber o que as outras faziam, pois cada uma delas afirmava ser mais habilidosa do que as demais.

Um outro grupo ainda de quatro pessoas dividiam a casa e passavam muito tempo juntas. Também elas diferiam muito umas das outras. Uma delas era esperta, outra era orgulhosa, outra ainda ficava em silêncio e a final era argumentativa. Elas também se metiam nos seus afazeres e nunca ouviam as outras, pois todas acreditavam ser mais talentosas que os outros.

Quatro outras pessoas viviam juntas. Uma delas era ordinária, outra era instável, outra era ousada e a quarta era tímida. Elas também faziam as coisas ao seu jeito e não queriam aprender umas com as outras. No fim das suas vidas, elas nunca se entenderam e todas se julgavam mais virtuosas do que as outras.

Havia um outro grupo de quatro pessoas com características diferentes que viveram na mesma casa por muito tempo. Uma delas era extrovertida e sociável, outra era confiante, outra era autoritária e a final era solitária. Apesar do tempo que passaram juntas, elas nunca chegaram a conhecer-se, pois cada uma afirmava conhecer a melhor maneira de tirar proveito das oportunidades.

Todas essas pessoas tinham disposições diferentes. À primeira vista, poderá parecer que elas eram snobes por não quererem entender as outras que tinham uma atitude diferente. Mas, por outro lado, se tivessem tentado, tê-lo-iam conseguido? Ou teriam reconhecido mutuamente as diferenças de maneira educada, fingido que se entendiam, e depois voltado a fazer as coisas à sua própria maneira?

Cada indivíduo é diferente e cada um segue o seu próprio caminho na vida. Por que não ser honesto e aceitar as nossas diferenças? Por que fingir que

entendemos quando não o fazemos? É uma ocasião rara dois indivíduos poderem comunicar-se directamente de mente e coração, como Po Ya o tocador de alaúde e o seu amigo Chung Tzu Chi, ou o mestre arqueiro Fei Wei e o seu aluno Chi-Chang, e os amigos Kuan Chung e Pao Shuia.

69 **Sucesso e Fracasso**

Aqueles que são bem-sucedidos muitas vezes não sabem de antemão que virão a ter sucesso. Aqueles que falham, muitas vezes, não sabem de antemão que virão a falhar. Por isso, por que desperdiçar tempo e esforço na antecipação do sucesso ou do fracasso quando isso só causará ansiedade e apreensão?

Se entendermos a natureza do sucesso e do fracasso, não ficaremos tristes se as coisas derem errado nem nos excederemos na alegria quando as coisas correm de feição. Não perturbados pelas oscilações emocionais, poderemos lidar de forma calma e composta com tudo o que vier ao nosso encontro.

Muitas coisas sucedem sem a nossa intervenção activa. Quando o impulso dos eventos é demasiado forte, a melhor coisa que podemos fazer é sair do caminho e não ser varridos por ele. Assim, conhecedores do papel que o destino tem no sucesso e no fracasso, os sábios sabem quando agir e quando deter-se.

Alguém que aceite o fluxo natural de eventos não será incitado pelo que estiver a ocorrer ao seu redor. Não responderá com raiva nem alegria, atracção nem repulsa, medo nem tranquilidade. Por outro lado, alguém que rejeite o fluxo natural dos eventos sempre se preocupará com o sucesso e o fracasso, o ganho e a perda, a aprovação ou a rejeição. Mesmo que vende os olhos ou coloque cera nos ouvidos, ainda sentirá tensão e ansiedade.

A vida e a morte são eventos naturais. As riquezas e a pobreza são o produto dos tempos. Só nos preocupamos se as nossas vidas virão a ser longas ou curtas, ou se seremos ricos ou pobres quando não entendemos que os acontecimentos vêm e vão por si sós e que a preocupação não os pode mudar.

Somente aqueles que aceitam o fluxo natural dos acontecimentos não ficarão preocupados com a vida e a morte nem ansiosos com o louvor ou a culpa. As pessoas inteligentes muitas vezes quererão calcular a probabilidade de sucesso e de fracasso antes de tomarem medidas. No entanto, as hipóteses que têm de sucesso geralmente não são muito diferentes das pessoas que não pensam em tais hipóteses. Portanto, as probabilidades, a possibilidade e momento oportuno são dependentes de outros eventos e das hipóteses de ocorrerem, e assim por diante, numa

cadeia interminável. As coisas acabarão do jeito que acabarem, independentemente das previsões que fizermos. Portanto, por que tentar prever e depois ficar preocupado com a precisão das nossas previsões?

Quando não antecipamos o sucesso e o fracasso, estaremos preparados para aceitar qualquer resultado. Não ficaremos extremamente radiantes se as coisas acabarem do jeito que quisermos, mas também não ficaremos a sentir-nos infelizes se as coisas correrem mal.

70 **O rei que era ávido em relação à vida e receava a morte**

O REI DE CHI andava a fazer turismo pelos Montes Ox. Com ele andavam os seus ministros e assistentes. Olhando para baixo da colina, o rei viu o seu país diante de si - a ampla extensão de campos férteis, as colinas de verde e amarelo, e os rios lentos e sinuosos. De repente, ele foi invadido pela tristeza e pela melancolia e suspirou: "Que bela terra! Que pena que eu tenha que morrer um dia deixar tudo isto! Se a morte não existisse, então eu deveria ficar com estes montes e rios para sempre! "Quando terminou de falar, as lágrimas rolavam-lhe pelas faces.

Dois oficiais que assistiam ao rei também começaram a chorar, e disseram ao seu mestre: "Meu senhor, mesmo nós, que apenas comemos arroz inferior e carne dura e viajamos em carruagens antigas, não queremos abandonar aquilo que temos. Quanto mais difícil não será para alguém como o senhor separar-se da sua fortuna!"

Como todos estavam a ficar cada vez mais deprimidos, o ministro principal, Yen Tzu, ria discretamente consigo próprio. O rei dirigiu-se para o seu conselheiro e disse: "Quando vi a beleza da terra diante de mim e percebi que eu tinha que me separar dela um dia, fiquei cheio de tristeza e chorei. Todos os meus subordinados partilharam do meu sentimento e choraram comigo excepto tu. Por que estás a rir?"

Yen Tzu disse: "Se todos vivessem para sempre, então os antigos reis ainda estariam por perto, e eles estariam a ocupar os seus tronos. Você, meu amo, não passaria de um cidadão vulgar que araria o campo e se preocuparia se teria o suficiente para comer. Dado isso, você provavelmente quereria morrer e não viver para sempre. Hoje você é rei de um país próspero, e ainda assim chora como um covarde que tem medo de morrer. Diante da visão de um idiota exortado por outros tolos, não posso deixar de me rir da loucura coletiva que isso representa!"

Quando o rei ouviu aquilo, ficou envergonhado. Pediu desculpas pelo comportamento que tinha adoptado e pela incapacidade de ser um exemplo para os seus subordinados.

Quando somos ricos, famosos e poderosos, não queremos morrer. Por outro lado, se formos miseráveis e sofredores, queremos morrer e abandonar tudo. Mas poderão a alegria ou a miséria durar para sempre? Há um ditado que diz: "Todas as celebrações devem terminar em qualquer altura." Todo desejo de viver para sempre ou de morrer imediatamente não passa muita vez de um capricho do momento.

Como saberemos se, embora estejamos felizes neste instante, não viremos porventura a estar tristes no dia seguinte, ou se estivermos tristes agora, virmos a sentir-nos felizes em breve? Dado que o bem e o mal, a fortuna e o infortúnio sobrevêm por si só, não devíamos apegar-nos à vida nem abraçar a morte. A vida e a morte por si só. Por que ser ávido em relação à vida e recear a morte?

71 **A morte não é uma perda**

Houve um homem cujo único filho morreu vitimado por uma doença repentina. Ele não lamentou a perda do filho, nem ficou triste com o sucedido. Os amigos ficaram curiosos em relação ao comportamento dele, de modo que lhe perguntaram: "O seu filho único está morto. Você deve sentir-se com o coração destroçado. Por que age como se nada tivesse acontecido?"

O homem respondeu: "Antes que meu filho chegasse, eu não tinha qualquer filho. Eu certamente não estava com o destroçado partido nessa época. Agora eu não tenho qualquer filho de novo. Por que eu deveria estar com coração destroçado agora?"

LIVRO SÉTIMO

YANG CHU

INTRODUÇÃO

Como não temos controlo sobre a vida e a morte, devemos aproveitar o nosso tempo na Terra. Por que curvar-nos às convenções sociais, por que fazer parte da luta pela riqueza material quando um dia morreremos, nos separaremos de tudo o que temos e seremos esquecidos? Esta é a essência da doutrina de Yang Chu, à semelhança da de Aristipo de Cirene com o seu *hedonismo* e Epicuro e o seu *epicurismo*.

Para Yang Chu, tudo é substituível e, por conseguinte, dispensável; Excepto o corpo. Assim, adverte ele que o corpo deve ser preservado a todo custo. Mesmo se alguém pudesse ganhar um reino e perder um cabelo, não valeria a pena. Se um reino não vale um fio de cabelo, então a fama e a fortuna não valem a perda da saúde física e do bem-estar mental.

Nomes, títulos, posição social e reputação é tudo vazio. Não devemos sacrificar o nosso precioso tempo na Terra com conquistas tão vazias. No entanto, Yang Chu não promove o ascetismo. Para ele, não há nada de errado em gozar de abundância e de conforto. Nós só nos destruímos quando escalamos a escada social às custas da felicidade.

72 **Um nome não representa nada e os títulos são destituídos de sentido**

YANG CHU viajava pelo reino de Lu e foi hospedar-se em caso do amigo Meng.

Um dia, Meng perguntou a Yang Chu: "Por que as pessoas não se satisfazem com aquele que são? Por que buscam elas o reconhecimento social?"

Yang Chu disse com naturalidade: "O reconhecimento social pode ajudá-las a enriquecer."

"Mas, e por que é que depois que elas enriquecerem, ainda não se sentem satisfeitas?"

"Depois de conquistar a riqueza, você quererá o poder político."

"Mas quando elas obtêm poder político, eles ainda não se sentem satisfeitoas."

"Então, querem ter certeza de que as coisas estarão em ordem quando elas morrerem."

"Quando morrermos, iremos abandonar tudo. Qual o uso do planeamento para as coisas que vierem a suceder subsequentemente?"

"Elas preocupam-se com o futuro dos seus netos."

"Como um nome e um título poderão afectar o bem-estar dos seus descendentes?"

Yang Chu explicou: "As pessoas pensam que se deixarem uma boa reputação, então os seus descendentes serão respeitados. No entanto, na maioria das vezes, as pessoas que deixam um bom nome são aquelas que se sentem cansadas de corpo e mente, mas viveram uma vida honesta. A honestidade e a riqueza não costumam andar lado a lado. Assim, o homem honesto que é socialmente reconhecido como uma pessoa virtuosa é muitas vezes pobre. Da mesma forma, uma pessoa humilde pode conquistar o respeito na sua comunidade, mas não será elevada a uma posição nem ao poder político.

"Assim, confrontamo-nos aqui com um paradoxo. Honestidade e humildade não lhes darão poder nem posição, embora possa trazer-lhes reputação. Por outro lado, para ser rico e poderoso, precisam sacrificar honestidade e humildade e talvez perder a vossa reputação de pessoas virtuosas. Muitas pessoas passam as suas vidas presas nesse dilema."

Meng pensou que tinha entendido Yang Chu, pelo que disse: "Eu acho que entendo o que quer dizer. Olhe para Kuan Chung. Quando ele era primeiro-ministro de Chi, ele era devasso quando o rei se mostrava devasso e extravagante quando o rei se mostrava extravagante. O ministro e o seu amo eram afins de mente e coração.

Assim, Kuan Chung deu-se muito bem com o rei e tornou-se o segundo homem mais poderoso do país. Mas hoje, os seus descendentes não são mais respeitados que o cidadão comum. Por outro lado, outro ministro chamado Tien Heng era humilde quando o seu rei se mostrava arrogante, generoso quando o rei se mostrava ganancioso. Ministro e amo nunca se deram bem, mas a sua popularidade conquistou o coração das pessoas e elas tornaram-no rei. Agora, os seus descendentes desfrutam da prosperidade do reino dos Chi.

"Portanto, o homem que agora tem poder pode não deixar um bom nome para trás, mas o homem que agora possa ser pobre pode acabar deixando uma boa reputação mais tarde".

Yang Chu disse: "Não chegou ao que eu queria dizer. Não é que por serem humildes e pobres agora venham a obter o reconhecimento mais tarde, nem que por serem poderosos agora venham a deixar um nome ruim. As pessoas pensam que, ou conquistam já o poder e o reconhecimento social e abrem mão de um bom nome para sempre, ou sofrerão e se sacrificarão agora e receberão um bom nome mais tarde.

Eu digo que nada disso vale a pena. Os antigos diziam que um nome não significa nada e que os títulos são vazios. Você acha que os imperadores Yao e Shun abdicaram por serem virtuosos? A sua reputação realmente sofreu um incremento depois que eles perderam a realeza. Se não houvesse nada a ganhar, eu aposto que nenhum deles teria abdicado. Agora, acha que ter uma boa reputação ou um bom nome na história tenha que ver com ser virtuoso? Não só não vale a pena perseguir uma reputação, como realmente não faz sentido.

"Observe os eremitas Po Yi e Shu Chi. Eles se recusaram a servir um senhor inimigo e morreram de fome nas montanhas. Ambos tornaram-se heróis e foram considerados homens de integridade e de virtude. No entanto, eles perderam as suas vidas e as suas terras, e os seus descendentes foram destituídos. Nesse caso, a reputação desses dois homens nada fez para ajudar filhos e netos."

Se quiser conquistar um nome e um título, precisa sacrificar a sua integridade e humildade. Se você quiser ser sincero e honesto, você não receberá muito reconhecimento social. Às vezes, ter um nome acarreta ansiedades e encargos de responsabilidade. Assim, as pessoas que têm poder e posição social muitas vezes não são livres para fazer o que querem. Por todos os observarem, eles têm que se comportar da maneira que se espera da sua reputação. Basta um erro para que percam a reputação de que gozam, duramente merecida. Elas não são propriamente as mais felizes das pessoas.

Por outro lado, alguém sem posição social e sem reputação para defender pode ser uma pessoa mais livre e feliz. Porquê, pois, trabalhar tão duro para merecer o reconhecimento social quando só diminuirão a vossa liberdade e felicidade?

73 **Vida – Permanência temporária no mundo; Morte - Saída Temporária**

YANG CHU DISSE:

"Se você viver até os cem anos, será considerado que viveu uma vida longa. No entanto, apenas uma em cada mil pessoas é sortuda assim. Mas se pegarmos numa pessoa que tenha vivido cem anos e olharmos o tempo

que tenha gasto na sua vida, perceberemos que cem anos não é uma vida longa. Desses anos, a infância e a velhice levam pelo menos metade do tempo. Além disso, metade do dia ela passa-o a dormir. Sem mencionar as horas durante o dia que ela passa na ociosidade. O que deixará isso? Além disso, se reduzirmos os momentos em que ela fica doente, triste, confusa, a sofrer e em que não se sente bem, não terá muito tempo para que possa desfrutar ou ser livre.

"Algumas pessoas pensam que podem encontrar satisfação na boa comida, nas roupas finas, na música animada e no prazer sexual. No entanto, quando conseguem todas essas coisas, elas não ficam satisfeitos. Eles percebem que a felicidade não está simplesmente em ver as suas necessidades materiais atendidas. Assim, a sociedade criou um sistema de recompensas que vai além dos bens materiais Ele inclui títulos, reconhecimento social, posição e poder político, tudo embrulhado por um pacote chamado realização pessoal.

Atraídos por esses prémios e estimulados pela pressão social, as pessoas passam as suas curtas vidas a cansar corpo e mente na perseguição desses objectivos. Talvez isso lhes dê a sensação de terem conseguido algo nas suas vidas, mas, na realidade, eles terão sacrificado muito na vida. Elas não conseguem mais ver, ouvir, agir, sentir ou pensar com base nos seus corações. Tudo o que elas fazem é ditado pelo que lhes possa angariar ganhos sociais. No final, eles terão passado as suas vidas a seguir as demandas dos outros e nunca terão vivido uma vida própria. Que diferença fará isso da vida de um escravo ou de um prisioneiro?

"Os antigos entenderam que a vida não passa de uma estadia temporária neste mundo, e a morte é uma partida temporária. No curto espaço de tempo que permanecemos aqui, devemos dar atenção às nossas próprias vozes e seguir os nossos próprios corações. Por que não ser livre e viver a sua própria vida? Por que seguir as regras de outras pessoas e viver para agradar aos outros?

Quando algo agradável vem a vós, vocês deviam apreciá-lo por completo. Não se deixem aprisionar pelo nome nem pelo título, pois as convenções sociais podem levá-los para longe da ordem natural das coisas. Não importa que venham a ser lembrados pelas gerações futuras, porque vocês não irão estar lá para o ver.

"Por que gastar a vossa vida a deixar que os outros os manipulem apenas para obter um nome e reputação? Por que não deixar que a vossa vida seja guiada pelo vosso próprio coração e viver sem os fardos da fama e do reconhecimento?"

74 **Na vida pode haver diferenças; Na morte, tudo é o mesmo**

MUITÍSSIMAS COISAS poderão ser diferentes na vida, mas na morte elas serão o mesmo.

Algumas pessoas nascem em famílias ricas; outras nascem pobres. Alguns nascem inteligentes; outros nascem estúpidos. Alguns nascem na nobreza; outros nascem como cidadãos comuns. Enquanto eles vivem, eles são diferentes. Mas quando eles morrem, todos se reduzem a uma pilha de ossos e de carne em decomposição.

Viver ou morrer, ser inteligentes ou estúpidos, não é algo que possamos controlar. Não podemos escolher nascer, nem poderemos escolher não apodrecer quando morrermos. Nós não somos responsáveis pela nossa inteligência ou estupidez, nem temos qualquer voz no tipo de ambiente em que nascemos. Tudo isso vem por si só e é uma questão de destino. Assim, na vida, somos diferentes por causa dos diferentes destinos que temos.

Há, no entanto, uma coisa que todos temos em comum: a morte. Alguns poderão viver até os cem anos; Outros poderão morrer após dez anos de vida. Mas, independentemente de quanto tempo vivermos, iremos morrer. As pessoas virtuosas morrem; os criminosos morrem. Quando vivos, os virtuosos podem ser respeitados, mas na morte eles não passam de uma pilha de ossos secos.

Da mesma forma, os ímpios podem ser abominados em vida, mas na morte também eles não passam de uma pilha de ossos. As pessoas famosas após a morte são uma pilha de ossos; os desconhecidos são outa pilha de ossos após a morte. As diferenças são vistas ou lembradas no máximo durante cem anos, mas depois disso, uma pilha de ossos é exatamente igual à outra.

Dada a curta e transitória natureza da vida, devemos aproveitá-la melhor. Aproveitá-la enquanto podemos. Por que preocupar-se se irão deixar um bom nome quando tudo o que resta de vós é uma pilha de ossos secos?

75 **As Riquezas podem prejudicá-los, mas a Pobreza também**

HAVIA UM POBRE HOMEM que acabou por morrer de fome por causa da pobreza. Havia um homem rico que prejudicou o corpo e fatigou a mente porque se forçar demasiado com a tentativa de ficar mais rico.

Assim, as riquezas podem prejudicá-los, mas a pobreza também pode. Qual será, pois, a melhor maneira de viver?

Uma vida boa é uma vida satisfeita com suficiência de meios e prazer adequado. Se forem muito ricos, vocês ficarão sobrecarregados com a riqueza, porque com a riqueza vêm as complexidades da gestão, e da

administração vem a ansiedade de ganho e perda. Por outro lado, se forem muito pobres, vocês não terão o suficiente para comer nem roupas que os aqueçam nem lazer. Assim, vocês labutam se forem muito ricos, e vocês labutam se forem muito pobres. Esses são dois extremos que devemos evitar.

Se você não tiverem o suficiente para comer, tratem de obter o suficiente para comer. Se não puderem aquecer-se no inverno, tratem de obter roupas suficientes. Se não tiverem tempo para se divertir, tratem de obter tempo de lazer. Mas quando tiverem o suficiente, devem parar. Se continuarem a trabalhar para obter pratos requintados, um grande guarda-roupa e mais férias, vocês acabarão por não ter tempo para as apreciar, porque sempre estarem a trabalhar para obter o dinheiro para essas coisas.

76 **Cuidar de si próprio**

YEN-TZU PERGUNTOU A KUAN CHUNG o que os antigos queriam dizer com "cultivar a vida."

Kuan Chung respondeu: "Cultivar a vida é cuidar de si mesmo. Significa viver livremente e não colocar restrições em si próprio."

"Pode explicar melhor isso?"

"Deixe que os seus olhos vejam o que eles vêem, não o que os outros querem que veja. Deixe que seus ouvidos ouçam o que eles naturalmente ouvem, e não o que os outros querem que ouça. Deixe que a sua boca diga o que pensa livremente e não se restrinja com a aprovação ou reprovação dos outros. Deixe que a sua mente pense o que quer pensar e não deixe que as exigências dos outros lhe ditem as ideias. Se os vossos sentidos e a vossa mente não estiverem autorizados a fazer o que querem de forma natural, vocês estarão a negar os ossos direitos.

Quando não conseguem pensar, perceber, sentir ou agir livremente, o vosso corpo e mente serão prejudicados. Rompam com essas formas de opressão, e vocês cultivarão a vida. Quando puderem cultivar a vida, então vocês poderão aguardar pacificamente a morte. Ser capaz de escapar dessas formas de opressão por um dia é melhor do que viver cem anos preso a eles."

A seguir Kuan Chung disse a Yen-tzu: "Agora que eu falei sobre o cultivo da vida, o que poderá dizer-me sobre o cuidar da morte?"

Yen-tzu disse: "No que me diz respeito, cuidar da morte não é coisa que exija muita coisa. Ela vem quando vier."

Quando Kuan Chung apertou mais com ele, Yen-Tzu disse: "Quando eu estiver morto, não terei noção de nada. Por isso, na verdade não importa que me jogue no mar, ou que me deixe ao ar livre, que me arraste por uma vala ou que me enterre numa sepultura. Eu não saberei se me terá vestido com roupas caras de enterro ou se me terá embalado em sacos de serapilheira. Por que preocupar-se com o que acontece depois que morremos?”

Kuan Chung voltou-se para o seu amigo Pao Shuia e disse: "Entre Yen-tzu e eu, nós dissemos tudo o que há a dizer sobre o modo de viver e a maneira de morrer."

Enquanto vivem, contentem-se e conheçam o suficiente. Quando morrerem, não haverá necessidade de cofres caros nem de funerais elaborados. Assim, vivam uma vida de satisfação e tenham uma morte simples.

77 **Um louco ou um homem iluminado?**

TUAN MU SHU era um homem extremamente rico. Era o descendente de Tzu Kung, que foi um estudante de Confúcio e um empresário bem-sucedido. Tuan Mu Shu herdou uma grande fortuna dos antepassados e não estava interessado em trabalhar. Ele gostava da boa vida e seguia onde a sua fantasia o conduzisse.

Ele mandou construir uma grande mansão com os melhores materiais e decorada pelos artesãos mais habilidosos. Ele comia dos melhores alimentos e vestia roupas da mais alta qualidade. Ele viajava em carruagens confortáveis e sempre era acompanhado por belas cortesãs.

Tuan Mu Shu perseguia tudo quanto lhe excitasse seus sentidos, despertasse a curiosidade e estimulasse a mente. Ele colecionava artefactos raros e tesouros de países estrangeiros. Ele viajava para lugares exóticos. Ele era entretido pelos melhores músicos e dançarinos da época. Ele não negaria nada a si próprio. Era rico e extravagante e era invejado por reis e nobres.

Ao contrário da maioria das pessoas ricas, no entanto, Tuan Mu Shu nunca foi avarento com o seu dinheiro. Ele era generoso e gastava livremente com os demais, bem como consigo próprio. Ele dava grandes festas regularmente e convidava centenas de pessoas para desfrutar da melhor comida e do melhor entretenimento. Ele também compartilhava a sua riqueza com parentes, amigos, vizinhos e até pessoas que ele não conhecia. A sua generosidade era tão grande que na cidade onde morava nem nas aldeias vizinhas não havia uma pessoa carente.

Quando Tuan Mu Shu chegou aos sessenta anos e a sua saúde começou a falhar, ele distribuiu todas as suas posses, não deixando nada para os filhos e netos. Dentro de um ano, o homem rico tornou-se pobre e quando adoecia nem se podia dar ao luxo de chamar um médico. Quando ele morreu, os filhos não tiveram dinheiro para o enterrar. Felizmente, para os seus descendentes, as pessoas que tinham beneficiado da generosidade de Tuan Mu Shu recolheram fundos e deram-lhe um enterro digno e devolveram alguma riqueza à família.

Quando um erudito proeminente ouviu falar sobre isso, disse: "Tuan Mu Shu foi um louco. Tzu Kung teria dado voltas na sua tumba se soubesse disso."

Outro filósofo comentou: "Tuan Mu Shu foi um homem iluminado. Ele até superou o seu antepassado Tzu Kung."

Tuan Mu Shu foi um louco ou um homem iluminado? Se o julgarmos pelas normas sociais, então parecerá que Tuan Mu Shu tenha sido realmente um louco. Ele abandonou a família, não se preocupou com o bem-estar de seus descendentes, e desbaratou a sua riqueza. Mas, depois, Tuan Mu Shu foi sincero em tudo o que ele fez. Não usou de pretensões, nem armou intrigas, e as suas ações foram feitas sem segundas intenções. Ele seguiu os ditames do coração e não se deixou restringir pelas convenções sociais. Ele divertiu-se livremente, *doou livremente,* e nunca fez nada que fosse contra a sua natureza.

78 **Que é que prejudica mais a saúde - o prazer irrestrito ou trabalho duro obsessivo?**

TZU CHAN, PRIMEIRO-MINISTRO do reino de Cheng, teve dois irmãos. Enquanto ele empregou as suas energias no fortalecimento do país e na redução do crime e da desordem, os dois irmãos entregaram-se a tudo o que lhe satisfazia os sentidos.

Um dos irmãos tinha uma cervejaria e um grande armazém na parte de trás de sua mansão, onde armazenava milhares de jarros de vinho. Conseguia-se sentir o cheiro de fermento a um quarteirão de distância. Ele bebia fortemente, e, quando ficava bêbado, ele ficava inconsciente de tudo o que o rodeava. Ele não se importava se havia paz ou guerra nem que a sua a casa fosse saqueada. Ele não conseguia reconhecer amigos e parentes, e perdia toda a preocupação com a vida ou a morte.

O outro irmão tinha uma dúzia de quartos na casa onde ele mantinha um grupo de jovens lindas. Muitas vezes ele visitava o seu harém e fazia amor a noite toda sem se sentir satisfeito quando a manhã chegava. Quando ele se sentia sexualmente excitado, ele passava meses com as mulheres, nem

sequer se dar ao incómodo de sair ao encontro dos amigos e dos parentes ou de cuidar do negócio familiar. Quando ele se deleitava nos seus prazeres sexuais, ele ficava inconsciente do mundo exterior. Não importava que o país estivesse em guerra ou em paz ou se a sua casa fosse vandalizada ou assaltada.

Tzu Chan ficou muito preocupado com o estilo de vida dos seus irmãos. Assim, ele foi conversar com Teng Hsi, um colega que era estadista que, embora por vezes fosse sarcástico e malvado, era conhecido pelas profundas que fazia e pelas observações e capacidade de resolução de problemas que demonstrava.

Tzu Chan disse: "Estou preocupado com os meus dois irmãos. Diz-se que um homem não é digno de governar um estado se ele não conseguir ter ordem na sua família. Como podes ver, as novas leis e reformas estão a funcionar muito bem agora, mas os meus assuntos de família estão numa bagunça. Podes sugerir-me alguma coisa que faça com que meus dois irmãos irresponsáveis se comportem de maneira mais adequada?"

Teng Hsi respondeu: "Eu também notei os comportamentos deles, e eu interroguei-me quando irias fazer alguma coisa em relação a isso. Eis o que eu sugiro. Encontra uma boa oportunidade para lhes falares sobre a necessidade de colocarem as suas vidas em ordem. Diz-lhes que o que estão a fazer é prejudicar a sua saúde. Talvez isso os convença a mudar os seus estilos de vida."

Um dia, Tzu Chan encontrou os irmãos juntos. Aproveitando essa oportunidade falou-lhes sobre as suas vidas.

"O céu talhou-nos acima dos animais com dignidade e inteligência. Por isso, é nosso dever viver de acordo com essas expectativas e comportar-nos de acordo com a posição que temos na sociedade. Se só viverem para satisfazer os sentidos, vocês não serão mais do que animais. Além disso, o vinho e o sexo podem prejudicar-lhes a saúde, e um dia vocês irão dar por vós fracos e gastos em razão dos prazeres. Deixem de se prejudicar, tornem-se cidadãos responsáveis e eu dar-lhes-ei uma posição no governo."

Os irmãos de Tzu Chan disseram:

"Nós sabemos que o vinho e o sexo prejudicam a saúde. Mas também sabemos que a vida é curta, e queremos aproveitar tudo o que pudermos agora. Tu, por outro lado, suprimes o que deseja fazer para manteres a tua posição e o teu poder. Tu afadigas-te de corpo e mente dia e noite. Isso não prejudicará a saúde, não te envelhecerá e não te fará ficar fraco e gasto? Sentes-te está orgulhoso de tuas conquistas e queres que nos conformemos

às tuas crenças. Queres seduzir-nos com títulos e poder político, mas sabemos que essas coisas só trazem obrigações e problemas.

"Dizes que os nossos estilos de vida são embaraçosos e que nos queres reformar. Deixa que te digamos igualmente alguma coisa. Podes ser primeiro-ministro, e o país pode parecer que esteja em ordem. Mas olha bem para ti próprio. Está cansado e abatido. Tens danificado o teu corpo e a tua mente, com a ansiedade de manteres o país em ordem. Para manteres a tua reputação, prejudicaste o teu coração por meio da supressão das tuas inclinações naturais.

Mantiveste a lei e a ordem, mas não conquistaste o coração das pessoas. As pessoas aceitam as tuas regras por te temerem, e não por te respeitarem. Nós, por outro lado, podemos ser selvagens e indisciplinados, mas somos fiéis a nós mesmos. Nós nunca adoptamos afectação alguma para obtermos respeito. Nós nunca ter nos envolvemos na política suja nem prejudicamos outras pessoas com traição e intriga. Podes dizer isso de ti próprio? Se não puderes, então não somos nós quem deve acatar o teu conselho, mas tu quem deves acatar o nosso!"

Tzu Chan não sabia o que dizer. Mais tarde, ele viu Teng Hsi e contou-lhe todo o incidente. Teng Hsi disse: "Tens vivido com homens esclarecidos e nem sequer sabias disso."

Conforme a história nos diz, Tzu Chan teve que matar Teng Hsi para silenciar as suas críticas destrutivas. Cheng tornou-se num estado poderoso por um tempo, mas depois da morte de Tzu Chan enfraqueceu e acabou por ser conquistado por um vizinho mais poderoso. Ao próprio Tzu Chan não foi dada uma imagem muito boa pelos historiadores posteriores, mas nada foi ouvido sobre os seus dois irmãos, pois eles não foram nem elogiados nem condenados pela história.

79 **Todos deverão morrer em qualquer altura**

ALGUÉM PERGUNTOU A YANG CHU: "O que pensa das pessoas que rezam pela imortalidade?"

Yang Chu respondeu: "Todos devem morrer em qualquer altura. Orar não ajudará."

"Que tal pedir por uma longa vida, então?"

"A vida e a morte seguem o seu próprio curso. Não é algo que possamos pedir, esperar ou controlar. Mesmo se tomemos todas as precauções necessárias para preservar a vida, não é garantido que a mantenhamos. Além disso, a alegria e a tristeza, o ganho e a perda, a guerra e a paz, o

bom governo e o governo ruim repetem-se ao longo da história. Por que viver uma centena de anos para ver as mesmas coisas a ocorrer?"

"Se a vida é uma experiência tão ruim, por que não matar-nos e acabar com a vida cedo?"

"Esse também não é o caminho a seguir. Quando se vive, deve-se aceitar a vida e deixá-la seguir o seu curso. Quando se morre, deve-se aceitar a morte e entrar nela de forma pacífica. A vida e a morte vêm por si mesmas. Devemos deixá-las seguir o seu curso e não tentar acelerá-las nem atrasá-las.

80 **Sacrificaria uma mecha de cabelo em benefício do mundo?**

YANG CHU DISSE: "O sábio Po Cheng Kao Tzu não sacrificaria o seu corpo nem a sua mente em beneficio do mundo, razão por que se tornou um eremita e viveu uma vida de paz e de satisfação. O rei Yu sacrificou tudo para ajudar o mundo. Ele angariou o respeito de toda a gente, mas ficou paralítico para resto da vida. Os antigos diziam que se as pessoas não sacrificassem um único fio de cabelo para salvar o mundo, então o mundo seria um lugar muito menos complicado."

Alguém então perguntou a Yang Chu: "Se arrancar um fio de cabelo do seu corpo pudesse ajudar o mundo, você faria isso?"

Yang Chu disse: "O mundo não pode ser ajudado por nenhum pedaço do meu cabelo."

"Mas suponha que poderia. Você faria isso?"

Yang Chu não respondeu.

Algum tempo depois, este inquiridor conheceu um dos amigos de Yang Chu e levantou o assunto.

O amigo de Yang Chu disse: "Você não entende a questão. Deixe que lhe pergunte o seguinte: Você cortaria um pedaço de carne do seu corpo se, ao fazê-lo, você obtivesse dez mil peças de ouro?"

"Eu acho que sim."

"Se, no entanto, pudesse ganhar um reino perdendo um braço, você faria isso?"

O inquiridor ficou em silêncio.

Então, o amigo de Yang Chu disse: "Um fio de cabelo não é nada comparado a um pedaço de carne, e um pedaço de carne é insignificante em comparação com um membro. No entanto, muitos pedaços de cabelo compõem o seu couro cabeludo, e muitos pedaços de carne compõem um membro. Qual é o número de cabelos que considera suficientes para formam um couro cabeludo e quantos pedaços de carne é que considera suficientes para formar um braço? Cada parte do seu corpo é tão importante quanto qualquer outra. Por que pensar que algumas peças sejam dispensáveis?"

O inquiridor disse: "Eu não posso discutir isso consigo. Se levarmos o assunto a Lao Tzu e a Wen Tzu, eles provavelmente dirão que você está certo. No entanto, se levassemos o assunto a Mo Tzu ou a Yu, eles concordariam comigo."

Não é que o Confucionista altruísta se sacrificasse para o maior benefício da humanidade enquanto o Taoista egoísta não o fizesse. Yang Chu é muitas vezes mal interpretado nesta questão. O que Yang Chu está a dizer é que muitas vezes pensamos que podemos mudar o curso das coisas sacrificando uma coisa ou outra. Ao pensar que os nossos esforços possam fazer a diferença, podemos ter criado desordem em vez de ajudar. Se não estivéssemos tão ansiosos por sermos heróis e por nos sacrificarmos "para melhorar as coisas," as coisas poderíamos deixar que seguissem o seu curso, e talvez houvesse menos problemas no mundo.

81 **Governar um país é como cuidar de um rebanho de ovelhas**

YANG CHU DISSE AO REI DE LIANG: "Governar um país é muito simples. É tão fácil como virar as coisas na palma da mão."

O rei disse: "Não consegue nem gerir os seus assuntos familiares ou limpar as ervas daninhas do seu jardim. Como pode aconselhar-me sobre o governo do meu país?"

Yang Chu não se sentiu intimidado, e disse: "Você já viu um pastor a trabalhar? Ele consegue controlar várias centenas de ovelhas, fazendo com que uma criança as espicace delicadamente por trás com uma vara de bambu. Todo o rebanho se moverá na direcção em que ele quer que elas sigam. Por outro lado, se tentarmos conduzir cada ovelha isoladamente, não seremos capazes de mover o rebanho.

"Eu também ouvi dizer que os peixes que conseguem engolir um barco não nadam em rios pequenos, e que os pássaros que voam alto não pousam em pequenas lagoas. Porquê? É porque somente espaços abertos podem equiparar-se à estatura e ao poder desses animais. Da mesma forma, a música majestosa não é apropriada para pequenos eventos, nem uma faca

pequena pode esfolar um animal grande. Assim, aqueles que se propuserem governar uma nação não se preocupam com tarefas triviais, e aqueles que querem ser bem-sucedidos nas grandes empresas não desperdiçam o seu tempo com pequenas façanhas."

82 **As coisas não são tão permanentes quanto pensamos que sejam**

As coisas que sucederam na antiguidade encontram-se agora esquecidas. As coisas que aconteceram há dez mil anos atrás são mais lendas do que factos. Os eventos ocorridos há cinco mil anos são mais um sonho do que uma realidade. Ainda podemos manter uma lembrança do que aconteceu há mil anos, mas a maioria dos eventos está esquecida. Na verdade, constitui uma grande conquista recordar coisas que aconteceram há cem anos. Mesmo as testemunhas oculares têm dificuldade em recordar o que viram há cinquenta anos.

Muito ocorreu entre os tempos antigos e o presente. Surgiram e desvaneceram-se sábios e tiranos. Gente inteligente, gente tola, gente gentil, pessoas cruéis, pessoas boas, pessoas maldosas, todas fizeram pequenas aparições pela história e depois desapareceram. Nós não sabemos quem foram nem o que fizeram, e muito menos a posição e o lugar que ocuparam na sociedade. A vida é curta. Por que prejudicar-se para conseguir coisas como nome e reputação quando sabemos que dentro de cinquenta anos, não seremos diferentes de ninguém? Por que sacrificar a nossa felicidade e paz de espírito correndo atrás de algo efémero e transitório?

De todas as criaturas, os seres humanos são considerados as mais inteligentes. No entanto, somos atormentados pela felicidade, pela raiva, pela tristeza e pelo medo. Nós não temos dentes afiados nem garras para caçar presas. Nós não temos pelos nem penas para nos manter aquecidos. Não conseguimos correr rápido para escapar aos predadores, e a nossa pele não é suficientemente resistente para nos proteger se formos atacados. Precisamos depender de outras fontes para obtermos abrigo, roupas, alimentos e armas.

A nossa inteligência não nos torna privilegiados. Cada espécie é dotada de uma habilidade única. Nós temos inteligência, os pássaros têm penas e os peixes têm brânquias. Usar a inteligência para atender às nossas necessidades básicas e conforto é apropriado; usá-la para prejudicar os outros é ir contra a ordem natural das coisas. E a inteligência é transitória. à semelhança da pele, dos ossos e da carne, ela desaparece quando morremos.

O tempo de que dispomos na Terra é curto. Não somos senhores das nossas vidas. Nós chegamos a existir quando as energias yin e yang

interagem, e desaparecemos quando elas se separam. Assim, se quisermos dar por nós vivos neste mundo, devemos deixar que esta vida siga o seu curso. Não nos apeguemos a ela, mas também não a desperdicemos. Façamos o melhor uso do nosso tempo que pudermos, agora. Se este corpo de carne e sangue é impermanente, quanto mais não o serão as coisas não intangíveis como o nome, o título e a reputação?

83 **Longevidade, Fama, Posição Social e Riqueza**

PESSOAS CONDUZEM-SE ao esgotamento por quatro coisas - pela longevidade, pela fama, pela posição social e pela riqueza. No entanto, elas não sabem que essas quatro coisas só trazem problemas e ansiedade. Quando temos longevidade, teremos medo que espíritos malignos ou circunstâncias incontroláveis no-la retirem. Quando temos fama, ficamos ansiosos por a nossa reputação ser prejudicada por pessoas que nos invejam. Quando temos posição social, ficamos preocupados com o facto de uma mudança na política no-la poder tirar. Quando temos riqueza, ficamos com receio de ser roubados.

Somente aqueles que enxergam através das ilusões da longevidade, da fama, da posição social e da riqueza não são sobrecarregadas pela ansiedade e pelo medo. Se não houver nada em jogo, não teremos nada com que nos preocupar. Se não ansiarmos pela longevidade, então não teremos medo de morrer. Se não nos importarmos com a fama, então não nos preocuparemos com a forma como nos apresentamos aos outros. Se não estivermos interessados na posição social, então não seremos incomodado com o que outras pessoas pensam de nós. Se não formos possessivos em relação ao dinheiro, então não esgotaremos corpo e mente para o acumularmos. Não teremos necessidade de invejar os outros, e poderemos seguir os nossos próprios princípios e ser fiéis a nós mesmos.

Os antigos dizem: "Se não houvesse coisa como o casamento ou o poder político, os desejos das pessoas seriam cortados pela metade. Se não houvesse necessidade de comer nem de se vestir, então os governantes e os governos seriam supérfluos." Assim, os sábios da antiguidade aconselhavam-nos dizendo que o poder, a posição, a riqueza e a ânsia de longevidade só geram problemas. Se as pessoas se contentarem em viver uma vida simples mas confortável, não haverá competição. Quando não há concorrência, pode-se permitir que as coisas sigam o seu curso natural.

Há um velho ditado que diz: "Façam um agricultor sentar-se o dia todo e deixá-lo-á louco." É natural que um fazendeiro cuide dos campos e trabalhe do nascer ao pôr-do-sol. Ficar cansado depois de um dia de trabalho, comer uma refeição simples e nutriente e dormir profundamente à noite são coisas com que ele se acha acostumado. Se o colocarmos numa cama de penas, e

lhe dermos alimentos requintados que não o encham, e fizermos com que fique sentado o dia todo, isso equivalerá a matá-lo.

Havia uma história sobre um fazendeiro que não podia comprar um casaco de peles. No inverno ele sentia frio, mas quando a primavera chegava e o sol brilhava sobre o pescoço e os braços dele, ele achava que era uma felicidade. Assim, ele foi aos amigos e disse: "Ninguém sabe o quanto é bom ter o sol a aquecer-nos as costas. Preciso apresentar este segredo ao rei. Ele irá certamente recompensar-me bem pela minha descoberta." Quando os vizinhos dele ouviram isso, riram dele e disseram: "Tu és exactamente como aquele homem que apresentou favas, batatas e raízes aos dignitários, pensando que as apreciassem como iguarias. Mas quando os ricos provavam esses alimentos, ficaram com os estômagos perturbados e puniram o fazendeiro pelo artifício maldoso."

Aqueles que encaram a fama, a longevidade, a posição e a riqueza como objectivo na vida nunca experimentarão a simples felicidade e satisfação. E aqueles que são felizes e despreocupados não quererão trocar a liberdade pelos problemas associados ao sucesso social.

Os antigos dizem: "É melhor comer uma refeição simples do que receber comida do prato de um governante." Ser consciente e leal não nos protege necessariamente da traição, e responsabilidades em demasia podem prejudicar o corpo e o espírito. Portanto, os melhores governantes governam sem pedir aos súbditos que sejam leais ou virtuosos, e o melhor governo é aquele que não promove a recompensa, seja riqueza, status ou poder. Quando não existe um sistema de recompensa, não haverá concorrência. Quando não existir competição, não haverá traição. Quando não houver traição, as pessoas poderão ser verdadeiras para consigo próprias.

Os antigos também dizem: "Se puderem dispensar a reputação, então ficarão livres de cuidados. A reputação é apenas um visitante, mas a realidade encontra-se aqui para ficar."

No mundo de hoje, as pessoas dão muita importância à fama, à riqueza, à longevidade e à reputação à custa da sua felicidade. Mas evidentemente não se pode aproveitar a vida se não se tiver riqueza ou longevidade. No entanto, forçar-se à exaustão correndo atrás desses objectivos e não saber quando parar é furtar-se o tempo de que dispomos neste mundo.

LIVRO OITAVO

EXPLICANDO AS COINCIDÊNCIAS

INTRODUÇÃO

Quando duas coisas ocorrem sucessivamente, nós chamamos a isso causa e efeito, caso acreditemos que um evento leve à ocorrência do outro. Se pensarmos que um evento seja a resposta a outro, chamamos-lhe reação. Se considerarmos que os dois incidentes não estão relacionados entre si, chamamos isso mera coincidência. Se pensarmos que alguém tenha merecido o que lhe tiver acontecido, chamamos a isso retribuição ou recompensa, dependendo do evento ser negativo ou positivo para a pessoa em questão.

Se não conseguirmos encontrar um motivo para que os dois eventos ocorram simultaneamente ou próximo no tempo um do outro, chamamos a isso acidente. Portanto, a explicação das coincidências depende da maneira como encaramos o mundo. Achar-se-á tudo interligado, para que os eventos criem repercussão quais ondulações numa rede? Ou as coisas simplesmente ocorrem em sincronia e damos significado a essas ocorrências com base no nosso sistema de crenças? A resposta que Lie Tzu dá é a seguinte: Está tudo na maneira como pensamos.

84 **Acção e Reacção**

LIE TZU ESTAVA A ESTUDAR com o seu mestre Hu Tzu.

"Antes de entenderes o que significa agir, precisas saber o que significa reagir," disse Hu Tzu."

"Pode-me falar mais sobre isso?"

"Vira-te e vê a tua sombra."

Lie Tzu voltou-se e olhou para a sombra dele. Quando se curvava, a sombra curvava-se. Quando ele se endireitava, a sombra esticava-se. Lie Tzu descobriu que a sua sombra não tinha controlo sobre o seu movimento e simplesmente reagia ao que ele fazia. Foi somente então que Lie Tzu percebeu que também somos como sombras, ao reagirmos aos eventos no mundo. Não somos os causadores dos eventos; só podemos responder às situações. Se devemos ser activos ou passivos não depende do que quisermos fazer, mas do que a situação exige.

Wen-Tzu disse a Lie Tzu: "Se formos bons para os outros, os outros serão bons para nós. Se prejudicarmos os outros, acabaremos prejudicando-nos.

As nossas acções produzem reacções que nos seguem quais sombras. Assim como a sombra de uma pessoa alta é alta e a sombra de uma pessoa baixa é baixa, as palavras feias produzirão ecos de fealdade, e as boas intenções produzirão boas reacções. Para toda acção há uma reacção, e para cada causa há um efeito.

"Se alguém os amar, é provável que a amem; Se alguém os odiar, é provável que odeiem essa pessoa. Esta é a maneira típica de reagir. Por conseguinte, o sábio é cuidadoso com respeito às suas próprias acções por saber que os outros lhes reagirão e, examinando as suas próprias acções, ele poderá prever o que as outras pessoas vão fazer. O sábio também sabe que, como ele pode prever as acções dos outros, e assim os outros poderão prever as dele. Portanto, ao esconder suas acções, ele torna-se imprevisível."

85 **Por que as pessoas seguem o caminho do Tao?**

ALGUÉM CERTA VEZ PERGUNTOU A LIE TZU: "Por que é que as pessoas seguem o caminho do Tao? Isso torna-as ricas? Mas depois, uma vez mais, podemos enriquecer-nos ao ganhar a loteria. Então, por que seguir o Tao?"

Lie Tzu disse: "Tiranos e ditadores caíram por colocarem demasiada importância nas riquezas e no poder. Se passares a tua vida a forçar, a empurrando e a agarrar, então não serás melhor do que os animais selvagens. Como poderás angariar o respeito dos outros se agires como uma fera?"

86 **Lie Tzu aprende a arte do tiro ao arco**

LIE TZU APRENDIA o tiro do tiro ao arco e finalmente lá conseguiu atingir o alvo.

Foi até Wen Tzu e disse: "Você tem alguma sugestão sobre como eu poderei melhorar?"

Wen Tzu respondeu: "Sabes por que pudeste atingir o alvo naquele instante?"

"Não."

"Isso não é suficiente bom. Volta e pratica um pouco mais."

Volvidos três anos, Lie Tzu visitou Wen Tzu de novo.

Wen Tzu disse-lhe: "Agora, sabes por que conseguiste atingir o alvo?"

"Sei."

"Isso é óptimo. Lembra-te do que aprendeste e não permitas que a tua prática seja desperdiçada. Por sinal, os princípios do aprendizado do tiro com arco aplicam-se a tudo mais. Se não entenderes o que estiveres a fazer, não poderás agir de forma fiável. Portanto, ao aprender qualquer coisa, seja governar o país ou gerir a tua vida, deves entender os princípios."

87 **Escolher a pessoa certa para o trabalho**

LIE TZU disse: "As pessoas que estão no auge da sua vitalidade muitas vezes orgulham-se do seu vigor. Aqueles que são fisicamente fortes têm ânsia de mostrar as suas habilidades e força. Não se pode discutir o Tao com eles por eles não o apreciarem. Da mesma forma, é inútil falar sobre o Tao com aqueles que são jovens e imaturos. Eles não irão dar ouvidos, e mesmo se deem, eles não serão emocionalmente estáveis o suficiente para se aterem a ele.

"Portanto, a pessoa de expediente gosta de outorgar a responsabilidade às pessoas mais velhas e mais maduras. Idealmente, deves procurar alguém que tenha uma direcção clara na vida, alguém que ainda tenha força física, mas que também tenha um poder permanente e estabilidade emocional. Assim, a chave para a gestão não está no teu próprio talento, mas na capacidade de escolher as pessoas certas."

88 **Poderemos competir com a natureza?**

Havia um homem que passou três anos a esculpir um pedaço de jade numa folha. Ele apresentou a sua obra-prima a um príncipe que ficou muito impressionado com aquilo e que se tornou seu patrono.

A folha parecia tão real que, se a colocássemos entre as folhas reais, não conseguíamos distinguir a diferença. Todos observaram que era uma peça de arte muito bela.

No entanto, quando Lie Tzu ouviu falar disso, ele brincou dizendo: "Se a natureza demorasse três anos a fazer uma folha, então estaríamos em apuros."

Assim, o sábio sabe que não obstante o quanto tentemos imitar as obras da natureza, a natureza ainda conseguirá um trabalho melhor.

89 **As palavras de alguém podem contribuir para o nosso bem ou desgraça**

QUANDO LIEH-TZU morava em Cheng, ele era pobre e morria de fome. Um amigo viu a condição em que se encontrava e falou com o primeiro-

ministro: "Lieh-tzu é um sábio que alcançou o Tao. Ele agora vive no seu país pobre e ignorado. Por que você não lhe manda uma dádiva para mostrar que você aprecia um homem iluminado quando o vê?"

O primeiro-ministro imediatamente enviou uma dádiva de arroz a Lieh-tzu.

Quando o mensageiro do ministro chegou com a dádiva, Lieh-tzu foi à porta, curvou-se duas vezes diante do convidado de honra e recusou educadamente a dádiva.

A esposa dele ficou indignada com o comportamento de Lieh-tzu e repreendeu-o: "As esposas e os filhos de outros sábios vivem confortavelmente e nós estamos às portas da morte por causa de subnutrição. Agora que finalmente conseguimos algum alimento do ministro, por que recusaste? Como podes ter-nos feito isso?"

Lieh-tzu sorriu e disse à mulher: "Deixa-me que te diga por que eu recusei o presente. Se eu for honrado por causa da opinião de outra pessoa, então poderei igualmente ser demitido por causa da opinião de alguém. As palavras das pessoas podem contribuir para o nosso bem, mas também podem contribuir para a nossa desgraça. É por isso que tenho medo de receber qualquer dádiva com base na opinião que alguém tenha de mim. Poderemos não ser ricos, mas é mais seguro assim."

Pouco tempo depois, a popularidade do primeiro-ministro caiu. O rei, influenciado pela opinião pública, mandou-o executar.

90 **Estar no lugar certo à hora certa**

SHIH DO PAÍS DE LU tinha dois filhos talentosos. Um deles destacou-se nos estudos e o outro destacou-se nas artes militares. Depois de discutir o seu futuro com eles, ele enviou o estudioso ao rei de Chi e ao gênio militar ao rei de Chu.

O rei de Chi ficou muito impressionado com os estudos do jovem e fez dele um tutor para o príncipe herdeiro.

O rei de Chu ficou muito satisfeito com as habilidades do outro irmão e o tornou num general.

Ambos os jovens receberam terras ricas e um grande salário, e a família Shih cresceu em fortuna e poder.

Meng, que era um vizinho de longa data da família Shih, viu e invejou o sucesso dos filhos de Shih. Decidiu pedir ao homem rico um conselho sobre

como os seus próprios filhos poderiam encontrar a sua sorte. Meng também tinha tido dois filhos, um talentoso nos estudos e o outro na guerra.

Shih foi muito franco e disse a Meng como os seus próprios filhos se tinham tornado ricos e poderosos. Meng foi para casa e aconselhou os seus dois filhos a ir oferecer suas habilidades aos senhores de dois reinos feudais.

O filho erudito foi ao rei de Chin e apresentou uma proposta de como governar um país com bondade e humildade. O governante de Chin estava prestes a invadir os estados vizinhos, ricos e férteis. Ele considerou a proposta do erudito como um acto de zombaria e um insulto à sua política e disse furioso: "Aqui em Chin, a terra é pobre e montanhosa. Se não invadirmos os estados mais pequenos e mais ricos para conseguir os seus recursos, seremos conquistados por estados poderosos como o de Chi. Se eu seguir a tua proposta, o nosso país será destruído. Por que me tomas, por um idiota?" O rei mandou castrar o estudioso antes de o mandar embora.

O outro filho de Meng foi ao rei de Wei e apresentou uma proposta de acção militar. O rei ouviu os planos e disse: "O meu país é pequeno e fraco. Se eu der ouvidos aos teus conselhos e invadir os estados vizinhos, esse será o fim de Wei. Considerando a situação actual, só podemos esperar sobreviver forjando alianças com os estados mais poderosos. Preciso dos serviços de um diplomata, não de um guerreiro. Eu não posso te posso dar uso, mas temo que venhas a oferecer as tuas habilidades militares aos outros estados." Assim, o rei ordenou que os seus guardas cortassem as pernas do jovem antes de o mandar embora.

Quando Meng viu os seus filhos regressarem, um aleijado e o outro castrado, ficou chocado e furioso. Pensando que Shih lhe tinha lançado um mal e lhe tivesse deliberadamente dado conselhos ruins, ele invadiu a casa de Shih e exigiu uma explicação.

Quando Shih ouviu o que aconteceu com os filhos de Meng, suspirou e disse: "Os heróis e os indigentes são feitos pelos tempos. Os meus filhos estavam no lugar certo no momento certo e os seus estavam no lugar errado na hora errada. Eu simplesmente disse o que meus filhos fizeram. Você pensou que fosse uma fórmula para o sucesso e aplicou-a sem pensar. Às vezes, as coisas que funcionam hoje poderão não funcionar amanhã, e as estratégias que são boas para uma situação podem não funcionar noutra.

Para que algo funcione, o clima político, social e económico precisam ser os correctos. Você pode chamar-lhe “destino” ou “sorte” ou “momento oportuno.” O sábio entende que estar no lugar certo ou errado no momento certo ou errado é algo que não podemos controlar. Portanto, ele aceita o

que lhe acontece e procura lidar com as consequências disso em vez de lutar contra elas."

Quando Meng ouviu aquilo, deixou de sentir-se furioso e percebeu que ele deveria encontrar maneira de conviver com a sua desgraça. E assim disse a Shih: "Já entendi. Não precisa falar mais."

91 **Se eu posso pisar em alguém, alguém pode pisar em mim**

THE KING OF CHIN reuniu os seus ministros e disse-lhes que pretendia invadir o país vizinho de Wei. Quando o primeiro-ministro ouviu os planos do rei, ele jogou a cabeça para trás e riu.

O rei ficou chocado e pediu uma explicação. O primeiro-ministro disse: "Havia um homem do meu bairro que conheceu uma bela mulher enquanto ele e a esposa estavam de visita aos sogros. O homem desejou a mulher e, secretamente encontrou-se com ela. Ao voltar para casa depois da noite fora, ele encontrou a esposa na cama com um outro homem. Quando ouvi aquilo, não pude deixar de rir."

O rei de Chin entendeu a moral da história e não entreteve mais ideias de cobiçar o território de nenhum outro país.

92 **Para resolvermos um problema, precisamos remover a causa, e não o sintoma**

Havia muitos crimes no estado de Chin. O governo tentou diferentes estratégias para prender os ladrões, mas todas falharam. Um dia, como o governante de Chin estivesse atormentado com o agravamento da situação, um oficial disse que havia um homem que conseguia reconhecer tipos criminosos procurando certos traços nos olhos e nas sobrancelhas.

O rei de Chin convocou o homem e pô-lo a caçar os criminosos pelo país. O fez justiça à reputação que tinha, e em sem demora um grande número de ladrões foram capturados e presos. O rei ficou muito feliz com os resultados e relatou-os a Wen-tzu. "Eu encontrei alguém que me pode ajudar prender todos os ladrões do país. Parece que o problema que temos com o crime está resolvido."

Wen-tzu disse: "Você não pode deter o crime confiando em técnicas de perseguição dos criminosos. Se você prender uma centena de ladrões hoje, amanhã haverá outros cem, por estar a lidar com o sintoma, e não com a causa. De qualquer forma, estou disposto a apostar que esse sujeito que você está a usar para caçar criminosos não viverá por muito tempo."

Pouco tempo depois, alarmados com a taxa em que estavam a ser presos, vários gangues de ladrões uniram-se e assassinaram o caçador de criminosos.

O rei ficou alarmado e angustiado com essa notícia e foi a Wen-tzu para obter conselho.

"Foi como você previu," disse o rei. "Agora, como vamos prender esses ladrões?"

Wen-tzu disse-lhe: "Os sábios da antiguidade diziam que aqueles que têm um talento em descobrir peixe nos charcos profundos não têm sorte, e que aqueles que são hábeis em revelar segredos não viverão muito. A melhor maneira de lidar com o crime não é perseguir criminosos, mas educar o público. Empregue pessoas justas e honradas. Instile uma sensação de virtude e de honestidade nos seus súbditos. No devido tempo, à medida que as pessoas chegarem a respeitar as virtudes, a taxa de criminalidade cairá naturalmente."

O rei dessa vez aceitou o conselho de Wen-tzu e criou um programa de educação por todo o país. E, como Wen-Tzu havia predito, quando as pessoas começaram a valorizar a honestidade e a integridade, a taxa de criminalidade caiu. Quando os poucos criminosos intransigentes descobriram que não podiam obter simpatia e apoio dos cidadãos, fugiram de Chin e foram para outro estado.

93 **Confiança e fé**

CONFUCIUS IA DE VIAJEM do estado de Wei de volta para o seu país de origem de Lu quando ele parou para descansar junto a um rio. Olhando rio abaixo, ele viu as águas fluir rapidamente ao longo das margens e cair uma grande altura numa cachoeira espectacular.

De repente, viu um homem na margem oposta que estava prestes a mergulhar no rio. Ele chamou o homem alarmado e disse: "As águas são muito rápidas e profundas. Até mesmo os peixes e as tartarugas têm medo de se aproximar desta parte do rio. Se tentar nadar, irá afogar-se."

O homem agiu como se não tivesse ouvido uma palavra do que Confúcio tinha dito. Ele saltou para o rio e nadou vagarosamente. Confúcio ficou surpreso com o facto do homem conseguir tal façanha. Quando o homem se saiu para a margem, Confúcio aproximou-se dele e disse: "Nunca vi ninguém com tanta habilidade em natação. Como conseguiu evitar ser varrido pelos rápidos?"

O homem respondeu: "Quando estou na água, confio nas águas e tenho fé em mim mesmo. Por isso, independentemente quão rápido as águas corram, não tenho medo. Com fé e confiança, tornei-me amigo do rio. Por conseguinte, posso nadar através dele que isso não me prejudica."

Confúcio voltou-se para os seus alunos e disse: "Lembre-se bem destas palavras. Se, com fé e confiança vocês conseguirem fazer amizade com um rio, quanto mais não poderão elas ajudá-los a fazer amizade com as pessoas?"

94 **A melhor maneira de manter um segredo é não falar**

UM NOBRE QUE PLANEAVA matar dois dos seus rivais queria ver se as pessoas conseguiam ver os seus motivos. Ele foi a Confúcio e disse: "Será que alguém adivinhará os nossos segredos se deixarmos pistas?"

Confúcio não respondeu.

"Suponha que você jogue uma pedra no rio. Alguém notará nisso?"

"Um bom mergulhador."

"Se você misturar as águas de dois rios juntos, alguém será capaz de as apartar?"

"Ouvi dizer que há algumas pessoas que possuem essa habilidade."

"Neste caso, poderá não haver segredos?"

Confúcio disse: "Por que não? Alguém que ouça e entenda bem, poderá ser capaz de manter um segredo. Isso é por não precisarmos falar muito para que ele compreenda o nosso ponto de vista. Quanto menos falarmos, menos iremos revelar. Assim, a melhor maneira de manter um segredo é não falar e a melhor maneira de ter as coisas feitas é não as fazer."

O nobre não entendeu bem o que Confúcio quis dizer. No final, os seus planos de traição e de assassinato foram descobertos, e ele próprio foi morto.

95 **Aqueles que têm êxito não são animados pelo sucesso; Aqueles que sabem não exibem os conhecimentos que têm**

O PRÍNCIPE DE CH'U ordenou que os seus generais atacassem um estado rival. Poucos dias depois, os mensageiros voltaram com a notícia de que os comandantes tinham saído vitoriosos e que tinham tomado duas grandes cidades.

O príncipe estava a tomar uma refeição quando os mensageiros chegaram. Ele ouviu o relatório e depois ficou preocupado. Os seus subordinados ficaram confundidos com comportamento do seu amo e perguntaram: "Os nossos generais tomaram duas cidades num dia. Esta é uma óptima notícia, senhor. Por que não está excitado?"

O príncipe respondeu: "Nos velhos tempos, diziam que uma grande inundação não dura mais que três dias. Também foi dito que uma forte ventania não dura até à manhã, e que não pode chover o dia todo. O que isso significa é que grandes acontecimentos não durarão muito, e que as realizações repentinas e grandiosas não são permanentes. Tenho medo de que o nosso sucesso inicial não dure, e se nos deixarmos entusiasmar com isso, nos tornemos negligentes e, eventualmente, sermos vencidos."

Quando Confúcio ouviu isso, disse: "Com um governante desses, o estado de Chu tornar-se-á muito poderoso. O príncipe é um homem que não se deixa levar pelo sucesso, mas que se deixará ficar calmo e estável, independentemente das circunstâncias. É fácil obter êxito e deixar-se entusiasmar com ele, mas é difícil tratar o sucesso como um caso normal e quotidiano e não deixar que ele nos perturbe os planos. O estado de Chu irá durar por muito tempo.

"Quando um regente fica orgulhoso com o sucesso, você pode ter certeza de que o país irá sair enfraquecido. Foi o que aconteceu com os estados de Chi, Wu e Yeh. Os seus reis não entenderam que as conquistas de curto alcance não garantem o sucesso a longo prazo."

Dizia-se que Confúcio tinha força para levantar um portão de ferro, mas nunca mostrou essa sua força. Quando Mo Tzu e um famoso estrategista militar disputaram uma jogada bélica em um tabuleiro de xadrez, Mo Tzu ganhou facilmente. E, no entanto, Mo Tzu nunca foi conhecido como especialista em artes marciais.

Portanto, aqueles que obtêm o êxito não se revelam no seu sucesso, e aqueles que conhecem não exibem os seus conhecimentos.

96 **Fortuna e Azar**

NO PAÍS DE SUNG vivia uma família conhecida pela sua generosidade e bondade. Durante três gerações, todos os membros da família tinham ajudado os pobres e necessitados, mas um dia aconteceu algo estranho em casa - a vaca negra deu à luz um bezerro branco. O chefe da família ficou curioso com relação ao significado do presságio, assim enviou o seu filho a consultar Confúcio.

Confúcio disse: "Este é um excelente presságio para a sua família. Você deve sacrificar o bezerro e agradecer aos senhores do céu."

A família fez o que Confúcio sugerira.

Um ano mais tarde, o chefe da família de repente ficou cego de um olho, e ao mesmo tempo, a sua vaca negra deu à luz um bezerro branco. Mais uma vez, o pai disse ao filho para ir perguntar a Confúcio o significado daquilo. O seu filho disse: "Da última vez que Confúcio nos disse que o bezerro branco era um bom presságio, você perdeu um olho; que haverá de tão bom nisso? Eu não acho que devamos mais consultar Confúcio."

O pai disse: "A sabedoria dos sábios está além do nosso entendimento. Além disso, muitas vezes não é evidente se algo é bom ou ruim à primeira vista. Vai e inquire novamente Confúcio.

Relutantemente, o filho foi a Confúcio e descreveu a situação. Confúcio disse: "Este é um excelente presságio. Vá para casa e diga ao teu pai para dar graças pela boa sorte que teve."

Um ano depois, sem motivo aparente, o filho perdeu a visão em ambos os olhos.

Pouco depois, o país de Sung foi atacado pelo poderoso estado de Chu. Todos os homens com validade foram recrutados para o exército. Eventualmente, as pessoas de Sung conseguiram manter os invasores à distância, mas à custa da perda de muitas vidas. O pai e o seu filho cego escaparam do recrutamento apenas por se encontrarem incapacitados.

Depois que a guerra terminar e os vizinhos prantearem os maridos e filhos perdidos, o menino cego percebeu que o seu infortúnio na realidade representava uma boa sorte. Pouco depois, tanto o pai quanto o filho recuperaram de repente a visão.

Algo que pareça uma desgraça agora pode vir a revelar-se benéfico mais tarde, e vice-versa. Se pudermos encarar fortuna e azar desta forma, ficaremos menos infelizes quando a desgraça nos atingir. Também será menos entusiasmados quando tivermos a sorte, e assim, ficaremos menos deprimidos quando a sorte se for embora.

97 **Uma questão de sorte**

Houve um acrobata errante que se ofereceu para representar perante o rei de Sung. “Mostra-me o que sabes fazer,” disse o rei.

O acrobata amarrou as pernas a um par de pernas de pau mais altas que dois homens, levantou-se sobre elas, e correu para trás e para a frente. O trabalho de pés dele era tão ágil e o seu equilíbrio tão preciso que as pernas de pau pareciam como que extensões das pernas. Então ele pegou em sete espadas e, equilibrando-se sobre as pernas de pau de novo, fez malabarismos com as sete armas, mantendo cinco delas a girar no ar o tempo todo.

O rei ficou impressionado com a habilidade do acrobata. Ele deu o performer um presente bonito composto de sedas e ouro.

Um outro acrobata ambulante ouviu falar disso e decidiu que iria tentar obter uma recompensa representando diante do rei. Então ele foi ao palácio, e ofereceu-se para entreter o rei, e prosseguiu demonstrando a habilidade que tinha no trapézio. Após o desempenho, o rei franziu o cenho e disse: "Outro dia um artista veio demostrar os seus truques, e encontrando-me de bom humor despedi-lo com alguns presentes. Tu deves ter ouvido que podias conseguir um dinheiro rápido mostrando os teus. Bem, não estou com disposição para entretenimentos, hoje."

Sem mais discussão, o rei mandou punir e encarcerar o acrobata. Felizmente para o artista, o humor do rei mudou após alguns dias e o cantor foi libertado.

A sorte trouxe ao primeiro acrobata fortuna, e a falta de sorte trouxe ao segundo infelicidade, mas no final, foi a sorte que o salvou. Quer atribuamos sorte a um acto de algum deus ou da natureza, ou aos caprichos de um homem poderoso, ela desempenha um grande papel no nosso destino. E se pudermos reconhecer o seu papel, não ficaremos tão frustrados ou irritados se tivermos "azar" nem animados e orgulhosos quando tivermos "sorte."

98 **Ver para além das aparências**

PO LO ERA UM CRIADOR DE CAVALOS que era conhecido pela estranha habilidade que tinha em reconhecer cavalos excepcionais. Ele tinha servido o seu rei durante muito tempo e era responsável por criar os melhores cavalos do país.

Agora que Po Lo estava a ficar velho e fraco, o rei ficou preocupado que o criador de cavalos não deixasse nenhum sucessor quando morresse. Assim, ele aproximou-se de Po Lo e disse: "Você está avançado nos anos, mas eu não posso deixar que se aposente para viver uma vida confortável por não conseguir encontrar ninguém que possua a sua habilidade de reconhecer cavalos excepcionais. Terá alguém na sua família que você possa recomendar como seu sucessor?"

Po Lo disse: “Pode-se reconhecer um bom cavalo observando-lhe seus músculos, a estrutura óssea e a aparência geral. No entanto, os melhores cavalos não podem ser identificados apenas pela aparência. O seu potencial só pode ser visto quando eles estão desenvolvidos, e devemos treiná-los cedo para que eles percebam plenamente o potencial que têm. Esses cavalos excepcionais têm uma velocidade e resistência formidáveis. Conseguem transportar um guerreiro com plena armadura e executar mil milhas sem descanso. Infelizmente, ninguém na minha família possui esta habilidade. Os meus filhos podem distinguir bons cavalos dos cavalos médios, mas são incapazes de reconhecer esses ‘cavalos que correm milhas de milhas’.”

Diante do desapontamento que invadiu o rei, Po Lo disse: “Contudo, eu conheço alguém que tem essa habilidade. Seu nome é Kao e ele é um carregador que reboca madeira e vegetais para o mercado para viver. Ele é apenas um trabalhador comum, mas a habilidade que tem em reconhecer um cavalo premiado é tão boa quanto a minha.”

O rei mandou chamar Kao e o encarregou-o de encontrar cavalos lendários. Após três meses, Kao encontrou tal cavalo numa região remota. Ele relatou isso ao rei, que disse: "Que aspecto tem?"

"É uma égua amarela," disse Kao.

Quando o cavalo foi trazido para os estábulos do palácio, o rei viu que não era uma égua amarela, mas um garanhão negro. Ele mandou chamar Po Lo e disse com raiva: “Esse sujeito que você me recomendou não é bom. Ele disse-me que o cavalo era uma égua amarela, e o que nós temos aqui é um garanhão negro. Ele não consegue nem ver a diferença entre um garanhão e uma égua, quanto mais a cor do pelo. Como poderá ele servir-me como criador de cavalos?”

Po Lo suspirou e disse: “A habilidade dele aumentou além da minha imaginação. A sua capacidade agora é pelo menos dez mil vezes melhor do que a minha, pois enquanto eu ainda julgo um cavalo pelos matizes da aparência, ele consegue ver além da aparência. Quando ele vê um cavalo, ele não vê masculino ou feminino, negro ou amarelo. Ele vê a essência do cavalo directamente. E quando se consegue ver assim, os recursos externos não são importantes. O importante sobre o cavalo é o seu potencial, não se é uma égua ou um garanhão, ou se tem pele amarela ou negra.”

Quando o cavalo foi treinado, o rei descobriu que possuía o melhor cavalo no país.

99 **Governar a vida e governar um país**

Um certo juiz foi pedir conselho a um sábio.

"Pode-me dizer como poderei governar bem o meu país?"

"Eu só sei como governar a minha vida. Não sei nada sobre política."

"Eu sou responsável pela administração dos santuários ancestrais e por realizar cerimônias de acção de graças à terra e aos deuses do céu, e desejo fazê-lo bem."

"Ouvi dizer que alguém que saiba gerir bem a sua vida não poderá fazer nada de errado com o governo de um país. No entanto, também ouvi dizer que alguém que não consiga administrar bem a sua vida nunca poderá ser um bom líder."

"Bom," disse o rei, "Você chegou à questão."

100 **Posição, Riqueza e Capacidade podem Trazer-nos problemas**

UM SÁBIO DISSE CERTA VEZ a Sun Shu Ao, "Há três coisas na vida que garantidamente nos causam problemas. Sabe quais são?"

"Eu não."

"São a posição, a riqueza e a capacidade. Se ocuparmos um elevado cargo no governo, outros políticos odiar-nos-ão. Se formos ricos, as pessoas ressentir-se-ão de nós. Se formos muito inteligentes, o rei irá ficar com ciúmes de nós. Essas três coisas irão trazer-nos problemas se não nos custarem a vida."

"Se eu for humilde em relação à minha posição, se for generoso com a minha riqueza, e se for modesto em relação às capacidades que tenho, poderei evitar problemas?"

O sábio sorriu e não disse nada.

Anos depois, quando Sun Shu Ao se encontrava no seu leito de morte, ele contou ao filho: "Quando eu estava no cargo, o rei ofereceu-me um dos feudos mais ricos do país, mas eu não o aceitei. Após a minha morte, ele irá oferecer-to a ti. Não deves aceitar as terras ricas e centrais. Aceite apenas as regiões pobres e remotas que ninguém queira. Desse modo, tu e teus descendentes viverão por muito tempo."

Como o Sun Shu Ao havia previsto, o rei ofereceu à família Sun a terra mais rica do país. Tomando o conselho de seu pai, o filho rejeitou educadamente o presente do rei e pediu uma região pobre e remota. O rei concedeu-lhe o desejo, e enquanto muitos nobres se levantavam e caíam do poder, os descendentes de Sun Shu Ao viveram em paz e mantiveram os seus feudos por muitas gerações.

101 **Aplicando um mesmo princípio a todas as situações**

HAVIA UM ERUDITO CONFUCIANO que viajava da sua cidade natal para a capital. Quando passava por uma área tranquila e pouco percorrida, um grupo de bandidos roubou-lhe o dinheiro, o cavalo e a carruagem.

O erudito prosseguiu a sua jornada a pé como se nada tivesse acontecido. Os ladrões ficaram surpresos com o facto de a sua vítima não ter mostrado sinais de desapontamento ou sofrimento, então eles voltaram até ele e perguntaram: "A maioria das pessoas fica alarmada quando perde os seus pertences, mas você não está. Por quê?"

O erudito disse: "Um homem de virtude não se apega às suas posses. Além disso, ele não satisfará as suas necessidades tomando coisas que não sejam suas."

Os bandidos olharam um para o outro e disseram: "Parecem palavras de um sábio."

Mais tarde, quando os assaltantes tiveram tempo para reflectir naquilo, comentaram entre si: "Um sábio assim será alçado ao poder no governo e enviará a polícia atrás de nós. É melhor matá-lo antes de chegar à capital."

Assim, eles correram atrás do erudito e mataram-no.

Quando a notícia da morte do erudito atingiu a capital, um ancião de família contou aos membros do seu clã: "Quando vocês se depararem com bandidos, não ajam como aquele estupido erudito."

Pouco tempo depois, um dos membros mais jovens desse clã foi em negócios às áreas remotas do país e deu com alguns bandidos. Lembrando-se do que o ancião da família havia dito, o jovem discutiu com os ladrões em defesa das suas posses. Quando os bandidos partiram com os seus pertences, o homem ainda assim não desistiu. Correu atrás dos assaltantes e implorou para que lhe devolvessem os bens.

Os bandidos olharam para o jovem e disseram: "Poupamos-te a vida e tu ainda não apreciaste isso. És um tolo e um estorvo, e as tuas pegadas vão-nos levar à polícia. "Assim, os bandidos mataram o homem no local.

102 **Retribuição por acidente**

Havia um homem rico que dava pelo nome de Yu, altivo e orgulhoso. Ele exibia a sua riqueza descaradamente e mostrava-se desprezível para aqueles que não fossem tão prósperos quanto ele. Muitas vezes, ele dava festas na varanda da sua casa, onde, depois de um jantar luxuoso, ele e os seus convidados jogavam uma partida de gamão e de dados.

Uma noite, durante um jogo mais tempestuoso do que o habitual, um jogador obteve uma dupla vencedora de seis aos dados. Houve um grande alvoroço, e todos começaram a aplaudir e a gritar imediatamente. O barulho repentino assustou um pássaro que pairava em torno da varanda. Ele abriu o bico para grasnar e deixou cair um rato morto que carregava na rua abaixo. O rato atingiu o líder de um grupo de mercenários que iam a passar.

O soldado voltou-se para seus companheiros e disse: "Este tal de Yu, está a deixar-me nervoso. Ele é orgulhoso e pretensioso e pensa que o seu dinheiro pode conseguir tudo o que quer. Nunca o ofendemos, e ele atira-nos com este rato morto. Eu não posso mais aceitar esse tipo de tratamento. Se eu não vingar o insulto, eu serei alvo da chacota de todos os lutadores!"

Mais tarde naquela noite, o líder dos mercenários convocou uma reunião de todos os soldados profissionais da área e disse: "O nosso código de honra foi violado. Não seremos vingados até matarmos toda a família de Yu."

Os soldados foram à casa dos ricos nas primeiras horas da manhã e mataram todos os presentes.

103 **Confundindo designação e realidade**

UM HOMEM DAS PROVÍNCIAS ORIENTAIS ia a viajar por uma estrada raramente usada quando desmaiou. Aconteceu que um assaltante estava de passagem e notou o homem caído no caminho.

Ao ver que o viajante ainda estava vivo, o ladrão começou a tentar que o homem retomasse os sentidos, oferecendo-lhe comida e água. Após um bocado, o homem abriu os olhos. Vendo um homem rude e feroz inclinado sobre ele, disse: "Quem é você?"

O ladrão disse: "Eu sou Chiu da região de Hu-fu."

Alarmado, o viajante disse: "Você não é aquele ladrão infame que é procurado por toda a parte, é?"

"Sou."

"Então, por que me deu comida? Ajudou-me por me ter associado ao seu tipo? Eu sou um homem de virtude e não como nada que venha de um criminoso."

O viajante de seguida tentou vomitar a comida que o ladrão lhe havia dado. Eventualmente, ele sufocou co o próprio vómito e morreu.

Mesmo que Chiu fosse um criminoso, a intenção e acção de que usou nesta situação não forram criminosas. Embora ele tenha cometido crimes imperdoáveis, a comida e a água que lhe deu nada tinham de criminoso. Os hipócritas muitas vezes seguem cegamente um princípio sem o compreenderem e, assim, confundem designação e realidade.

104 **Morrer por alguém que os valoriza é natural**

HOUVE UM SERVENTE que achou que o seu mestre não apreciava as suas habilidades, de modo que renunciou ao cargo e foi viver como um eremita junto ao mar. Ele jurou que preferia viver de bolotas e castanhas do que receber rações do seu senhor.

Não muito tempo depois, o senhor foi atacado pelos seus rivais. O antigo servente imediatamente veio em socorro do senhor. Alguns dos amigos do servente disseram-lhe: "Então, a princípio deixaste o teu mestre por ele não te valorizar. Como é que te sentes tão ansioso para lutar por ele agora? Nós ouvimos falar de pessoas que morreriam por um senhor que as apreciasse, mas nunca ouvimos falar de pessoas que dessem as suas vidas por alguém que não as valorizasse."

O servente disse: "Eu o deixei por ele me ter envergonhado ao não reconhecer as minhas capacidades. Agora vou ter a minha vingança. Eu o envergonharei na frente de seus companheiros príncipes morrendo por ele."

Morrer por alguém que nos valorize e recusar-se a morrer por alguém que não nos aprecia é natural. Fazer o oposto por despeito e vingança é violar a ordem natural das coisas.

105 **Confuso com tantas alternativas**

O VIZINHO DE YANG CHU perdeu uma ovelha. Toda a família, junto com amigos, parentes e até mesmo servos de Yang Chu, partiram à procura do animal.

Quando Yang Chu viu a comoção, disse ao vizinho: "Por que mandar tanta gente à procura de uma ovelha?"

“Há muitas bifurcações na estrada, e não sabemos qual delas a ovelha poderá ter tomado.”

Um pouco mais tarde, o grupo de busca retornou. Yang Chu perguntou ao vizinho: “Você encontrou a sua ovelha?”

“Não. Havia muitos caminhos, e não tivemos gente suficiente para os pesquisar.”

Depois de ouvir isso, Yang Chu franziu a testa e não disse uma palavra o dia todo. Os seus alunos pensaram que o mestre estivesse a comportar-se de modo estranho, pelo que lhe perguntaram: “Ovelhas não são gado assim tão valioso. Além disso, não é uma ovelha sua. Por que está tão infeliz?”

Quando Yang Chu não respondeu, um dos estudantes, Meng, foi até Hsin Tu Tzu, um dos amigos de Yang Chu, a ver se ele poderia ter alguma pista sobre o porquê do seu mestre estar a comportar-se daquele modo.

Hsin Tu Tzu acompanhou Meng na visita a Yang Chu. Quando viu Yang Chu, disse: “Havia três irmãos que foram aprender a virtude. Quando voltaram para casa depois de terminarem os seus estudos, o pai perguntou-lhes o que tinham aprendido. O filho mais velho disse: “Ser virtuoso é valorizar o meu corpo e nunca sacrificá-lo pela reputação.”

O segundo filho disse: “Ser virtuoso é sacrificar o meu corpo por causa da honra e da reputação.” O terceiro filho disse: “Ser virtuoso é cuidar do meu corpo e preservar a minha reputação.” Os três meninos foram aprender com os alunos de Confúcio e, no entanto, eles chegaram em casa com três entendimentos diferentes da virtude. Quem estaria correcto?”

Yang Chu disse então: “Havia um homem que morava junto a um rio e ganhava a vida passando as pessoas. Ele também era um excelente nadador e muita vez resgatou pessoas que tinham tentado cruzar o rio a nado e tinham falhado. Em resultado, recebeu muitos presentes de pessoas gratas, cujas vidas ele salvara e logo se tornou num homem muito rico.

“Houve muita gente que ouvira falar da experiência que ele tinha em natação e que quis aprender com ele. Todos contavam vir igualmente a ganhar muito dinheiro se aprendessem os segredos da natação, com o resgate de pessoas que caíam no rio. No entanto, mais de metade das pessoas que vieram aprender a nadar afogaram-se. Todas aprenderam do mesmo homem, mas alguns conseguiram e alguns falharam.”

Hsin Tu Tzu assentiu e partiu sem dizer uma palavra. Meng fo no seu alcance e disse-lhe: "O que é que tudo isto significa? Vocês os dois não disseram coisa com coisa. Agora estou ainda mais confuso do que nunca.”

Hsin Tu Tzu disse aos estudantes de Yang Chu: "Os nossos amigos não conseguiram encontrar a ovelha perdida por se encontrarem confusos com a diversidade de caminhos. Os instrutores de nadador afogaram-se por estarem ansiosos por tentar métodos diferentes. Existe apenas um princípio na aprendizagem do Tao. Não se deixar inundar por demasiadas escolhas. Quando se tenta todas as alternativas, fica-se completamente confuso e não se aprende nada. A única maneira de aprender é focar-se numa técnica, chegar à fonte e não abandoná-la até completar a aprendizagem.

"Estou surpreendido que você tenha estado com o seu mestre por tanto tempo e ainda não entenda estas coisas."

106 **Yang Pu e o cão**

UM DIA YANG PU, o irmão de Yang Chu, saiu da casa envergando uma veste branca. Quando ele chegou a casa, caía uma forte chuvada e o pátio estava molhado e lamacento. Yang Pu rapidamente entrou no seu quarto e vestiu uma veste preta para não sujar a branca.

Quando saiu, o cachorro ladrou e grunhiu na direcção dele. Yang Pu pegou uma vara e estava prestes a bater no cachorro quando o seu irmão Yang Chu o deteve e disse: "Não castigues o cachorro. O comportamento dele foi absolutamente natural. Se ele tivesse saído da casa com um envoltório branco e depois tivesse voltado vestindo um preto, também não ficarias chocado?"

107 **Conhecimento e Acção**

HAVIA UM HOMEM que conhecia os segredos da imortalidade. O rei dos de Yen enviou um mensageiro para obter essa informação, mas o mensageiro atrasou-se, e o homem morreu antes que o pedido do rei chegasse. Quando o enviado voltou para o palácio, o rei ficou furioso e quis que o mensageiro fosse executado.

Um dos ministros favoritos do rei, que por acaso se encontrava por perto, aconselhou o rei: "Se o homem que afirmava conhecer os segredos da imortalidade não conseguiu manter-se vivo, como poderia ele ter qualquer coisa a oferecer-lhe?"

O rei assentiu e pensou que era uma boa observação. Em consequência, libertou o mensageiro.

Havia outro homem que também quis aprender as artes da imortalidade. Quando ele soube que um eremita que possuía esse segredo acabara de morrer, ele bateu no peito e lamentou a perda de uma ótima oportunidade.

Quando um filósofo ouviu falar desses incidentes, ele disse: "Essa gente queria aprender os segredos da imortalidade. Mas em cada um dos casos, os próprios mestres, como eram chamados, morreram. Isso mostra que esses mestres eram uma fraude. Por que arrepender-se do não se pode aprender com eles?"

O mestre de Lie Tzu, Hu Tzu, discordou disso e disse: "Há algumas pessoas que conhecem os princípios de uma aptidão e no entanto não conseguem aplicá-la. E há quem consiga aplicar os princípios sem saber o que sejam. Uma vez que houve um grande matemático que passou os seus segredos ao filho. O jovem memorizou a teoria, mas não conseguiu aplicá-la. Outro indivíduo tirou a informação ao filho e aplicou-a com sucesso. Não há nada incomum em alguém que possa transmitir uma teoria, mas não a aplicação. Portanto, não é irracional que os mortais possam possuir informações sobre imortalidade."

O conhecimento é o precursor da acção, mas a acção não é necessariamente o precursor do conhecimento. É caso raro que alguém conheça a teoria e a saiba aplicar. Quanto à questão de saber se é mais fácil obter a acção do conhecimento ou induzir o conhecimento da ação, é difícil dizer.

108 **Capturar e liberar - um ato de compaixão ou de crueldade?**

HAVIA UM CERTANTE NOBRE que encorajava os seus súbditos a presentá-lo com pombas no dia de Ano Novo e que os recompensava de acordo com o número de pombas que eles traziam.

Quando um hóspede perguntou por que ele fazia aquilo, o nobre disse: "O Dia de Ano Novo é um bom dia para fazer acções de compaixão. Eu liberto as pombas que me são trazidas para mostrar como valorizo a vida de todos os seres sencientes."

Então, o convidado disse: "Os seus súbditos sabem que eles são bem recompensados por trazer as aves, pelo que irão competir entre si e tentar capturar tantas pombas quanto conseguirem, em resultado do que algumas das pombas morrerão na contenda. Em resultado, por cada pomba que lhe é trazida, muitas morrerão. Se você for verdadeiramente compassivo, por que não emite uma ordem para proibir a captura de pombas em vez disso? Agora, o seu chamado acto de compaixão não pode sequer compensar a crueldade da morte e da captura."

O nobre percebeu o seu erro e disse: "Você tem razão. Eu farei o que sugeriu."

109 **Quem foi criada para quem a comer?**

CERTO NOBRE realizou uma festa de Acção de Graças. O banquete teve a presença de mais de mil pessoas. Quando alguns gansos e peixes lhe foram presenteados, ele olhou para o céu, suspirou e disse: "O céu é muito bondoso connosco. Ele fornece-nos arroz e cria pássaros e peixes para nós comermos."

Todos os convidados murmuraram e assentiram em concordância com o senhor. No entanto, um dos filhos de um convidado, uma criança de doze anos, levantou-se e disse: "Eu não concordo com isso. A miríade de coisas do céu e da terra diferem apenas de forma e contornos. Nenhum tipo é mais nobre do que outro, e nenhum grupo foi criado em benefício de outro. Todo ser vivo come o que pode conseguir. Nós, seres humanos, comemos peixe e pássaros, os mosquitos sugam-nos o sangue e os tigres comem a nossa carne. Se dissermos que aves e peixes foram criados para que os comamos, então teríamos que admitir que nós, seres humanos, fomos criados para que os mosquitos e os tigres se deleitassem connosco."

110 **Está tudo na nossa mente**

HAVIA UM HOMEM que era tão pobre que precisava mendigar para viver. Inicialmente, os moradores do bairro compadeceram-se dele e davam-lhe esmola. Depois de um tempo, quando perceberam que o homem planeava viver da caridade dos outros, deixaram de o ajudar.

O mendigo caiu no desespero mas por fim lá conseguiu um trabalho servil num estábulo a limpar o esterco de cavalo. Os vizinhos riram dele e disseram: "Você não tem vergonha? Você desceu tão baixo assim para se dispor a limpar estrume de cavalo?"

O pobre homem respondeu: "Todo o trabalho tem o seu lugar na sociedade. A mendicância é vergonhosa, e ainda assim eu mendiguei. Agora que eu tenho um trabalho honesto, por que eu deveria ter vergonha disso?"

Quer uma actividade seja vergonhosa ou não, depende do que você pensa dela.

HAVIA UM HOMEM que tinha o hábito de apanhar as coisas que as pessoas deixavam cair na rua. Ele juntava notas de dinheiro rasgadas e recibos esfarrapados de casas de penhores e de vez em quando contava os itens da colecção. Depois, ia até aos vizinhos e dizia: "Um dia eu virei a ser um homem muito rico."

Quer se seja rico ou não depende do que se pensa acerca disso.

HAVIA UMA FAMÍLIA que tinha uma árvore de plátano no pátio. Os vizinhos vieram e disseram: “Os plátanos dão fruto mas não dão flor. Dá azar ter esta árvore no seu jardim. Devia cortá-la assim que puder.

A família cortou a árvore e despejou a madeira atrás da casa. De imediato, os vizinhos vieram e tiraram os troncos para lenha. A família desconfiou dos motivos dos vizinhos e disse entre si: "Os nossos vizinhos realmente são astutos. Eles disseram-nos que a árvore dava má sorte para eles conseguirem lenha de graça.”

As pessoas são astutas ou não? Está tudo na nossa mente.

HAVIA UM HOMEM que perdera um machado e que suspeitava que o menino da porta do lado lho tivesse roubado. Nos dias seguintes, ele observou os movimentos do menino e decidiu que o comportamento e a aparência dele se assemelhavam aos de um culpado.

Mais tarde, o homem encontrou o machado numa área deserta na floresta. Quando chegou a casa, o menino do vizinho já não parecia um ladrão.

Quer alguém seja culpado ou não depende desde logo da opinião que tivermos da pessoa.

111 **Aqueles que se envolvem ficam confusos; aqueles que observam têm clareza**

HAVIA UM HOMEM que estava tão empenhado em vingar a morte do seu pai que não conseguia pensar em mais nada. Estava tão absorto em fazer planos para a sua vingança que se esqueceu de que segurava a sua bengala invertida. Ele inclinou-se sobre a sua bengala e a ponto afiada penetrou-lhe a bochecha. Um dos seus amigos disse: “Ele está tão mergulhado nos próprios pensamentos que tudo ao seu redor é um borrão.”

Havia outro homem que estava obcecado em ficar rico. Um dia ele entrou no banco e tentou sair com vários sacos de ouro. Os guardas o caçaram imediatamente. Um transeunte disse: “Apenas um tolo pensaria em roubar um banco na presença de guardas armados.”

O homem disse: “Tinha a mente estava tão concentrada no ouro que nem vi os guardas.”

Muitas vezes, você vê pessoas esbarrar contra paredes ou entrar em buracos por estarem tão ocupadas com os seus pensamentos que não vêem o que têm na frente. Quando estamos muito envolvidos numa situação, não podemos ver em linha reta, e as coisas que são óbvias e claras para quem esteja de fora são um borrão para nós. Isso é muito perigoso.

Conta-se que havia certo homem, marinheiro de profissão, que era bastante apaixonado por gaivotas. Todas as manhãs ele ia à praia e nadava no meio delas, que acorriam às centenas.

As criaturas não sentem medo daqueles que pressentem estar em harmonia mental e física consigo mesmos.

Um dia, o seu pai disse-lhe: "Foi-me dito que as gaivotas costumam vir nadar contigo. Gostava que me pegasses uma ou duas para poder brincar com elas." No dia seguinte o marinheiro voltou ao mar como era costume, mas maravilha das maravilhas! As gaivotas voava ao redor, em pleno ar, porém, sem pousar.

Havia perturbação na sua mente e o seu procedimento tinha-se alterado; razão porque os pássaros se tinham tornado conscientes de ele ser um ser humano. Como poderiam enganar o seu instinto?

Chao Hsiang Tzu conduziu cem mil homens a uma caçada pelos maciços centrais. Decidindo pegar fogo à vegetação rasteira ressequida eles acabaram incendiando a floresta inteira, que provocou chamas cujo brilho se podia ver a centenas de milhas de distância. De repente, porém, um homem surgiu por entre os rochedos, como uma aparição, e foi visto a pairar por cima das chamas e do fumo. Todos pensaram tratar-se dum espirito desencarnado. Uma vez o fogo extinto, ele caminhou serenamente ao seu encontro sem revelar qualquer traço que denunciasse ter passado pelo sucedido. Hsiang Tzu ficou maravilhado com aquilo e deteve-o a fim de o examinar cuidadosamente. Na forma que assumia não havia dúvida que e tratava dum homem, na posse de todos os sentidos, além do que a sua respiração e voz o denunciavam nessa qualidade. Por isso o Príncipe inquiriu-o: "Que poder secreto te permite permanecer entre os rochedos e caminhar por entre o fogo?"

"Que quereis dizer com isso de rochedo e isso de fogo?" respondeu o indivíduo. Hsiang Tzu retrocou: "Aquilo de onde saíste é rochedo e o que atravessaste é fogo." O homem respondeu-lhe: "Eu nada sei disso."

Era essa condição de extrema inconsciência que lhe permitia desempenhar as façanhas referidas.

Tendo o incidente chegado aos ouvidos do marquês Wên do Estado de Wei, este questionou Hsiang Tzu acerca do sucedido, comentando: "Que homem extraordinário não será este!"

"Pelo que me foi dado escutar do meu mestre", respondeu Hsiang Tzu, "aquele que alcança a harmonia com o Tao penetra em uníssono com os objectos externos e estes deixam de possui o poder de os ferir ou impedir. Atravessar metal sólido ou rocha, caminhar por entre o fogo ou à superfície da água – tudo isso se torna possível para ele."

"Porque não tendes vós, meu amigo, o poder de fazer o mesmo?" perguntou o marquês.

"Eu ainda não consegui alcançar tal estado de purificação do coração e de esquecimento do saber. Só posso encontrar prazer em debater tais questões numa abordagem experimental."

"Mas porque não executa o vosso mestre as mesmas façanhas?" prosseguiu o marquês.

"O mestre", retribuiu Tzu Hsia, "é capaz de desempenhar o mesmo, mas é igualmente capaz de se refrear quanto a levá-las a cabo."

O marquês ficou deliciado com a resposta.